

HENRIQUE SUBI

AUTOR
BEST SELLER
+ de 100 mil
livros
vendidos

Manual COMPLETO de

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

COMPLETO PORQUE TEM:

- 1 TEORIA ALTAMENTE SISTEMATIZADA
- 2 QUESTÕES COMENTADAS **+ de 1.000**
- 3 TEMAS DE REDAÇÃO PARA CONCURSOS PÚBLICOS
- 4 EXCERTOS DO MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

WANDER GARCIA
coordenador da coleção

Manual COMPLETO de

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS



HENRIQUE SUBI

Manual COMPLETO de

PORTUGUÊS PARA CONCURSOS

COMPLETO PORQUE TEM:

- 1 TEORIA ALTAMENTE SISTEMATIZADA
- 2 QUESTÕES COMENTADAS ~~+ de 1.000~~
- 3 TEMAS DE REDAÇÃO PARA CONCURSOS PÚBLICOS
- 4 EXCERTOS DO MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

WANDER GARCIA
coordenador da coleção

2014 © Wander Garcia

Coordenador da Coleção: Wander Garcia

Autor: Henrique Subi

Editor: Márcio Dompieri

Gerente Editorial: Paula Tseng

Equipe Editora Foco: Erica Coutinho, Georgia Dias e Ivo Shigueru Tomita

Capa: Linotec

Projeto Gráfico e Diagramação: Linotec

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Henrique Subi

Manual completo de português para concursos / Wander Garcia, coordenador da coleção ; Henrique Subi. – 1. ed. – Indaiatuba, SP : Editora Foco Jurídico, 2014.

1. Português - Concursos 2. Português - Gramática 3. Português - Redação I. Garcia, Wander. II. Subi, Henrique.

ISBN: 978-85-8242-078-2

14-02251

CDD-469.076

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Português : Concursos 469.076

DIREITOS AUTORAIS: É proibida a reprodução parcial ou total desta publicação, por qualquer forma ou meio, sem a prévia autorização da Editora Foco, com exceção do teor das questões de concursos públicos que, por serem atos oficiais, não são protegidas como Direitos Autorais, na forma do Artigo 8º, IV, da Lei 9.610/1998. Referida vedação se estende às características gráficas da obra e sua editoração. A punição para a violação dos Direitos Autorais é crime previsto no Artigo 184 do Código Penal e as sanções civis às violações dos Direitos Autorais estão previstas nos Artigos 101 a 110 da Lei 9.610/1998.

Atualizações e erratas: a presente obra é vendida como está, sem garantia de atualização futura. Porém, atualizações voluntárias e erratas são disponibilizadas no site www.editorafoco.com.br, na seção *Atualizações*. Esforçamo-nos ao máximo para entregar ao leitor uma obra com a melhor qualidade possível e sem erros técnicos ou de conteúdo. No entanto, nem sempre isso ocorre, seja por motivo de alteração de software, interpretação ou falhas de diagramação e revisão. Sendo assim, disponibilizamos em nosso site a seção mencionada (*Atualizações*), na qual relataremos, com a devida correção, os erros encontrados na obra. Solicitamos, outrossim, que o leitor faça a gentileza de colaborar com a perfeição da obra, comunicando eventual erro encontrado por meio de mensagem para contato@editorafoco.com.br.

Impresso no Brasil (05.2014)

Data de Fechamento (05.2014)

2014

Todos os direitos reservados à
Editora Foco Jurídico Ltda.

Al. Júpiter 578 - Galpão 01 – American Park Distrito Industrial
CEP 13347-653 – Indaiatuba – SP

E-mail: contato@editorafoco.com.br
www.editorafoco.com.br

DEDICATÓRIA

A Carlos Henrique Carneiro, pelas lições e amizade que transcenderam os muros da escola

APRESENTAÇÃO

Por que você está diante de um MANUAL COMPLETO de Português para Concursos?

Porque este Manual não se limita a trazer a TEORIA acerca do que é cobrado nos concursos públicos. Ele vai além e traz, também, número expressivo de QUESTÕES COMENTADAS, temas de REDAÇÃO e excertos do MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

Quanto às QUESTÕES COMENTADAS, essenciais ao desenvolvimento do raciocínio e à fixação da matéria, a obra traz mais de 1.000 questões, sendo que todas elas são devidamente comentadas, item por item quando necessário, e foram escolhidas dentre os principais concursos públicos do País.

A obra também é escrita numa LINGUAGEM DIRETA, sem exageros linguísticos e com foco constante na melhor e mais atualizada informação, de modo que se tem um texto que, de um lado, vai direto ao ponto e, de outro, traz o maior número possível de informações úteis para o leitor.

No decorrer do texto há também GRIFOS, NEGRITOS e uso de CORES DIFERENCIADAS, proporcionando ao leitor verificação fácil do início de cada ponto, e das palavras, expressões e informações-chave, facilitando ao máximo a leitura, a compreensão e à fixação das matérias.

Tudo isso sem contar que a obra foi escrita por um AUTOR CONSAGRADO, que já vendeu mais de 100.000 livros na área de concursos e exames públicos e que tem também larga experiência em grandes cursos preparatórios para concursos públicos, presenciais e a distância.

Em resumo, os estudantes e examinandos de concursos públicos e demais interessados têm em mãos um verdadeiro MANUAL COMPLETO DE PORTUGUÊS, que certamente será decisivo nas pesquisas e estudos com vista à efetiva aprovação no concurso dos sonhos.

Boa leitura e sucesso!

SUMÁRIO

PARTE I – INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	19
1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS E CONCURSOS PÚBLICOS.....	21
1.1. POR QUE ESTUDAR INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS?.....	21
1.2. É POSSÍVEL APRENDER INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS?.....	21
2. POSTURA INTERPRETATIVA.....	23
2.1. CONCEITO DE INTERPRETAÇÃO.....	23
2.2. OBJETO DA INTERPRETAÇÃO.....	24
2.3. LEITURA PASSIVA X LEITURA ATIVA.....	26
3. TIPOS DE TEXTO.....	28
3.1. OS DIFERENTES OBJETIVOS DE UM TEXTO.....	28
3.2. FUNÇÕES DA LINGUAGEM.....	29
3.3. TIPOS DE DISCURSO.....	33
3.4. NARRAÇÃO.....	34
3.5. ARGUMENTAÇÃO.....	35
3.6. RELATO.....	37
3.7. EXPOSIÇÃO.....	38
3.8. INSTRUÇÃO.....	38
4. INSTRUMENTOS DE INTERPRETAÇÃO.....	40
4.1. CONTEXTO.....	40
4.1.1. CONCEITO.....	40
4.1.2. INTERTEXTUALIDADE.....	44
4.2. OBSERVAÇÃO.....	48
4.3. ANÁLISE.....	49
4.4. COMPARAÇÃO.....	52

4.5.	INDUÇÃO E DEDUÇÃO.....	53
4.6.	EXPLICAÇÃO, DEMONSTRAÇÃO OU JUSTIFICAÇÃO.....	56
5.	FIGURAS DE LINGUAGEM.....	57
5.1.	CONCEITO	57
5.2.	ESPÉCIES	58
5.2.1.	METÁFORA.....	58
5.2.2.	COMPARAÇÃO OU SÍMILE.....	58
5.2.3.	METONÍMIA.....	59
5.2.4.	ANTÍTESE.....	59
5.2.5.	PARADOXO OU OXÍMORO.....	60
5.2.6.	GRADAÇÃO.....	60
5.2.7.	HIPÉRBOLE.....	61
5.2.8.	ANÁSTROFE.....	61
5.2.9.	QUIASMO.....	62
5.2.10.	HIPÉRBATO.....	62
5.2.11.	SÍNQUISE.....	63
5.2.12.	EUFEMISMO.....	63
5.2.13.	APÓSTROFE.....	64
5.2.14.	PROSOPOPEIA OU PERSONIFICAÇÃO.....	64
5.2.15.	CATACRESE.....	65
5.2.16.	PERÍFRASE E ANTONOMÁSIA.....	65
5.2.17.	SINESTESIA.....	66
5.2.18.	HIPÁLAGE.....	66
5.2.19.	ENÁLAGE.....	66
5.2.20.	ALITERAÇÃO.....	67
5.2.21.	ASSONÂNCIA.....	67
5.2.22.	PARONOMÁSIA.....	67
5.2.23.	ONOMATOPEIA.....	68
5.2.24.	ANÁFORA.....	68
5.2.25.	PLEONASMO.....	69
5.2.26.	POLISSÍNDETO.....	70
5.2.27.	ASSÍNDETO.....	70
5.2.28.	ELIPSE.....	71
5.2.29.	ZEUGMA.....	71
5.2.30.	SILEPSE OU CONCORDÂNCIA IRREGULAR.....	71
5.2.31.	ANACOLUTO.....	72
6.	DICAS FINAIS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS.....	73
6.1.	ADMINISTRE O TEMPO.....	73
6.2.	SUBLINHE AS IDEIAS MAIS IMPORTANTES.....	73

6.3. INTERPRETE TAMBÉM AS QUESTÕES.....	74
6.4. IDENTIFIQUE AS “FALSAS QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO”	74
QUESTÕES COMENTADAS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS	75
PARTE II – GRAMÁTICA	187
1. FONÉTICA.....	189
1.1. CONCEITOS BÁSICOS	189
1.1.1. FONEMA E LETRA.....	189
1.1.2. CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS.....	189
1.1.3. SÍLABAS.....	191
1.2. ENCONTROS VOCÁLICOS.....	192
1.2.1. CONCEITO	192
1.2.2. ESPÉCIES	192
1.3. ENCONTROS CONSONANTAIS	192
1.4. DÍGRAFO	192
1.5. A LETRA “H”	193
1.6. ORTOEPIA.....	193
2. ORTOGRAFIA	195
2.1. CONCEITO	195
2.2. BASES NORMATIVAS.....	195
2.3. COMO ESTUDAR ORTOGRAFIA?	195
2.3.1. LEITURA É FUNDAMENTAL.....	195
2.3.2. QUADRO DE PALAVRAS	196
2.3.3. ALGUMAS REGRAS.....	198
2.4. HOMONÍMIA E PARONÍMIA.....	199
2.5. USO DE EXPRESSÕES E PALAVRAS HOMÔNIMAS.....	200
2.5.1. ABAIXO X A BAIXO.....	200
2.5.2. ACERCA DE X A CERCA DE X HÁ CERCA DE X CERCA DE	200
2.5.3. ACIMA X A CIMA	200
2.5.4. AFIM DE X A FIM DE.....	200
2.5.5. ABAIXO-ASSINADO X ABAIXO ASSINADO.....	201
2.5.6. DEMAIS X DE MAIS.....	201
2.5.7. POR QUE X POR QUÊ X PORQUE X PORQUÊ	201
2.5.8. SENÃO X SE NÃO.....	201
2.5.9. EXPRESSÕES QUE DEMANDAM CUIDADO	202
2.6. SEPARAÇÃO DE SÍLABAS	202
2.7. USO DO HÍFEN.....	203
2.7.1. NA REDAÇÃO.....	203
2.7.2. NA ORTOGRAFIA.....	203

2.7.2.1.	PALAVRAS COMPOSTAS.....	203
2.7.2.2.	PREFIXOS.....	204
2.8.	ACENTUAÇÃO GRÁFICA.....	205
2.8.1.	PROSÓDIA.....	205
2.8.1.1.	SÃO OXÍTONAS AS PALAVRAS:.....	205
2.8.1.2.	SÃO PAROXÍTONAS AS PALAVRAS:.....	206
2.8.1.3.	SÃO PROPAROXÍTONAS AS PALAVRAS:.....	206
2.8.1.4.	PALAVRAS QUE ADMITEM DUPLA PROSÓDIA:.....	206
2.8.2.	REGRAS DE ACENTUAÇÃO.....	206
2.8.2.1.	PALAVRAS PROPAROXÍTONAS.....	206
2.8.2.2.	PALAVRAS PAROXÍTONAS.....	207
2.8.2.3.	PALAVRAS OXÍTONAS.....	207
2.8.2.4.	MONOSSÍLABOS.....	207
2.8.2.5.	NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO.....	207
2.8.3.	OUTROS SINAIS GRÁFICOS.....	208
2.8.4.	CRASE.....	209
2.8.4.1.	CONCEITO.....	209
2.8.4.2.	REPRESENTAÇÃO.....	209
2.8.4.3.	HIPÓTESES GERAIS.....	209
2.8.4.4.	CASOS ESPECÍFICOS.....	209
3.	PONTUAÇÃO.....	212
3.1.	NOÇÃO GERAL.....	212
3.2.	SINAIS DE PONTUAÇÃO.....	213
3.2.1.	PONTO.....	213
3.2.2.	PONTO DE INTERROGAÇÃO.....	214
3.2.3.	PONTO DE EXCLAMAÇÃO.....	214
3.2.4.	RETICÊNCIAS.....	215
3.2.5.	VÍRGULA.....	215
3.2.6.	PONTO E VÍRGULA.....	218
3.2.7.	DOIS-PONTOS.....	219
3.2.8.	ASPAS.....	219
3.2.9.	PARÊNTESES.....	220
3.2.10.	COLCHETES.....	222
3.2.11.	TRAVESSÃO.....	222
3.3.	ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	223
4.	MORFOLOGIA.....	223
4.1.	CONCEITO.....	223
4.2.	CLASSES DE PALAVRAS.....	223
4.2.1.	SUBSTANTIVOS.....	223

4.2.1.1.	CONCEITO.....	223
4.2.1.2.	CLASSIFICAÇÃO	223
4.2.1.3.	FLEXÕES DO SUBSTANTIVO.....	226
4.2.2.	ADJETIVOS	231
4.2.2.1.	CONCEITO.....	231
4.2.2.2.	GRAUS	231
4.2.2.3.	GENTÍLICOS.....	233
4.2.2.4.	LOCUÇÕES ADJETIVAS	236
4.2.3.	ADVÉRBIOS	237
4.2.3.1.	CONCEITO.....	237
4.2.3.2.	CLASSIFICAÇÃO	238
4.2.3.3.	LOCUÇÕES ADVERBIAIS.....	238
4.2.3.4.	PALAVRAS DENOTATIVAS.....	238
4.2.4.	ARTIGOS.....	239
4.2.4.1.	CONCEITO.....	239
4.2.4.2.	CLASSIFICAÇÃO	239
4.2.5.	NUMERAL.....	240
4.2.5.1.	CONCEITO.....	240
4.2.5.2.	CLASSIFICAÇÃO	240
4.2.6.	PRONOMES	241
4.2.6.1.	CONCEITO.....	241
4.2.6.2.	CLASSIFICAÇÃO	241
4.2.7.	INTERJEIÇÃO.....	246
4.2.7.1.	CONCEITO.....	246
4.2.7.2.	LOCUÇÕES INTERJETIVAS	246
4.2.8.	PREPOSIÇÃO	246
4.2.8.1.	CONCEITO.....	246
4.2.8.2.	CLASSIFICAÇÃO	247
4.2.8.3.	LOCUÇÕES PREPOSITIVAS	247
4.2.8.4.	AGREGAÇÃO DE PREPOSIÇÕES COM OUTROS ELEMENTOS	247
4.2.8.5.	QUANDO USAR (OU NÃO USAR) A PREPOSIÇÃO.....	248
4.2.9.	CONJUNÇÃO.....	249
4.2.9.1.	CONCEITO.....	249
4.2.9.2.	CLASSIFICAÇÃO	249
4.2.9.3.	ESPÉCIES DE CONJUNÇÃO	249
4.2.10.	VERBO.....	252
4.2.10.1.	CONCEITO.....	252
4.2.10.2.	PESSOAS DO VERBO	252

4.2.10.3.	MODOS DO VERBO	253
4.2.10.4.	TEMPOS DO VERBO	253
4.2.10.5.	CONJUGAÇÃO VERBAL.....	254
4.2.10.6.	FORMAS NOMINAIS DO VERBO	263
4.2.10.7.	VERBOS DEFECTIVOS	263
4.2.10.8.	VERBOS ABUNDANTES.....	265
4.2.10.9.	VOZES DO VERBO	266
5.	COLOCAÇÃO PRONOMINAL	270
5.1.	OBJETO DE ESTUDO	270
5.2.	REGRAS APLICÁVEIS.....	271
6.	CONCORDÂNCIA	274
6.1.	CONCEITO	274
6.2.	CONCORDÂNCIA NOMINAL	274
6.2.1.	VISÃO GERAL.....	274
6.2.2.	PRINCIPAIS CASOS	275
6.2.2.1.	QUANDO HÁ SOMENTE UMA PALAVRA DETERMINADA E UMA DETERMINANTE.....	275
6.2.2.2.	QUANDO HÁ MAIS DE UMA PALAVRA DETERMINADA	275
6.2.2.3.	QUANDO HÁ APENAS UMA PALAVRA DETERMINADA E MAIS DE UMA DETERMINANTE..	276
6.2.3.	OUTROS CASOS INTERESSANTES	276
6.2.3.1.	SILEPSE.....	276
6.2.3.2.	“UM E OUTRO”, “UM OU OUTRO”, “NEM UM NEM OUTRO”	277
6.2.3.3.	“MESMO” E “PRÓPRIO”	277
6.2.3.4.	“SÓ” E “SÓS”	277
6.2.3.5.	“TODO” E “MEIO”	278
6.2.3.6.	“MENOS” E “SOMENOS”.....	279
6.2.3.7.	“PSEUDO”.....	279
6.2.3.8.	“LESO”	279
6.2.3.9.	“ANEXO”	279
6.2.3.10.	“POSSÍVEL”	279
6.2.3.11.	“É NECESSÁRIO”, “É PROIBIDO”	280
6.2.3.12.	“ALERTA”	280
6.2.3.13.	ADJETIVOS PÁTRIOS COMPOSTOS.....	280
6.2.3.14.	“MILHAR” E “MILHÃO”	280
6.2.3.15.	PLURAL DAS CORES	281
6.3.	CONCORDÂNCIA VERBAL	281
6.3.1.	VISÃO GERAL.....	281

6.3.2.	PRINCIPAIS CASOS	282
6.3.2.1.	REGRA GERAL	282
6.3.2.2.	SUJEITO COMPOSTO POR DIFERENTES PRONOMES PESSOAIS	283
6.3.2.3.	“UM E OUTRO”, “UM OU OUTRO”, “NEM UM NEM OUTRO”	283
6.3.2.4.	VOZ PASSIVA SINTÉTICA	283
6.3.2.5.	VERBOS IMPESSOAIS	284
6.3.2.6.	“QUE” E “QUEM”	284
6.3.2.7.	CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS	284
6.3.2.8.	SUBSTANTIVOS PRÓPRIOS PLURAIS	285
7.	REGÊNCIA	286
7.1.	CONCEITO	286
7.2.	REGÊNCIA NOMINAL	286
7.2.1.	REPETIÇÃO DA PREPOSIÇÃO	286
7.2.2.	TERMOS QUE INDICAM RESSALVA	287
7.2.3.	CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÃO E ARTIGO DE SUJEITO	287
7.2.4.	ALGUNS CASOS IMPORTANTES DE REGÊNCIA NOMINAL	288
7.3.	REGÊNCIA VERBAL	288
7.3.1.	COMPLEMENTO COMUM A VERBOS DE REGÊNCIA DIFERENTE	288
7.3.2.	EQUIVALÊNCIA DE TERMOS PREPOSICIONADOS E PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS	288
7.3.3.	VERBOS COM MAIS DE UMA REGÊNCIA OU COMUMENTE UTILIZADOS DE FORMA INCORRETA	289
8.	ANÁLISE SINTÁTICA	292
8.1.	NOÇÕES E CONCEITOS GERAIS	292
8.2.	ANÁLISE SINTÁTICA DAS ORAÇÕES	293
8.2.1.	IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS	293
8.2.1.1.	SUJEITO	293
8.2.1.2.	PREDICADO	296
8.2.2.	ELEMENTOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO	298
8.2.2.1.	CONCEITO	298
8.2.2.2.	COMPLEMENTOS VERBAIS	298
8.2.2.3.	COMPLEMENTO NOMINAL	300
8.2.2.4.	ADJUNTO ADVERBIAL	302
8.2.2.5.	ADJUNTO ADNOMINAL	302
8.2.2.6.	APOSTO	305
8.2.2.7.	VOCATIVO	307

8.3.	ANÁLISE SINTÁTICA DOS PERÍODOS	308
8.3.1.	NOÇÕES GERAIS	308
8.3.2.	PERÍODOS COMPOSTOS POR COORDENAÇÃO	309
8.3.2.1.	CONCEITO.....	309
8.3.2.2.	CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS....	310
8.3.3.	PERÍODOS COMPOSTOS POR SUBORDINAÇÃO	311
8.3.3.1.	CONCEITO.....	311
8.3.3.2.	ORAÇÕES DESENVOLVIDAS E ORAÇÕES REDUZIDAS.....	312
8.3.3.3.	CLASSIFICAÇÃO DAS SUBORDINADAS	313
8.3.3.4.	ORAÇÕES SUBORDINADAS NÃO CLASSIFICADAS ...	323
8.3.4.	PERÍODOS MISTOS	324
	QUESTÕES COMENTADAS DE GRAMÁTICA	325
3.	PONTUAÇÃO.....	365
4.	MORFOLOGIA.....	386
5.	VERBO.....	400
6.	CONJUNÇÃO.....	422
7.	PRONOME E COLOCAÇÃO PRONOMINAL	434
8.	CONCORDÂNCIA	452
9.	REGÊNCIA.....	472
10.	ANÁLISE SINTÁTICA.....	477
11.	TEMAS COMBINADOS.....	491
	PARTE III – REDAÇÃO.....	523
1.	OS DESAFIOS DA REDAÇÃO.....	525
1.1.	INTRODUÇÃO.....	525
1.2.	O PROBLEMA DA SUBJETIVIDADE E OS PADRÕES DE CORREÇÃO	526
1.3.	DESENVOLVENDO HABILIDADES	528
1.3.1.	A OBTENÇÃO DE CONHECIMENTOS	528
1.3.2.	A PRÁTICA DE MANUSCREVER.....	529
2.	A ESTRUTURA DO TEXTO DISSERTATIVO.....	529
2.1.	OS DIFERENTES TIPOS DE TEXTO.....	529
2.2.	COMO ESTRUTURAR A DISSERTAÇÃO	530
3.	RASCUNHO X VERSÃO FINAL.....	533
3.1.	COMO USAR O RASCUNHO.....	533
3.2.	APRESENTAÇÃO DO TEXTO FINAL	533
4.	INTEGRIDADE DO TEXTO.....	534
4.1.	COERÊNCIA	534
4.2.	COESÃO.....	536

5. ERROS MAIS COMUNS	537
5.1. ESTRANGEIRISMO	537
5.2. AMBIGUIDADE	538
5.3. CACÓFATO OU CACOFONIA	538
5.4. REPETIÇÃO	538
5.5. PLEONASMO VICIOSO	539
5.6. PROLIXIDADE	540
5.7. OBSCURIDADE	540
5.8. ECO OU POETIZAÇÃO	541
6. TEMAS DE REDAÇÃO DE CONCURSOS ANTERIORES	541
QUESTÕES COMENTADAS DE REDAÇÃO	556

APÊNDICE

EXCERDOS DO MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

PARTE I – AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS	605
CAPÍTULO I – ASPECTOS GERAIS DA REDAÇÃO OFICIAL	607
1. O QUE É REDAÇÃO OFICIAL	607
1.1. A IMPESSOALIDADE	608
1.2. A LINGUAGEM DOS ATOS E COMUNICAÇÕES OFICIAIS	609
1.3. FORMALIDADE E PADRONIZAÇÃO	610
1.4. CONCISÃO E CLAREZA	611
CAPÍTULO II – AS COMUNICAÇÕES OFICIAIS	615
1. INTRODUÇÃO	615
1.1. PRONOMES DE TRATAMENTO	615
1.1.1. BREVE HISTÓRIA DOS PRONOMES DE TRATAMENTO	615
1.1.2. CONCORDÂNCIA COM OS PRONOMES DE TRATAMENTO	616
1.1.3. EMPREGO DOS PRONOMES DE TRATAMENTO	616
1.2. FECHOS PARA COMUNICAÇÕES	618
1.3. IDENTIFICAÇÃO DO SIGNATÁRIO	619
2. O PADRÃO OFÍCIO	619
2.1. PARTES DO DOCUMENTO NO <i>PADRÃO OFÍCIO</i>	619
2.2. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO	621
2.3. AVISO E OFÍCIO	622
2.3.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	622
2.3.2. FORMA E ESTRUTURA	622
2.4. MEMORANDO	626
2.4.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	626
2.4.2. FORMA E ESTRUTURA	626

3. EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS	628
3.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	628
3.2. FORMA E ESTRUTURA	628
4. MENSAGEM	632
4.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	632
4.2. FORMA E ESTRUTURA	635
5. TELEGRAMA	637
5.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	637
5.2. FORMA E ESTRUTURA	637
6. FAX	637
6.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	637
6.2. FORMA E ESTRUTURA	637
7. CORREIO ELETRÔNICO	638
7.1. DEFINIÇÃO E FINALIDADE	638
7.2. FORMA E ESTRUTURA	638
7.3. VALOR DOCUMENTAL	638

PARTE I

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

1. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS E CONCURSOS PÚBLICOS

1.1. Por que estudar interpretação de textos?

O candidato a qualquer concurso público, hoje em dia, deve preparar-se para responder um grande número de questões de diversas disciplinas. Há provas que chegam a cobrar 14 ou 15 delas, nas mais diferentes áreas do conhecimento. Não é difícil reparar, porém, que uma delas é comum a praticamente todos eles: a **Língua Portuguesa**.

Conhecê-la bem, portanto, é fundamental para o sucesso no certame, principalmente considerando a grande quantidade de questões que normalmente lhe são atribuídas. E aqui se encontra um fato que muitos candidatos subestimam: as perguntas relacionam-se, em grande parte, à interpretação de textos.

Vejo muitos alunos que dedicam todo seu tempo de estudos da linguagem às regras gramaticais, deixando de lado os textos. Trata-se de estratégia equivocada, porque em média **50% das questões elaboradas pelas bancas examinadoras versam sobre leitura e interpretação**. Em alguns concursos, o candidato é desafiado a enfrentar 3 ou 4 textos de características bastante diferentes e o número de perguntas que exigem uma perfeita compreensão do que foi lido sobe ainda mais (e ainda há várias outras disciplinas para responder!).

Assim, respondemos à pergunta que inaugura esse capítulo: porque a interpretação de textos é uma habilidade que é testada em todos os concursos públicos, sendo peça-chave da aprovação.

Em parte, a razão do equívoco na preparação nasce do próprio mercado de livros e apostilas voltados para concursos públicos, que não oferece ao candidato material destinado à interpretação de textos. Esse problema fica resolvido com a publicação desse livro que você tem em mãos agora. De outro lado, pode-se também atribuir parcela da culpa aos próprios candidatos, os quais dividido em dois grupos: aqueles que *acham* que não precisam estudar interpretação de textos e aqueles que *acreditam que não é possível* estudar interpretação de textos.

Se você está lendo essas linhas, provavelmente encaixa-se no segundo grupo. Os membros do primeiro grupo normalmente pensam que dominam completamente a Língua Portuguesa e, autopromovendo-se a esse patamar superior, pularam essa parte do livro.

1.2. É possível aprender interpretação de textos?

Como membro do segundo grupo, é hora de deixar de lado sua antiga convicção e perceber que é, sim, possível aprender a interpretar textos!

Quem nunca ouviu alguém dizer que “interpretação de textos ou você sabe, ou você não sabe”, ou ainda que “não adianta correr atrás do prejuízo agora, você deveria ter lido mais desde criança”, ou, pior, que “não tem como estudar interpretação, a saída é ler muito até o dia da prova para treinar a ler mais rápido e perder menos tempo com as questões”? Nada disso é verdade.

Como qualquer outra, interpretar corretamente um texto é uma **habilidade** que pode ser *aprimorada através da prática*. Costumo dizer que é como andar de bicicleta: ao subir nela pela primeira vez, você tenta se equilibrar instintivamente enquanto pedala. Fatalmente levará alguns tombos, mas a prática o levará ao sucesso.

Com a interpretação acontece o mesmo processo. Muitos pensam que ler é um ato meramente **instintivo**, atitude que leva a alguns “tombos” (ou erros) na compreensão daquilo que foi dito. Na verdade, também aqui a prática é essencial para que se extraia o verdadeiro sentido das palavras.

Por isso que alguns insistem em dizer que só é hábil na interpretação quem está acostumado a ler muito, o que dá a entender que, se esse não é o seu caso, estará fadado ao fracasso nessa habilidade. Não podemos negar que, realmente, *ler diferentes tipos de textos ainda é o melhor caminho para praticar a interpretação* e que todos os dias, meses ou anos de vida dedicados à leitura certamente farão diferença nessa aptidão. Mas não é menos verdade que, como em tudo na vida, nunca é tarde para começar!

Principalmente porque existem **instrumentos de interpretação** que irão acelerar bastante esse processo de aprendizagem. Afinal, o candidato a uma vaga em concursos públicos dispõe de pouco tempo para se preparar, fato que não se pode perder de vista em nenhum momento. A proposta, então, é apresentar esses instrumentos para que você possa utilizá-los na hora da prova, facilitando a procura pela resposta correta.

É bom que se diga antes de tudo, para evitar grandes expectativas (que sempre vêm acompanhadas de grandes decepções), que tudo que vamos ensinar você já sabe. E nessa hora você pensou: “Muito obrigado pela informação! Posso ir direto para a Parte II, então, aprender alguma coisa sobre gramática?”. Não, fique comigo. Deixe-me explicar melhor.

Desde o momento em que aprendemos a ler, quando crianças, temos em nosso intelecto todo o necessário para entender aquilo que estamos lendo. Obviamente, para textos mais complexos, exige-se o conhecimento de **fatos, regras ou conceitos** que serão adquiridos apenas ao longo da vida. Conforme esses dados vão se acumulando em nossa memória, nós os usamos conforme são requeridos e assim podemos absorver cada vez mais quantidade de informações ao ler um texto.

Entretanto, esse caminho é percorrido, muitas vezes, sem qualquer preocupação com a **organização das ideias**, ou seja, nossa habilidade de leitura se baseia unicamente no **instinto** de *decifrar os sinais que compõem a linguagem usando como “dicionário” para traduzir os termos tudo aquilo que aprendemos no decorrer de nossa trajetória pessoal e/ou profissional*.

É por isso que digo que somos todos **leitores e intérpretes instintivos**. Todos sabemos ler e interpretar um texto, mas essa tarefa é usualmente realizada de forma mecânica pelo nosso cérebro, que usa os **instrumentos de interpretação** instintivamente (seja buscando um fato em nossa memória, comparando situações semelhantes ou dando maior ou menor relevância à informação de acordo com a imagem que temos daquele que a transmite).

Memorização, comparação e análise são exemplos de instrumentos de interpretação. Note que, mesmo sem saber seus nomes, você os usa nas leituras do dia a dia. Eis a razão de termos dito antes que não existe nada **novo** para ensinar. O que podemos fazer é *mostrar quais são as ferramentas que seu cérebro possui para interpretar um texto e indicar a melhor forma de usá-las*.

Pense em uma caixa de ferramentas desarrumada. Se você precisar da chave de fenda, deverá vasculhar e remexer em toda a caixa até encontrá-la, tornando o trabalho demorado e difícil. Se nosso cérebro é a caixa e as ferramentas são as habilidades de leitura, **estudar interpretação de textos** nada mais é do que *organizar nossa caixa de ferramentas, tornando mais fácil identificar e acessar o instrumento necessário para cumprirmos com êxito a tarefa de interpretar o texto apresentado*.

2. POSTURA INTERPRETATIVA

2.1. Conceito de interpretação

Mas, afinal, o que significa interpretar?

Em sua definição mais conhecida, **interpretar** significa *extrair o sentido*. Observe bem (e aqui já começamos a interpretar): o uso do verbo **extrair**, por sua vez, indica que o **sentido** daquilo que está sendo interpretado não está sempre claro, direto. Na maioria das vezes, é preciso investigar, perscrutar as intenções do autor, analisar a escolha dos termos utilizados, entre outras técnicas, para identificar seu objetivo final.

Uma forma fácil de perceber o resultado do trabalho de interpretação ocorre na música. Lembro-me da primeira vez que ouvi a canção “Sozinho”, de Peninha, cantada pelo próprio autor e de como passei a gostar muito mais da música depois de escutá-la na voz de Caetano Veloso, que a tornou famosa. Peninha, o autor, fez um excelente trabalho ao reunir letra e melodia, mas o **intérprete** Caetano Veloso transmite ao cantá-la muito mais do que a técnica musical. Ele vai além, passando aos ouvintes a verdadeira emoção da história que a canção relata.

A função do intérprete de um texto é a mesma daquele que interpreta a canção. Em uma primeira leitura, absorvemos somente aquilo que é superficial na mensagem transmitida pelo autor, o significado puro das palavras. Ao adotarmos uma **postura interpretativa**, passamos a questionar e aprofundar nosso raciocínio em busca da mensagem central do texto, aquilo que seu autor queria realmente explorar.

Vejamus outro exemplo. Responda para si mesmo: é mais fácil interpretar um texto jornalístico ou uma poesia de Camões?

Sem dúvidas, é mais fácil interpretar a notícia do jornal. Por quê? Porque o texto jornalístico tem como característica marcante a **objetividade**, a intenção de informar sobre fatos concretos. Já a poesia, por sua vez, trabalha com **figuras de linguagem** e palavras mais rebuscadas para manter a métrica e a rima com o intuito de expressar **sentimentos** do escritor.

O que não pode acontecer é cairmos na armadilha de que o texto “fácil”, objetivo e claro, dispensa interpretação. Não. Devemos nos habituar a ler um texto

pretendendo dele extrair seu verdadeiro sentido, qualquer que seja sua modalidade. Haverá interpretações mais fáceis ou mais difíceis, mas o exercício intelectual deve sempre estar presente.

Isso acontece porque o Português é uma língua complexa, cujas palavras costumam apresentar mais de um sentido. Considere o texto abaixo:

“Art. 66. A Casa na qual tenha sido concluída a votação enviará o projeto de lei ao Presidente da República, que, aquiescendo, o sancionará.”

(Constituição da República Federativa do Brasil)

O comando contido na norma jurídica supratranscrita parece direto e claro. Leia de novo. O verbo **sancionar**, segundo o dicionário Michaelis, significa tanto “admitir, aprovar, confirmar” quanto “punir, multar”. O que deve então o Presidente da República fazer? Perceba que mesmo um texto feito para ser objetivo, como um artigo de lei, acaba apresentando palavras que exigem o exercício interpretativo. No caso, os demais termos utilizados, notadamente o verbo **aquiescer**, que significa “concordar”, indicam que o sentido no qual **sancionar** foi empregado é o primeiro: se o Presidente concorda com o projeto de lei, deve aprová-lo, confirmá-lo.

2.2. Objeto da interpretação

Toda espécie de linguagem pode ser interpretada, não apenas a manifestação escrita da língua.

Chamamos de **linguagem** toda e qualquer *forma de comunicação capaz de transmitir uma mensagem entre dois interlocutores*. Nesse conceito amplo, a linguagem pode se apresentar de diferentes formas: linguagem oral, linguagem escrita, linguagem de sinais etc.. Em qualquer dessas instâncias, o *interlocutor deve estar apto a compreender a mensagem que o outro deseja transmitir-lhe*, considerando todas as circunstâncias: em uma conversa, o tom de voz, o uso de gírias, o grau de atenção do interlocutor ao falar influenciam a percepção do destinatário; em um texto escrito, o uso de palavras difíceis, o momento histórico, o veículo de publicação também devem ser levados em conta; na linguagem de sinais, o conhecimento prévio do código utilizado e a velocidade de realização dos sinais permitem maior ou menor compreensão entre emissor e receptor da mensagem.

Tente lembrar-se de uma conversa importante que você teve com um amigo, sua(seu) namorada(o), seus pais ou seus filhos. Além das palavras, observamos também os movimentos do corpo, a direção do olhar, a distância que existe entre as pessoas. Quantas vezes dizemos alguma coisa com certa intenção e o outro lado a recebe de outro jeito, ficando chateado ou irritado sem que pretendêssemos esse resultado? É a famosa frase: “não é o que você disse, mas a forma como você disse”. Estamos sempre interpretando.

A linguagem também se manifesta através de **textos**, que podem ser definidos como *a estrutura linguística capaz de transmitir uma mensagem dotada de sentido con-*

forme a intenção de seu criador. Os textos podem ser **verbais**, quando são compostos por palavras (livros, tabelas); **não verbais**, quando compostos por imagens, sons ou outras espécies de sinais (música, dança, expressão corporal); e **mistos**, quando compostos tanto por palavras quanto por outros elementos (charges, gráficos). Os textos verbais e mistos, por sua vez, subdividem-se em **textos escritos** e **textos orais**.

Texto I – Texto verbal

“O ser humano fala aproximadamente entre 3000 e 6000 línguas. Não existem dados precisos. As línguas naturais são os exemplos mais marcantes que temos de linguagem. No entanto, ela também pode se basear na observação visual e auditiva, ao invés de estímulos. Como exemplos de outros tipos de linguagem, temos as línguas de sinais e a linguagem escrita. Os códigos e os outros tipos de sistemas de comunicação construídos artificialmente, tais como aqueles usados para programação de computadores, também podem ser chamadas de linguagens. A linguagem, nesse sentido, é um sistema de sinais para codificação e decodificação de informações. A palavra portuguesa deriva do francês antigo *langage*. Quando usado como um conceito geral, a palavra ‘linguagem’ refere-se a uma faculdade cognitiva que permite aos seres humanos aprender e usar sistemas de comunicação complexos.”

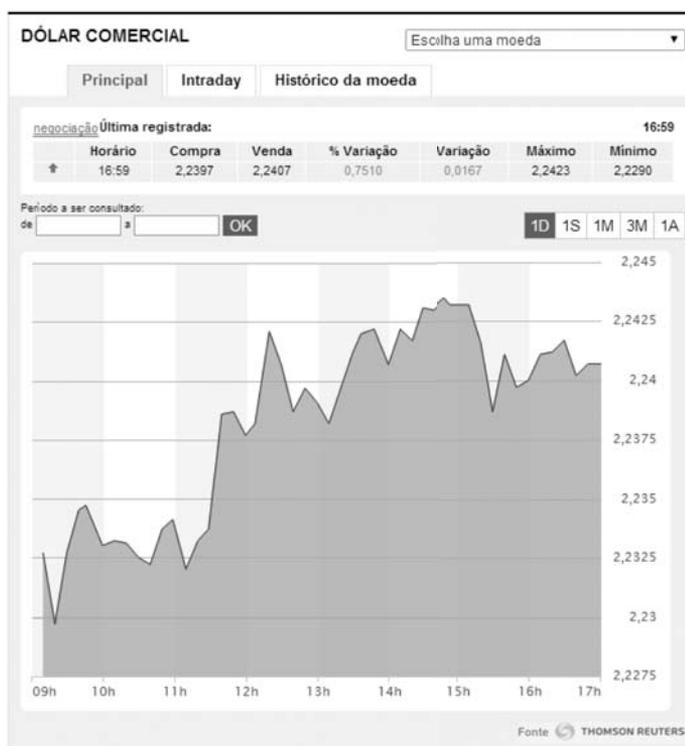
(Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem)

Texto II – Texto não verbal



A conversação, Arnold Lakhovsky (1935)

Texto III – Texto misto



(Fonte: <http://economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/dolar-comercial-estados-unidos-principal.jhtm>)

Na seara dos concursos públicos, interessam-nos apenas os **textos verbais e mistos escritos**, cuja interpretação é objeto de questionamento nas provas. Sendo assim, sobre eles que se baseará todo o alicerce dos **instrumentos de interpretação** que vamos conhecer e os exemplos dados para consolidar o aprendizado.

2.3. Leitura passiva x Leitura ativa

O primeiro passo a dar para evoluir na interpretação de textos é mudar nossa forma de leitura das mensagens que nos são apresentadas a todo momento. Usualmente, adotamos uma **leitura passiva**, despreocupada e superficial, que se contenta com a simples **interpretação literal** das palavras contidas no texto sem atentar para o que se encontra encoberto por elas.

Essa conduta funciona bem para o dia a dia, quando lemos para relaxar ou quando estamos diante de anúncios publicitários, por exemplo. Não se admite, por outro lado, a mesma situação daquele que se prepara para concursos públicos, principalmente durante a prova. Nessa fase, temos de buscar ir além do que foi dito, investigando o que o autor **quis dizer**.

Essa nova abordagem é chamada de **leitura ativa** ou **leitura crítica**, na qual o *leitor do texto passa de simples receptor da mensagem para intérprete das intenções do autor, querendo conhecer as motivações e objetivos ocultos detrás das palavras ou imagens.*

O leitor ativo não se contenta somente com a primeira leitura. Ele *lê uma vez mais* na procura de nuances que lhe tenham passado despercebidas, ou para efetivamente compreender determinado trecho; quando possível, *visita o dicionário* para traduzir os termos que não conhece; ao terminar uma frase ou parágrafo, ele *se pergunta* por que o autor assim se expressou. O leitor crítico é um leitor ávido, que percebe cada detalhe e investiga a razão dele estar ali.

Vamos continuar praticando. Leia o trecho abaixo, a transcrição das primeiras linhas do livro “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” de Clarice Lispector:

Texto IV

“, estando tão ocupada, viera das compras de casa que a empregada fizera às pressas porque cada vez mais matava o serviço, embora só viesse para deixar almoço e jantar prontos (...)”

(LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*)

Lendo passivamente, trata-se de uma passagem da história onde se relata o que pensava a personagem principal. Leia de novo, adotando agora a leitura ativa. Você reparou que o texto, e, portanto, o livro, começa com uma vírgula? Qual a razão? Seria um erro de digitação ou a autora quis transmitir alguma mensagem com esse uso incomum do sinal de pontuação?

Esses questionamentos, oriundos da **atenção** com a qual se realiza a leitura, *constituem a base* da interpretação de textos. Obviamente, o processo segue através da construção das respostas: certamente não estamos diante de um erro de digitação, caso contrário ele já teria sido corrigido; a vírgula representa uma pausa ou inflexão da voz durante a leitura e serve para, dentre outras funções, separar expressões e orações; o texto narra aquilo em que pensava a personagem; portanto, *uma das interpretações possíveis* sugere que o uso da vírgula como primeiro caractere da história indica que ela começa a ser contada *durante* os devaneios da personagem, no meio de seus pensamentos. A autora deixa a mensagem de que fatos ocorreram antes deste momento no qual o leitor encontra a personagem, de que a vida dela não começou ali.

Com base no que foi discutido nesse capítulo, resolva o exercício abaixo julgando cada assertiva como certa (C) ou errada (E). A questão foi elaborada pelo Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (CESPE-UnB), seguindo abaixo o gabarito e breves comentários:

Texto V

Os novos *sherlocks*

“Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos

EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. “Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal”, declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo da vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.”

Pedro Azevedo. Folha Imagem, ago./2004 (com adaptações).

A respeito do texto acima, julgue os itens subsequentes.

- (1) De acordo com o presidente da OAB/SP, as provas técnicas têm sido ampliadas, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.
- (2) Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

1: incorreta. A paráfrase não equivale ao trecho original. A assertiva dá a entender que foi o avanço tecnológico que ganhou espaço no direito brasileiro, sendo que o entrevistado afirma que a prova técnica ganhou espaço, por conta do avanço tecnológico; 2: incorreta, porque a relação está implícita. O texto, puramente, não trata como uma relação de causa e consequência, porque “levar as evidências para análise” também é uma de suas atribuições e não o objetivo delas. Em que pese não seja explícita, a relação causal é uma dedução possível, resultado do exercício de interpretação.

Gabário 1E, 2E

3. TIPOS DE TEXTO

3.1. Os diferentes objetivos de um texto

Dependendo do que estamos buscando com nossa comunicação, podemos adotar diversas **formas** de nos expressar. Cada uma é composta de características próprias que facilitam a transmissão da mensagem para o interlocutor.

Enquanto textos publicitários pretendem convencer-nos a adquirir determinado produto ou serviço, textos jornalísticos buscam informar sobre a ocorrência de um fato e a literatura quer apenas contar histórias. Certamente, ao pensar em casos concretos que ilustrem cada um desses exemplos, você já conseguiu visualizar as diferenças existentes entre eles.

A classificação dos tipos de texto não é uniforme entre os estudiosos da Língua Portuguesa, afinal não há classificação correta ou incorreta (mudam somente os critérios escolhidos para classificar). Há, não obstante, tópicos que aparecem com mais frequência do que outros, razão pela qual podemos construir a lista abaixo como os **tipos de texto majoritariamente reconhecidos**:

TIPO DE TEXTO	FUNÇÃO PRIMÁRIA
Narração	Contar uma história
Argumentação	Defender um ponto de vista
Relato	Documentar fatos
Exposição	Transmitir conhecimento
Instrução	Orientar comportamentos

Anotamos que cada tipo de texto tem uma função **primária**, porque nada impede que diferentes funções se misturem ao longo da mensagem. É possível que um certo **ponto de vista** do autor venha imiscuído em uma parte de um texto **narrativo** sem descaracterizá-lo. O importante é verificar qual das funções está em primeiro plano.

Cada tipo de texto será estudado em tópico próprio mais adiante. Antes precisamos conhecer as **funções da linguagem** e os **tipos de discurso**.

3.2. Funções da linguagem

Dependendo das intenções relacionadas à exteriorização do texto, o emissor da mensagem pode ressaltar algum aspecto dela para atingir seu objetivo com maior precisão, escolhendo para isso as palavras que surtirão o efeito almejado. Esses *recursos de ênfase direcionados voluntariamente pelo autor, visando a causar determinada sensação ou chamar a atenção do receptor*, são chamados de **funções da linguagem**. Vamos a elas:

a) **Função denotativa ou referencial**: *a ênfase é colocada sobre o objeto da mensagem*. A preocupação do autor é transmitir uma informação objetiva, tentando deixá-la afastada de impressões pessoais, ou seja, sem avaliá-la ou julgá-la. Exemplos:

Texto I

“Com R\$ 3 mi por mês, Neymar é maior milionário do Brasil em Londres”

(<http://www.uol.com.br>)

Texto II

Condições Atuais ?

São Paulo, Brasil
Conforme relatório de Marte Civ, Brasil. Domingo, 22 de Julho de 2012 17:00 Local Time (Domingo, 20:00 GMT)



26°C

Encoberto
Sensação de 26°C

Vento: de Nor-Noroeste a 5 km/h
Ponto de orvalho: 9°C
Umidade: 34%
Visibilidade: 10 quilu00F4metro
Barômetro: 1020,0 milibares

Índice UV

0
Mínimo

Conversor de temperatura - Digite um número e clique no botão 'Calcular'

°C = °F

[Médias e registro](#) | [Previsão de hora em hora](#)

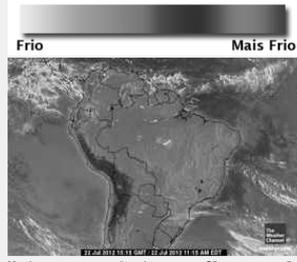
Previsão para 10 dias ?

São Paulo, Brasil
Última atualização: Domingo, 22 de Julho de 2012, at 14:21 hora local (Domingo, 17:21 GMT)

		Máx (C)	Min (C)
Esta Noite			14°C
22 Jul	Parcial. nublado		14°C
Seg 23 Jul	Parcial. nublado	22°C	14°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Ter 24 Jul	Parcial. nublado	26°C	16°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Qua 25 Jul	Pan. ch. à tarde	24°C	14°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Qui 26 Jul	Pancadas de chuva esparsas	26°C	16°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Sex 27 Jul	Pancadas de chuva	21°C	14°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Sáb 28 Jul	Pancadas de chuva	20°C	15°C
	Índice UV: 5 Moderado		
Dom 29 Jul	Parcial. nublado	24°C	16°C
	Índice UV: 6 Moderado		
Seg 30 Jul	Pancadas de chuva esparsas	24°C	16°C
	Índice UV: 5 Moderado		

Mapas ?

Brasil - Imagem de Satélite



Frio Mais Frio

Mostrar mapa em movimento Clique para ampliar

Brasil - Imagem de Satélite

(Disponível em: <http://br.weather.com/weather/local/BRXX0232>)

b) **Função emotiva ou expressiva:** aqui, *o foco da mensagem é o próprio emissor*. Ele deseja que suas opiniões e sentimentos sejam percebidos pelo destinatário, produzindo um texto *mais subjetivo do que objetivo*. Apresenta-se na **primeira pessoa do singular** e os sinais de pontuação acompanham as emoções inseridas no texto (ponto de exclamação, reticências etc.). Exemplo:

Texto III

“Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo esse livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. (...). Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.

(...)

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino.

- Papai! Papai! exclamava Ezequiel.

- Não, não, eu não sou teu pai!”

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*)

c) **Função conativa ou apelativa:** transferimos o centro de atenção agora *para o receptor*. A mensagem quer chamar sua atenção, incentivá-lo ou convencê-lo a praticar determinada conduta ou agir de determinada forma. É caracterizada pelo uso de verbos no imperativo (“faça”, “diga”). Exemplo:

Texto IV



REDES SOCIAIS
Twitter Facebook

www.editorafoco.com.br

NÃO PERCA!
ÚLTIMO DIA
DA PROMOÇÃO

ÚLTIMO DIA DA
PROMOÇÃO 25%
EM TODO SITE

CONFIRA AGORA ALGUMAS DAS NOSSAS OFERTAS

(<http://www.editorafoco.com.br>).

d) **Função metalinguística:** ocorre quando *a linguagem do texto é o próprio objeto dele, isto é, o texto fala de si mesmo*. A função metalinguística relaciona-se com o próprio ato de explorar a linguagem utilizada. Pode ser ou um pintor retratando o ato de pintar ou uma música falando do ato de compor a própria canção, como nos exemplos abaixo:

Texto V



(VELÁZQUEZ. *As meninas*. 1656)

Texto VI

“Eis aqui este sambinha
 Feito de uma nota só
 Outras notas vão entrar
 Mas a base é uma só
 Essa outra é consequência
 Do que acabo de dizer
 Como eu sou a consequência
 Inevitável de você
 Quanta gente existe por aí
 Que fala tanto e não diz nada
 Ou quase nada
 Já me utilizei de toda a escala
 E no final não deu em nada
 Não sobrou nada
 E voltei pra minha nota
 Como eu volto pra você
 Vou cantar com minha nota
 Como eu gosto de você
 E quem quer todas as notas
 Ré, mi, fá, sol, lá, si, dó
 Fica sempre sem nenhuma
 Fique numa nota só”

(JOBIM, Tom e MENDONÇA, Newton. *Samba de uma nota só*)

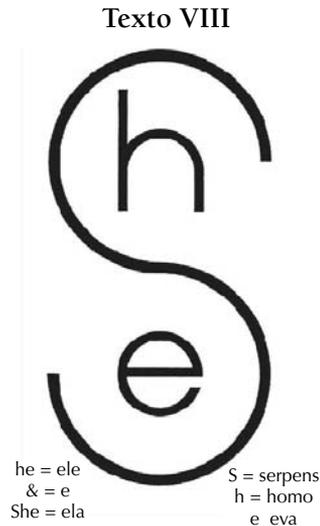
e) **Função fática:** mais pontual, reconhece-se a função fática da linguagem quando *a atenção do emissor volta-se para o canal de comunicação entre ele e o receptor, buscando mantê-lo aberto para a continuação do diálogo*. Exercem a função fática as interjeições e saudações, como “o quê?” e “alô!”, sublinhadas no exemplo abaixo:

Texto VII

“Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui – Alô? Alô? – olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê? Mas como ironia? ‘Como o Diabo’ é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo da minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos, que não era eu naquela foto de carnaval no ‘Cascalho’ que saiu na *Folha da Manhã*. O quê? Alô! Alô! Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer... Ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar, mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga! (...)”

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Trapezista*, in *Comédias da Vida Privada*)

f) **Função poética:** decorre *da intenção do autor de expressar sua mensagem por uma forma pouco usual, valendo-se de rimas, ritmos, jogos de imagem etc.*. Apesar do nome, **não** se aplica somente a poesias, podendo ser encontrada em outros exemplos textuais:



(XISTO, Pedro. *Ephitalamium II*. 1966)

3.3. Tipos de discurso

Dá-se o nome de **discurso** à *representação textual das falas de uma pessoa*, ou seja, quando uma personagem do texto diz alguma coisa para outra ou para si mesmo. As funções da linguagem sofrem influência direta do tipo de discurso utilizado: por exemplo, a **função emotiva** em destaque no **texto III** acima é potencializada pela fala dos personagens. Por essa razão, é importante conhecer e saber identificar os três tipos de discurso.

a) **Discurso direto:** quando deixa explícita a ocorrência de um diálogo entre as personagens através do uso de sinais de pontuação como dois-pontos, travessão ou aspas.

Texto IX

“– A mim? – perguntou Rubião depois de alguns segundos. – A você – confirmou o Palha. – Devia tê-la dito há mais tempo, mas estas histórias de casamento, de comissão das Alagoas, etc., atrapalharam-me, e não tive ocasião; agora, porém, antes do almoço... Você almoça comigo.

– Sim, mas que é?
– Uma coisa importante.”

(ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*)

b) **Discurso indireto:** o próprio narrador da história relata, com suas palavras, o que dissera a personagem. O discurso indireto, portanto, representa uma **paráfrase** do diálogo. Nele, não há travessões ou quaisquer outros sinais de pontuação; o texto segue seu curso normalmente.

Texto X

“O coronel convidou Cauda Pintada a ir até seu quartel-general e lamentou a perda de sua filha. O chefe disse que nos dias em que os brancos e os índios estavam em paz, ele trouxera a filha a Fort Laramie muitas vezes, que ela gostava do forte, e ele gostaria que o palanque fúnebre fosse elevado no cemitério do posto. O coronel Maynadier imediatamente deu permissão. Ficou espantado ao ver lágrimas nos olhos de Cauda Pintada; ele não sabia que um índio podia chorar.”

(BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio*)

c) **Discurso indireto livre:** é o ponto médio entre o discurso direto e o discurso indireto. Aqui, o narrador *mistura-se ao personagem, transcrevendo diretamente seus pensamentos* sem indicar, com sinais de pontuação, que disso se trata.

Texto XI

“Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia, patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teria meio de conduzir os cacarecos.”

(RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*)

3.4. Narração

O texto narrativo caracteriza-se *pela presença de um enredo, um encadeamento lógico dos acontecimentos com começo, meio e fim.*

Dentre os tipos de texto que elencamos, é o que permite *maior liberdade* do autor, o qual pode trabalhar de muitas formas diferentes para expor seu relato. Pode se apresentar como um **romance**, uma história onde as personagens e os fatos são criados com maior profundidade; um **conto**, que é uma narrativa mais curta, ou uma **crônica**, normalmente espelhando fatos do cotidiano; até mesmo **poemas** podem assumir um viés narrativo, como a famosa obra “Os Lusíadas”, de Camões.

Por conta dessa amplitude de forma, a narração pode reunir **quaisquer das funções da linguagem**, as quais transitarão pelo texto conforme a intenção do autor, bem como valer-se dos três **tipos de discurso**.

A narração ainda se divide em duas subespécies:

a) **Narração propriamente dita:** na qual *o foco do texto é contar os fatos*. Aquilo que *aconteceu* é mais importante para o autor do que *como aconteceu*.

Texto XI

“Pedro Bala bateu a moeda de quatrocentos réis na parede da Alfândega, ela caiu diante da de Boa-Vida. Depois Pirulito bateu a dele, a moeda fica entre a de Boa-Vida e a de Pedro Bala. Boa-Vida estava acocorado, espiando. Tirou o cigarro da boca:

– Eu gosto é assim mesmo. De começar ruim...

E continuaram o jogo, mas Boa-Vida e Pirulito perderam as moedas de quatrocentão, que Pedro Bala embolsou:

– Eu sou é bamba mesmo.”

(AMADO, Jorge. *Capitães da areia*)

b) Descrição: chamamos a narração de **texto descritivo** quando *as atenções do autor estão voltadas a dividir com o intérprete cada detalhe da cena narrada*. Pretende, com isso, permitir que o leitor imagine a cena em cada pormenor, *valorizando mais as circunstâncias do que os fatos em si*.

Texto XII

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.”

(ALENCAR, José de. *Iracema*)

Atenção! Mais uma vez, a classificação entre **narração propriamente dita** e **descrição** leva em consideração as características **preponderantes** do texto. É claro que um texto narrativo apresentará algumas descrições, da mesma forma que um texto puramente descritivo, sem o transcorrer de qualquer acontecimento, justificase apenas por razões artísticas (como no movimento literário conhecido por Parnasianismo).

3.5. Argumentação

Na argumentação, a intenção básica do autor é *defender um determinado ponto de vista ou expressar sua opinião sobre um fato relevante*. Esse gênero textual, portanto, afasta-se da narração na medida em que esta é expressão de *ficção*, enquanto aquele se fundamenta em *fatos concretos* sobre os quais o autor quer se manifestar. É a espécie de texto mais explorada nos concursos públicos hoje em dia, tanto nas questões de interpretação, quanto na redação.

No texto argumentativo, são muito usadas as funções **emotiva** e **conativa**, cujos teores variam de acordo com a maior ou menor intenção do autor de convencer seus interlocutores através da razão ou dos sentimentos (prática comum nos textos **publicitários**).

Também se apresenta em diversos formatos: **ensaio**, onde o autor discorre sobre o tema lastreado em fatos ou opiniões que corroborem sua conclusão; **resenha**, na qual se discute as características de uma obra artística, culminando com um julgamento sobre sua qualidade; **manifestações processuais**, próprias dos advogados, quando defendem os interesses de seus clientes, entre outros.

A estrutura mais conhecida, porém, é a **dissertação**, organizada de forma a contrapor diferentes posições para que o autor, e também o intérprete, cheguem à conclusão após ponderar todos os argumentos. Por sua grande importância nos concursos públicos, principalmente nas provas de redação, na parte III voltaremos a estudá-la.

Texto XIII

O fator Russomanno

“O empate técnico entre José Serra (PSDB) e Celso Russomanno (PRB) foi o dado mais inesperado da última pesquisa Datafolha.

Segundo o instituto, o tucano tem 30% das intenções de voto, contra 26% de Russomanno. Os demais candidatos a prefeito de São Paulo, como Fernando Haddad (PT) e Soninha Francine (PPS), não passam de 7%. A margem de erro é de três pontos percentuais.

Desde dezembro, o pleiteante do nanico PRB avançou dez pontos nas pesquisas. Manteve, até aqui, trajetória ascendente que surpreendeu boa parcela dos analistas.

O crescimento de Russomanno vinha sendo atribuído a sua presença no quadro “Patrulha do Consumidor”, que integra um programa matinal diário veiculado pela TV Record, emissora ligada ao PRB.

A exposição do ex-deputado na TV, no entanto, terminou no final de junho. De lá para cá, sua candidatura não chegou a atrofiar-se, como se previa. Ao contrário, confirmou-se a tendência, com oscilação positiva de dois pontos.

Ainda que a boa colocação se comprove fenômeno apenas inercial, fadado a esvair-se, é preciso reconhecer que há mais vetores a influenciar essa trajetória.

Um deles é a Igreja Universal, denominação neopentecostal que controla o PRB. Não é coincidência que Russomanno tenha seu melhor desempenho justamente entre os eleitores que declaram alguma religião evangélica pentecostal.

Outro vetor é o baixo conhecimento de Fernando Haddad. Quase metade dos paulistanos ainda ignora o candidato do PT. Por en-

quanto, Russomanno é quem mais se beneficiou desse fato, mas ele também tem mais a perder. Hoje, os petistas representam quase um terço de suas intenções de voto.

Jogam a favor de Russomanno ainda outros dois fatores: a retirada da candidatura do popular Netinho (PC do B) e a baixa avaliação do prefeito Gilberto Kassab (PSD), que afeta diretamente José Serra.

Contra o candidato do PRB, paradoxalmente, pesará em breve uma força decisiva – o tempo de TV. Com meros dois minutos de propaganda eleitoral, Russomanno terá menos de um terço da exposição de Serra e Haddad e metade da de Gabriel Chalita (PMDB).

Nas eleições presidenciais de 2002, nesta mesma época do ano, Ciro Gomes, então no PPS, tinha 28% e ameaçava a liderança de Lula (PT), com 33%. No final de agosto, após o início do horário eleitoral, Ciro, com menos tempo na TV, perdeu sete pontos e nunca mais se recuperou na disputa.

Para firmar-se como alternativa à polarização PT-PSDB, Russomanno precisa sobreviver às primeiras semanas de campanha na TV. Até lá, não passará de uma anomalia.”

(Folha de São Paulo. Editorial publicado em 24/07/2012)

3.6. Relato

É o tipo de texto *voltado à difusão de fatos concretos*. Nele, predominam a **função denotativa**, porque o autor deve evitar a influência de suas posturas pessoais na composição, e o **discurso indireto**, que permite ao historiador ou jornalista resumir as falas dos envolvidos e manter o texto fluido, com poucas interrupções oriundas dos sinais de pontuação. Nada impede, naturalmente, que diante da importância do que foi dito, alterne-se para o discurso direto para consignar literalmente a expressão usada. Nesse caso, a frase ou o diálogo é transcrito entre aspas e antecedido de dois-pontos.

São exemplos comuns as **notícias**, veiculadas nos meios de comunicação escritos ou falados; o relato **histórico**, sobre fatos passados da sociedade; a **biografia**, usada para difundir experiências relevantes da vida de uma personalidade; o **testemunho** prestado em processos judiciais etc..

Texto XIV

“Mesmo a pior depressão cíclica mais cedo ou mais tarde tem de acabar, e após 1939 havia sinais cada vez mais claros de que o pior já passara. De fato, algumas economias dispararam na frente. O Japão e, em escala mais modesta, a Suécia alcançaram quase duas vezes o nível de produção pré-Depressão no fim da década de 1930, e em 1938 a economia alemã (embora não a italiana) estava 25%

acima de 1929. Mesmo economias emperradas como a britânica davam claros sinais de dinamismo. Contudo, o esperado aumento não voltou. O mundo continuou em depressão. Isso foi mais visível na maior de todas as economias, a dos EUA, porque as várias experiências para estimular a economia feitas pelo ‘New Deal’ do presidente F. D. Roosevelt – às vezes de maneira inconsistente – não corresponderam exatamente à sua promessa econômica.”

(HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*)

3.7. Exposição

O objetivo da **exposição** é *transmitir conhecimentos, instruir ou ensinar o leitor/ intérprete por meio de informações que ele ainda não possui*. Muito usada no meio acadêmico e para a propagação do conhecimento científico, a exposição é marcada pela **função denotativa** e, por força do costume, é redigida em terceira pessoa.

As características do trabalho final se assemelham bastante às do relato. Diferenciam-se somente na **objeto**: o **relato publica fatos reais**; a **exposição transmite conhecimentos**, conceitos teóricos. Ela é mais abstrata, ele é mais concreto.

Encontramos exemplos de exposição nas **enciclopédias**, nos **dicionários**, nos **artigos científicos**, nos **livros didáticos**, entre outros.

Texto XV

“**Nome empresarial**, já vimos, é o *elemento identificador do empresário*, a forma como ele é conhecido no mercado. Sua proteção contra uso indevido é feita pela própria Junta Comercial, como consequência imediata do registro da empresa.

Título do estabelecimento é o *elemento identificador do ponto comercial*, é o *nome fantasia* do estabelecimento. Nada obsta que contenha elementos idênticos ao nome empresarial, mas são institutos distintos (...).”

(SUBI, Henrique. *In Super-Revisão – OAB* – negrito e itálico no original)

3.8. Instrução

Por último, classifica-se como **instrução** o texto que pretende *prescrever um padrão de conduta, determinar a forma de agir das pessoas*. Deve ser o mais claro e objetivo possível, para que efetivamente permita aos seus destinatários atuar conforme as regras.

Manifesta-se na forma de **regras de jogo**, **leis e normas jurídicas**, **receitas culinárias**, **ordens de serviço** etc..

Texto XVI

“Art. 1.300. O proprietário construirá de maneira que o seu prédio não despeje águas, diretamente, sobre o prédio vizinho.

Art. 1.301. É defeso abrir janelas, ou fazer eirado, terraço ou varanda, a menos de metro e meio do terreno vizinho.”

(Código Civil)

Para finalizar, confira como o tema desse capítulo foi cobrado no concurso de agente de Polícia Federal de 2004, de responsabilidade do CESPE:

Texto XVII

“O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a pessoa humana, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana”.

Internet: <<http://www.dhnet.org.br>>. Acesso em ago./2004 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens a seguir.

- (1) O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: a vida humana como um bem indeclinável.
- (2) O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio

de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

- (3) No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que a paz é ilusória, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco.
- (4) No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana, sequer a sua identidade.
- (5) O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.

1: correta. A estrutura argumentativa, própria dos textos dissertativos, é aquela que pretende convencer o leitor através de argumentos, científicos ou emotivos, de que o autor tem razão. No caso, busca-se sacramentar que a vida humana, ainda que diante das arbitrariedades e crueldades dos conflitos, é um bem maior e deve ser sempre protegido; 2: correta. A assertiva parafraseia, sem perda de conteúdo, o que consta do primeiro parágrafo; 3: incorreta. Na verdade, o parágrafo expõe que, apesar da paz ser transitória durante os períodos de conflito, ainda assim o ser humano, espontaneamente ou contrariado, não deixa de buscar formas de salvar vidas ou evitar mais perdas humanas; 4: correta. Ocorre redundância (ou pleonismo) quando verificamos que a conclusão ou o objeto da frase é uma obviedade. Naturalmente, sem a vida humana, não se pode falar em pessoa humana; 5: incorreta. Não se conclui no texto que a vida é a responsável pelo destino da criatura humana, mas sim que a ética que ela reveste o é.

Gabário 1C, 2C, 3E, 4G, 5E

4. INSTRUMENTOS DE INTERPRETAÇÃO

4.1. Contexto

4.1.1. Conceito

Chamamos **contexto** o conjunto de circunstâncias implícitas ou explícitas no texto que complementam as palavras com o intuito de desenvolver completamente as ideias nele expostas.

Identificar o contexto é o primeiro passo da interpretação, constituindo dela importante instrumento. Mais ainda, é o próprio fundamento da leitura ativa.

A regra de ouro para a captação do contexto é indagar: “quem disse?”, “por que ele disse?”, “quando ele disse?”, “onde ele disse?”. Vamos trabalhar juntos o texto abaixo:

Texto I

“Mas quando o príncipe está à frente de seu exército, e com um grande número de soldados sob seu comando, é necessário que

aceite a fama de crueldade, sem a qual não conseguirá manter as tropas unidas e dispostas para qualquer tarefa. Entre as ações notáveis de Aníbal, conta-se que, embora dispusesse de um exército vastíssimo e muito heterogêneo, e combatesse em terras estrangeiras, nunca houve qualquer dissensão entre seus soldados, ou entre estes e o príncipe, nos bons tempos ou na adversidade. Isto outra causa não tinha senão sua crueldade desumana que, juntamente com outras inumeráveis virtudes, fez com que fosse visto sempre com terror e veneração pelos comandados; sem tal crueldade, as outras virtudes não teriam bastado para alcançar tal efeito. Desavisadamente, alguns historiadores admiram, de um lado, suas ações, e de outro lhe reprovam a causa mais importante das mesmas”.

(MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*)

O texto aborda a conduta ideal que um príncipe ou governante deve ter no campo de batalha ao liderar seu exército. O que ele diz sobre isso? Que o príncipe deve ser cruel para ser respeitado na guerra, tanto pelo inimigo quanto por seus soldados. Essa opinião soa absurda nos dias de hoje, quando se prega a solução pacífica dos conflitos e são criados tribunais internacionais para o julgamento de crimes contra a humanidade.

Continue questionando: por que ele disse isso? Porque a obra “O Príncipe” foi escrita como um guia, um compilado de sugestões para o sucesso de um governante. Quando e onde ele disse? No século XVI, mais precisamente em 1513, época das grandes navegações e intensas disputas territoriais na Europa, tanto entre potências, quanto por colônias nos novos continentes. Apesar do avanço intelectual do Renascimento, a sociedade ainda se dividia de acordo com a capacidade financeira, as mulheres não tinham direitos, escravidão era comum e não se enxergava a sociedade com um sentimento coletivo.

Perceba que, ao responder as questões periféricas, enxergamos melhor a realidade na qual o autor estava inserido e as razões de sua opinião. Ao visualizar o **contexto** podemos refletir com precisão sobre as ideias elencadas na exposição e discuti-las com mais propriedade.

Todo texto está inserido em um contexto. É muito comum lermos ou ouvirmos, principalmente em anúncios publicitários, que determinado veículo de comunicação é “isento”, “neutro”, que se limita a “noticiar os fatos tal como eles aconteceram”. Enfim, é comum a tentativa de transmitir implicitamente que a mensagem está livre de impressões pessoais de seu autor ou emissor.

A verdade é bem outra: *não existe texto neutro, despretenso, alheio às experiências, certezas e opiniões de seu criador.* Mesmo quando desejamos apenas relatar o que sabemos (usando a **função denotativa** da linguagem), empenhando nossos maiores esforços para sermos imparciais, não podemos esquecer de que tudo que está em nossa memória ali ingressou através de nossos sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato), os quais são moldados de acordo com nossa experiência. Todos nós temos

“filtros” em nossos olhos, ouvidos, nariz, implantados com o passar do tempo como resultado de nossa história, das nossas experiências vividas; e sempre pretendemos, ao exteriorizar isso, que o receptor da mensagem seja marcado positiva ou negativamente pelas nossas palavras.

Por isso, toda mensagem chega até nós, por qualquer caminho que seja, acompanhada de diversas circunstâncias que o bom intérprete consegue identificar para estabelecer com clareza o que o autor pretende obter com a publicação do texto.

A análise do contexto, muitas vezes, depende de conhecimentos prévios sobre História, Geografia ou Literatura. Em concursos públicos, por outro lado, é bastante comum a contextualização em relação a eventos recentes que tiveram destaque na imprensa nacional e internacional. Isso é bom, porque ao ler jornais, revistas e *sites* de notícias, além de estar se preparando para a prova de Atualidades, você igualmente estará se municiando de dados relevantes para as questões de Português, pois ficará consciente da conjuntura econômica e política atual para extrair corretamente as informações sobre o contexto.

Em outra linha, pontos importantes do contexto podem ser encontrados no momento da leitura. A **leitura ativa** deve considerar todos os elementos do texto: o título, eventuais notas de rodapé, a fonte de onde o texto foi retirado etc.. Por exemplo: textos encontrados em publicações científicas costumam ser objetivos e ter a função de informar sobre uma nova descoberta ou estudo (classificam-se como **exposições**); já textos advindos de jornais e revistas, principalmente dos editoriais, trazem elevada carga de opinião do autor, a sua análise pessoal de determinado acontecimento (classificam-se como **argumentações**).

Dizemos isso para mostrar que o caminho do estudo da interpretação de textos segue, agora, para a “desmontagem” do conceito de leitura ativa. Imagine que vamos colocá-la no microscópio e investigar de que ela é formada. Assim, conheceremos os diversos **instrumentos de interpretação** que nos ajudarão na construção do **contexto**.

Antes, passe ao exercício seguinte, elaborado pela Fundação CESGRANRIO, para praticar aquilo que aprendemos. Após as alternativas estão os gabaritos e breves comentários:

Texto II

NADA MUDOU

“Em outros declives semelhantes, vimos, com prazer, progressivos indícios de desbravamento, isto é, matas em fogo ou já destruídas, de cujas cinzas começavam a brotar o milho, a mandioca e o feijão”. (...) “Pode-se prever que em breve haverá falta até de madeira necessária para construções se, por meio de uma sensata economia florestal, não se der fim à livre utilização e devastação das matas desta zona”. “As ervas desse campo, para serem removidas e fertilizar o solo com carbono e extirpar a multidão de insetos nocivos, são queimadas anualmente pouco antes de começar a estação chuvosa. Assistimos, com

espanto, à surpreendente visão da torrente de fogo ondulando poderosamente sobre a planície sem fim.” “(...) Há a atividade dos homens que esburacam o solo (...) para a extração de metais. (...)” “Infelizmente (...), ávidos da carne do tatu galinha, não ponderam sobre essas sábias disposições. Perseguem-no com tanta violência, como se a espécie tivesse de ser extinta”. “No solo adubado com cinzas das matas queimadas dá boas colheitas (...) Contudo, isso se refere somente à colheita do primeiro ano; no segundo já é menor e, no terceiro, o solo em geral está parcialmente esgotado e em parte tão estragado por um capim compacto, que a plantação é desfeita ...”. “Em parte, haviam sido queimadas grandes extensões das pradarias. Assisti hoje a este fenômeno diversas vezes e, por um quarto de hora, atravessamos campos incendiados, crepitando em altas chamas.”

Lendo as citações acima, o leitor pode estar se perguntando de onde elas foram extraídas, até pela linguagem pouco usual, e a que lugares se referem. Poderá imaginar que são trechos de publicações técnicas sobre o meio ambiente, talvez algum relato de um membro de uma ONG ambientalista ou de um viajante de Portugal ou outra coisa qualquer do gênero. Pois bem, não é nada disso. Na verdade, as citações foram extraídas do livro “Viagem no Interior do Brasil” (1976, Editora Itatiaia), do naturalista austríaco Johann Emanuel Pohl. O detalhe que torna as citações mais interessantes para aquelas pessoas preocupadas com o meio ambiente é a época em que foi feita a viagem: entre 1818 e 1819. Isto mesmo, há quase 190 anos! Repito: cento e noventa anos atrás. Triste constatar que, de lá pra cá, não só pouca coisa mudou como retrocedemos em outras. O naturalista viajou pelos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Tocantins e descreveu os caminhos por onde passou. (...) O imediatismo, a destruição pela cobiça, a nefanda prática das queimadas, a falta de planejamento e o hábito de esgotar os recursos para posteriormente mudar o local da destruição são facilmente percebidos ao longo do texto. Na verdade, dada a época em que o relato foi feito, isto não constitui grande surpresa. O mais impressionante é a analogia com os dias atuais. (...) Quase dois séculos se passaram. O discurso ambientalista ganhou força e as ONG são entidades de peso político extraordinário. Mas tudo indica que, na prática, nada mudou.

Rogério Grassetto Teixeira da Cunha, biólogo, é doutor em comportamento animal pela Universidade de Saint Andrews. JB – Ecológico, ano V, nº 71, dez/2007

Sobre o texto, é correto afirmar que o autor

- (A) faz previsões quanto à situação do ecossistema.
- (B) tira conclusões a partir de suas viagens pelo interior.

- (C) preocupa-se com a deterioração do ecossistema brasileiro.
- (D) critica a opinião dos observadores estrangeiros sobre o meio ambiente.
- (E) atribui aos naturalistas a falta de planejamento para a conservação do meio ambiente.

O autor vale-se de citações de um livro para demonstrar que, mesmo séculos depois, a situação do meio ambiente no Brasil continua preocupante, pois a deterioração já era ruim no século XIX.

Gabartio "C"

Segundo o autor, nas citações iniciais do texto (três primeiros parágrafos), o leitor poderá identificar

- (A) relatos críticos de viagens exploratórias.
- (B) interesses escusos de organizações ambientalistas.
- (C) propostas de ocupação do solo pelas comunidades agrícolas.
- (D) preparação do solo para a produção de biocombustível.
- (E) viagens exploratórias com vistas ao desenvolvimento sustentável.

Os três primeiros parágrafos refletem as opiniões do naturalista austríaco que viajou pelo interior do país em viagens exploratórias, analisando a situação do ecossistema.

Gabartio "A"

Na construção do texto, o autor

- (A) procura um diálogo com o leitor.
- (B) tece considerações a partir de um monólogo.
- (C) desconsidera a interação com o leitor.
- (D) responsabiliza o leitor pela situação instalada.
- (E) apresenta solução ao leitor para os fatos constatados.

No texto, sobressai a função fática da linguagem, que busca manter o canal de comunicação aberto entre o autor e o leitor, buscando criar um diálogo entre eles.

Gabartio "A"

4.1.2. *Intertextualidade*

Ocorre **intertextualidade**, ou **intertexto**, quando *dois textos se entrelaçam, um mencionando o outro*. Dessa forma, para a perfeita interpretação de um, é preciso primeiro conhecer e extrair o sentido do outro.

Observe os exemplos abaixo:

Texto III

PT QUER ABAFAR MENSALÃO COM A CPI DO CACHOEIRA

“(...) A estratégia antes negada publicamente pela maioria dos petistas, – de usar a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) de Carlinhos Cachoeira para desviar o foco e neutralizar o julgamento do mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF) – foi

admitida ontem pelo presidente nacional do PT, Rui Falcão. Em vídeo de quase dois minutos postado ontem à tarde no *site* oficial do partido, Falcão conclama centrais sindicais e partidos políticos que defendem o combate a corrupção, além de movimentos populares, a fazerem uma mobilização contra o que chamou de ‘operação abafa’ que visaria a impedir a realização da investigação da CPMI, que já envolve parlamentares de seis partidos, inclusive do PT.

No vídeo, pela primeira vez, Falcão cita a intenção de desmascarar, na CPMI, aqueles que, segundo o presidente do PT, são os autores do que ele chama de ‘farsa do mensalão’, PSDB e DEM. As declarações foram criticadas pela oposição e até por setores mais moderados do PT.

(...) No vídeo, ele ataca o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), mas não faz nenhuma menção ao envolvimento do governador petista do Distrito Federal, Agnelo Queiroz – que teve seu nome citado na Operação Monte Carlo, da Polícia Federal, como interessado num suposto encontro com Cachoeira, o que Agnelo nega.”

(LIMA, Maria. O Globo. Publicado em 12/04/2012)

Texto IV

A CPI DE CACHOEIRA E A RETÓRICA DO “MENSALÃO”

“Era questão de tempo: tímidos, até então, com a escancarada relação mantida pelo contraventor Carlinhos Cachoeira com senador, deputados e um governador tucano, os jornais chegaram às bancas, nesta quinta-feira 12, com a arma apontada na direção oposta.

Estamparam em suas capas a suspeita de que o *lobby* de Cachoeira chegara ao governador petista Agnelo Queiróz (DF). Num exercício de retórica mais elástico que os tentáculos políticos de Cachoeira, conseguiram trazer ao centro do debate a palavra ‘mensalão’.

Tudo isso às vésperas da instalação de uma CPI mista para investigar as relações suprapartidárias do contraventor pelo mundo político, tão ecléticas quanto suas áreas de influência – que iam do jogo do bicho à indústria farmacêutica, passando por serviços de coleta de lixo. (...)

A abertura da CPI passou a ser defendida abertamente pelo presidente do PT, Rui Falcão. Foi o suficiente para que *O Globo* visse na postura uma tentativa de desviar o foco do ‘mensalão’.”

(Revista Carta Capital. Publicado em 12/04/2012)

Note que o texto IV **menção** o texto III no último parágrafo. Essa informação é fundamental para a interpretação, pois dela podemos extrair que o texto IV é uma **resposta** ao texto III, criando o cenário de **intertextualidade**. Isso é confirmado por outras circunstâncias do contexto: são dois veículos de comunicação tradicionalmente conhecidos por terem alinhamentos políticos opostos e ambos os textos foram publicados na mesma data.

Há, ainda, uma espécie de relação intertextual muito famosa chamada **paródia**. Nela, o autor faz referência a outro texto com o intuito de reescrevê-lo, normalmente com pretensões humorísticas ou críticas. Está implícito em qualquer paródia a intenção de gerar no leitor a necessidade de visitar o texto original, de vê-lo com outros olhos diante da evolução da sociedade ou até mesmo para simplesmente desconstruir o ideal artístico alheio. Leia com atenção os poemas que seguem:

Texto V

“Minha terra tem palmeiras,
onde canta o Sabiá;
as aves que aqui gorjeiam,
não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
nossas várzeas têm mais flores,
nossos bosques têm mais vida,
nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras
onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
que tais não encontro eu cá;
em cismar – sozinho, à noite –
mais prazer encontro eu lá;
minha terra tem palmeiras
onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra
sem que eu volte para lá;
sem que desfrute os primores
que não encontro por cá;
sem qu’inda aviste as palmeiras
onde canta o Sabiá.”

(DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. 1843)

Texto VI

“Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.”

(ANDRADE, Oswald de. *Canto de regresso à pátria*. 1926)

A importância de estudarmos a paródia é destacar que a relação intertextual **não precisa** ser explícita. A correta interpretação da “Canção de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade, **pressupõe** o conhecimento da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, para se apontar que o poeta modernista buscou atualizar a visão do Brasil exposta pelo seu antecessor do Romantismo. Há crítica à escravidão antes reinante no país (“Minha terra tem palmares/Onde gorjeia o mar”) e uma nova paisagem urbana que ocupa os espaços naturais cantados por Gonçalves Dias (“Não permita Deus que eu morra/ Sem que eu volte para São Paulo/ Sem que veja a Rua 15/ E o progresso de São Paulo”).

A intertextualidade foi assim questionada em concurso público realizado pelo CESPE:

Texto VII

“O Brasil dá mais um passo em direção ao futuro. A normatização da rotulagem permitirá que o consumidor saiba o que está adquirindo e consumindo. O país ganha fôlego para continuar as pesquisas. A vitória é, portanto, da biotecnologia. Um país como o nosso, com uma das mais extensas áreas cultiváveis do mundo, poderá ser um dos grandes celeiros da humanidade.”

Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (com adaptações). Jornal Correio Braziliense, 28/08/2001.

Texto VIII

“A Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação, desprezando os direitos dos consumidores ao manifestar seu apoio ao decreto do governo federal, revela que, por trás do ato governamental, está o interesse das indústrias de alimentos e das empresas de biotecnologia em liberar os transgênicos, sem avaliação dos seus riscos para a saúde e o ambiente, e sem informação clara da sua origem transgênica.”

Marilena Lazzarini, coordenadora executiva do Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC). Jornal Correio Braziliense, 28/08/2001.

Com o auxílio dos textos acima, julgue os itens subsequentes.

- (1) O tema remete a alimentos manipulados por engenharia genética, entendendo-se por transgênicos os organismos geneticamente modificados.
- (2) Para o empresariado, a pesquisa aplicada na área biotecnológica é fundamental para que o país avance quanto a qualidade e quantidade na produção de alimentos.
- (3) A questão que aparentemente mais divide as opiniões em relação à produção de alimentos transgênicos reside nos efeitos que eles poderiam acarretar à saúde da população e em seu impacto ambiental.

1: correta. “Transgênico” foi o adjetivo criado para referir-se aos organismos geneticamente modificados; 2: correta, pois a liberação dos OGMs possibilitará um crescimento na qualidade e na quantidade de produtos produzidos no país, diante de sua maior resistência a pragas e outras vantagens comparativas; 3: correta, porquanto tais efeitos ainda são parcialmente desconhecidos dos pesquisadores.

03 02 01 010000

4.2. Observação

Uma boa interpretação de texto tem um quê de processo científico. Imagine um biólogo que pretende estudar o comportamento de uma colônia de formigas. Qual seu primeiro passo? **Observar** os insetos e anotar suas primeiras impressões.

O mesmo se dá com a leitura ativa de um texto. O primeiro instrumento que devemos utilizar é a **observação**, até por uma questão natural: a visão é o primeiro sentido que toma contato com o objeto de estudo.

Antes de começar propriamente a ler, **observe** o texto e suas características. Assim, de antemão, você já pode identificar se ele está escrito em prosa ou verso; se está diante de um texto verbal escrito ou misto; procure a fonte do texto e veja de onde ele foi extraído. Há muito o que descobrir nesse primeiro contato, principalmente nos textos mistos, como no exemplo abaixo:

Texto IX



“O número de mulheres no mercado de trabalho mundial é o maior da História, tendo alcançado, em 2007, a marca de 1,2 bilhão, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Em dez anos, houve um incremento de 200 milhões na ocupação feminina. Ainda assim, as mulheres representaram um contingente distante do universo de 1,8 bilhão de homens empregados. Em 2007, 36,1% delas trabalhavam no campo, ante 46,3% em serviços. Entre os homens, a proporção é de 34% para 40,4%. O universo de desempregadas subiu de 70,2 milhões para 81,6 milhões, entre 1997 e 2007 — quando a taxa de desemprego feminino atingiu 6,4%, ante 5,7% da de desemprego masculino. Há, no mundo, pelo menos 70 mulheres economicamente ativas para 100 homens.

O relatório destaca que a proporção de assalariadas subiu de 41,8% para 46,4% nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo, houve queda no emprego vulnerável (sem proteção social e direitos trabalhistas), de 56,1% para 51,7%. Apesar disso, o universo de mulheres nessas condições continua superando o dos homens.”

O Globo, 7/3/2007, p. 31 (com adaptações).

Perceba que, em um primeiro momento, nossa **observação** encontra um gráfico, o qual, visivelmente, ilustra um cenário de crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho. Em seguida, vemos um texto verbal que, pelas diversas referências a percentuais, veio para explicar os resultados inseridos no gráfico anterior. Verificamos, ao final, que se trata de uma notícia de jornal (um **relato**, portanto), porque extraído de um famoso periódico (“O Globo”). Isso tudo já sabemos antes de avançarmos sobre as palavras em si!

Naturalmente, é difícil que questões de concurso cobrem o uso puro e simples da observação. Na verdade, ela é o primeiro passo, ao qual se seguirão necessariamente outros que devem ser tomados para encontrarmos a resposta. Mesmo assim, é uma ferramenta imprescindível para nosso trabalho.

4.3. Análise

É a consequência lógica imediatamente posterior à observação. Depois de apreender com nossos sentidos as principais características do texto, começamos a lê-lo para dele *retirar as informações relevantes e, dentro do processo intelectual de interpretação, compreender o quanto foi dito*. Na etapa da **análise** é que utilizamos nossos conhecimentos prévios (significado das palavras, situação política e econômica nacional e internacional, conceitos científicos etc.) e alargamos a simples imagem do texto para o conjunto de informações que ele representa.

Vamos permanecer com o exemplo do texto IX acima. É muito comum que as questões de interpretação de textos em concursos públicos exijam a análise de gráficos e tabelas. Como vimos, essa operação mental consiste em *avaliar os dados*

esparços e “remontá-los” de forma que permitam deles extrair uma conclusão. No nosso texto, o gráfico se chama “número de mulheres no mercado de trabalho mundial (em milhões)”, informação que faz nosso cérebro resgatar o problema histórico de discriminação na contratação de mão de obra feminina. Vemos, então, uma sequência de colunas crescentes que representam os anos de 1983 a 2007 e os patamares, respectivamente, atingem 810 e 1.200. O que isso significa? Que em 1983 havia 810.000.000 (oitocentos e dez milhões) de mulheres no mercado de trabalho mundial (não se esqueça da informação entre parênteses no título do gráfico!), o número foi progressivamente subindo e em 2007 esse total atingiu 1.200.000.000 (um bilhão e duzentos milhões), um aumento de quase 50%. À primeira vista, parece um bom resultado.

Mas a interpretação não pode prescindir de nenhuma informação e resta ainda analisar a parte verbal do texto. Após a leitura, percebemos que o autor não ficou satisfeito com os números apresentados pela OIT, afirmando que há uma grande distância entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Sua visão é pessimista, pois ele procura realçar os problemas que ainda existem em detrimento dos bons resultados obtidos até o momento.

Tente responder à questão abaixo, elaborada pelo Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através das técnicas apresentadas:

Texto X

DIAGNÓSTICO

“Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentam 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan. Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que se vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de em-

QUESTÕES COMENTADAS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

1	Dizem que Karl Marx descobriu o inconsciente três décadas antes de Freud. Se a afirmação não é rigorosamente exata, não deixa de fazer sentido, uma vez que Marx, em
4	O Capital, no capítulo sobre o fetiche da mercadoria, estabelece dois parâmetros conceituais imprescindíveis para explicar a transformação que o capitalismo produziu na
7	subjetividade. São eles os conceitos de fetichismo e de alienação, ambos tributários da descoberta da mais-valia — ou do inconsciente, como queiram.
10	A rigor, não há grande diferença entre o emprego dessas duas palavras na psicanálise e no materialismo histórico. Em Freud, o fetiche organiza a gestão perversa do desejo
13	sexual e, de forma menos evidente, de todo desejo humano; já a alienação não passa de efeito da divisão do sujeito, ou seja, da existência do inconsciente. Em Marx, o fetiche da
16	mercadoria, fruto da expropriação alienada do trabalho, tem um papel decisivo na produção “inconsciente” da mais-valia. O sujeito das duas teorias é um só: aquele que sofre e se indaga
19	sobre a origem inconsciente de seus sintomas é o mesmo que desconhece, por efeito dessa mesma inconsciência, que o poder encantatório das mercadorias é condição não de sua riqueza,
22	mas de sua miséria material e espiritual. Se a sociedade em que vivemos se diz “de mercado”, é porque a mercadoria é o grande organizador do laço social.

São Paulo: Boitempo, 2011, p. 142 (com adaptações).

(CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto acima e a seus aspectos gramaticais, julgue os itens subsequentes.

- (1) Com correção gramatical, o período “A rigor (...) histórico” (L.10-11) poderia, sem se contrariar a ideia original do texto, ser assim reescrito: Caso se proceda com rigor, a análise desses conceitos, verifica-se que não existe diferenças entre eles.
- (2) A informação que inicia o texto é suficiente para se inferir que Freud conheceu a obra de Marx, mas o contrário não é verdadeiro, visto que esses pensadores não foram contemporâneos.
- (3) A expressão “dessas duas palavras” (L.11), como comprovam as ideias desenvolvidas no parágrafo em que ela ocorre, remete não aos dois vocábulos que imediatamente a precedem — “mais-valia” (L.8) e “inconsciente” (L.9) —, mas, sim, a “fetichismo” (L.7) e “alienação” (L.8).
- (4) Depreende-se da argumentação apresentada que a autora do texto, ao aproximar conceitos presentes nos estudos de Marx e de Freud, busca demonstrar que, nas sociedades “de mercado”, a “divisão do sujeito” (L.14) se processa de forma análoga na subjetividade dos indivíduos e na relação de trabalho.

1: incorreta. Há dois problemas com a nova oração proposta. O primeiro é que ela não representa a mesma ideia do texto original, porque não menciona que a comparação só faz sentido se feita entre a psicanálise e o materialismo histórico. O segundo refere-se a questões gramaticais: não deve haver vírgula depois de “rigor”, ocorre crase em “à análise” e o verbo “existir” deve ser conjugado no plural – “existem”; **2:** incorreta. A conclusão apresentada não pode ser extraída da afirmação inicial do texto. A autora quis demonstrar, somente, que Marx tratou em sua obra de um aspecto do inconsciente humano de forma reflexa, isto é, não ligada à natureza do pensamento, mas em relação a suas consequências econômicas. Não há qualquer referência que, por conta disso, Freud tenha se baseado, em qualquer medida, nos escritos de Marx; **3:** correta. O texto prossegue comparando o fetichismo e a alienação nas diversas esferas das relações humanas, demonstrando que a expressão destacada refere-se a esses dois institutos; **4:** correta. Essa é justamente a ideia central do texto: demonstrar que as pessoas agem com base em diferentes pontos de vista tanto por questões psicanalíticas (consciente/inconsciente) como por questões econômicas (consumidor/trabalhador explorado).

Gabardo TE, ZE, JC, AC

1	Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país no qual vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói.
4	E constrói-se no meio de embates muito intensos — e, às vezes, até violentos — entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e
7	conflitantes. Para muitos, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não
10	constituem indicadores de modernidade. Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício
13	dos direitos democráticos. Por isso, dão mais valor a um modelo de desenvolvimento que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo,
16	bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para os que pensam assim, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas
19	sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção.

In: Márcia Kupstas (Org.). Identidade nacional em debate. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

(CESPE) Considerando a argumentação do texto acima bem como as estruturas linguísticas nele utilizadas, julgue o item a seguir.

- (1) Infere-se da leitura do texto que o futuro de um país seria “obra do acaso” (l.3) se a modernidade não assegurasse um padrão de vida democrático a todos os seus cidadãos.

verdade, o parágrafo expõe que, apesar da paz ser transitória durante os períodos de conflito, ainda assim o ser humano, espontaneamente ou contrariado, não deixa de buscar formas de salvar vidas ou evitar mais perdas humanas; **4:** correta. Ocorre redundância (ou pleonismo) quando verificamos que a conclusão ou o objeto da frase é uma obviedade. Naturalmente, sem a vida humana, não se pode falar em pessoa humana; **5:** incorreta. Não se conclui no texto que a vida é a responsável pelo destino da criatura humana, mas sim que a ética que ela reveste o é.

Gabarito 1C, 2C, 3E, 4C, 5E

Os novos sherlocks

1	Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no
4	noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência.
7	Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de prime time, ganhou o apelido de crime time. Seis das dez séries de
10	maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão. Pena que a vida de perito não seja tão fácil e
13	glamorosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a
16	trajetória da bala. “Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal”, declara o presidente da
19	OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime. Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da
22	investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo da vítima,
25	coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

Pedro Azevedo. Folha Imagem, ago./2004 (com adaptações).

(CESPE) A respeito do texto acima, julgue os itens subsequentes.

- (1) De acordo com o presidente da OAB/SP, as provas técnicas têm sido ampliadas, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.
- (2) Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

1: incorreta. A paráfrase não equivale ao trecho original. A assertiva dá a entender que foi o avanço tecnológico que ganhou espaço no direito brasileiro, sendo que o entrevistado afirma que a prova técnica ganhou espaço, por conta do avanço tecnológico; **2:** incorreta, porque a relação está implícita. O texto, puramente, não trata como uma relação de causa e consequência, porque “levar as evidências para análise” também é uma de suas atribuições e não o objetivo delas. A relação causal é uma dedução possível, resultado do exercício de interpretação.

Gabarito 1E, 2E

Texto

1	A maioria dos comentários sobre crimes ou se limitam a pedir de volta o autoritarismo ou a culpar a violência do cinema e da televisão, por excitar a
4	imaginação criminosos dos jovens. Poucos pensam que vivemos em uma sociedade que estimula, de forma sistemática, a passividade, o rancor, a impotência, a
7	inveja e o sentimento de nulidade nas pessoas. Não podemos interferir na política, porque nos ensinaram a perder o gosto pelo bem comum; não podemos tentar
10	mudar nossas relações afetivas, porque isso é assunto de cientistas; não podemos, enfim, imaginar modos de viver mais dignos, mais cooperativos e solidários, porque isso
13	é coisa de “obscurantista, idealista, perdedor ou ideólogo fanático”, e o mundo é dos fazedores de dinheiro. Somos uma espécie que possui o poder da
16	imaginação, da criatividade, da afirmação e da agressividade. Se isso não pode aparecer, surge, no lugar, a reação cega ao que nos impede de criar, de colocar no
19	mundo algo de nossa marca, de nosso desejo, de nossa vontade de poder. Quem sabe e pode usar — com firmeza, agressividade, criatividade e afirmatividade —
22	a sua capacidade de doar e transformar a vida, raramente precisa matar inocentes, de maneira bruta. Existem mil outras maneiras de nos sentirmos potentes, de nos
25	sentirmos capazes de imprimir um curso à vida que não seja pela força das armas, da violência física ou da evasão pelas drogas, legais ou ilegais, pouco importa.

Jurandir Freire Costa. In: Quatro autores em busca do Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 43 (com adaptações).

(CESPE) Acerca das ideias do texto acima, julgue os seguintes itens.

- (1) Muitos acreditam que a censura aos meios de comunicação seria uma forma de reduzir a violência entre jovens.
- (2) A argumentação do texto põe em confronto atitudes possíveis: uma que se caracteriza por passividade e impotência, outra, por resistência criativa.
- (3) O trecho “Não podemos (...) dinheiro” (.7-14) apresenta exemplificações que funcionam como argumentos para a afirmação do período que o antecede.

- (4) Infere-se do texto que o autor culpa a violência do cinema e da televisão pela disseminação da violência nos dias atuais.
- (5) De acordo com as ideias defendidas no texto, as formas positivas de dar sentido à vida e experimentar a sensação de poder vinculam-se à maneira como se usa a capacidade de doação e de transformação.

1: correta. É o que se pode deduzir, em interpretação a contrário sensu, dos fatos expostos no primeiro parágrafo; **2:** correta. A passividade é exposta nos primeiros parágrafos, resumindo o ideal da maioria de que não podemos interferir nos grandes temas sociais. A “resistência criativa” é descrita a partir da linha 20, ao dizer que podemos usar nossas características humanas como armas para nos sentirmos potentes, sem precisar da violência gratuita; **3:** correta. Os exemplos esclarecem o argumento do autor sobre a razão da passividade da maioria das pessoas; **4:** incorreta. Ao contrário, os argumentos expostos evidenciam que, para o autor, culpar o cinema e a televisão é evitar olhar sobre o real problema: a passividade das pessoas; **5:** correta. Para o autor, apenas pelo uso daquilo que nos faz humanos é que podemos lutar, positivamente, contra a passividade e dar sentido à vida.

Gabário 1C, 2C, 3C, 4E, 5C

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem.

Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito e pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa rela-

ção não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(CESPE) Com relação às ideias do texto, julgue os seguintes itens.

- (1) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
- (2) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
- (3) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
- (4) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
- (5) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

1: incorreta. O autor aponta que o modelo de democracia no país realmente tem problemas históricos, mas conclui que somente a continuidade do processo de democratização é que poderá resolver nossos problemas políticos; **2:** correta. É o que se infere das lições de Kant expostas no terceiro parágrafo; **3:** correta. O autor elenca, ainda, “o grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos” como condições de sustentação do desenvolvimento; **4:** correta. Essa relação pode ser extraída dos dois últimos períodos do texto; **5:** incorreta. O autor apresenta suas conclusões sobre o pedido realizado. O que ocorre é uma determinação do ponto de vista a ser abordado, adaptando a pergunta à realidade percebida pelo autor.

Gabário 1E, 2C, 3C, 4C, 5E

(CESPE) Com relação às ideias do texto, julgue os seguintes itens.

- (1) A decretação do “fim da política” (l. 9) traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia – representantes e representados.
- (2) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
- (3) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
- (4) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
- (5) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

1: incorreta. O autor destaca que a democracia não é um valor realizável em si mesmo. O contínuo processo de democratização é que traz melhorias e vantagens para o povo; **2:** correta. Isso pode ser inferido do texto, destacando a impossibilidade de se atingir esse

“produto acabado”; **3**: correta. Segundo o autor, tais relações são parte integrante do processo de democratização; **4**: incorreta. Tal conclusão não é possível a partir da leitura do texto. No máximo, a pouca idade de nossa democracia é um fator indireto, mediato, do desrespeito aos direitos humanos pelo poder público, interação que deve ser melhorada dentro do processo de democratização; **5**: incorreta. A busca do conhecimento, no conceito kantiano, é citado como instrumento de retórica para sustentar o argumento que vem em seguida (tal qual a busca do conhecimento, o processo de democratização também não tem um fim). Ela não se relaciona com a existência ou inexistência da democracia e da política. Ademais, há outros sistemas políticos diferentes da democracia, não sendo essa, portanto, seu pressuposto.

Gabarito 1E, 2C, 3C, 4E, 5E

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a conseqüente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro*. Brasília: EDUnB, 1989, p. 13; com adaptações)

(CESPE) Julgue os itens abaixo, relativos às ideias do texto acima.

- (1) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.

- (2) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
- (3) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
- (4) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
- (5) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” (l. 29) sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

1: correta. É correta tal correspondência entre as ideias apresentadas no primeiro parágrafo; **2**: incorreta. Ao contrário, o autor coloca as distorções geradas pelo esforço do homem em dominar a natureza: aumentar o consumo tornou-se o grande objetivo, mesmo em detrimento do uso do tempo livre para a prática da liberdade; **3**: incorreta. A ética não foi abolida. Diz o autor, apenas, que ela deixou de ser uma preocupação em face do crescente desejo de consumo; **4**: correta. A ruptura em questão é a dissociação do pensamento científico-tecnológico do humanista; **5**: correta. “Véspera” é o dia anterior. O autor quis dizer que estamos muito próximos à liberdade, mas ainda não chegamos a ela.

Gabarito 1C, 2E, 3E, 4C, 5C

Texto para as cinco questões seguintes:

ALIMENTO DA ALMA

O comerciante André Faria, 49 anos, dono de um bar em Campinas (SP), pulou da cama às 6 da manhã, trabalhou o dia inteiro e ainda guarda disposição e bom humor para cantar baixinho enquanto prepara a terceira “quentinha” da noite.

O homem miúdo, de cabelos grisalhos e olhos azuis de um brilho intenso, aguarda sua outra freguesia: há anos ele alimenta moradores de rua por sua conta própria. Com a ajuda do fiel escudeiro, Mineiro, 64 anos, André prepara uma grande panela de sopa para 10, 12 pessoas no inverno, ou distribui arroz, feijão e carne para quem passa por ali nos dias mais quentes do ano.

Basta conversar alguns minutos com André para perceber que ele não faz isso para “parecer bonzinho”.

“Não dá pra gente, que trabalha com comida, negar um prato a quem tem fome”, diz. “Tem gente que faz isso, mas não é o meu caso, pois precisa ser muito frio.”

Tatiana Fávero, *Correio Popular*.

(UNIFAP) Lançando mão de qualquer recurso com relação à linguagem, o texto, desde o seu título, tem como função principal dar ao leitor indícios que o levem à construção de sentidos. Com base nesta afirmação, que alternativa melhor justifica o título do texto?

- (A) Foi escolhido, principalmente, com o intuito de mostrar que fazer o bem é uma atitude inerente ao ser humano.

- (B) As pessoas, ao alimentarem o corpo, alimentam necessariamente a alma.
- (C) Quando as pessoas encontram-se alimentadas fisicamente, sentem-se em paz consigo mesmas.
- (D) Quando se dá um prato de comida a um necessitado, alimenta-se, ao mesmo tempo, seu corpo e seu espírito.
- (E) Para quem recebe, um prato de comida faz bem ao corpo, para quem dá, faz bem à alma.

Sem dúvida, a alternativa “E” melhor justifica o título do texto na medida em que André, ao doar comida às pessoas que precisam, alimenta o físico delas e alimenta sua própria alma, no sentido de sentir-se um ser humano melhor e mais feliz por poder ajudar o próximo.

„E” Gabarito

(UNIFAP) Assinale a alternativa incorreta:

- (A) No 1º parágrafo do texto, a mistura dos verbos nos tempos passado e presente tem por finalidade chamar a atenção do leitor, principalmente para a ação presente que é sobre a qual se encontra focalizado o texto.
- (B) O comerciante chama aos moradores de rua de freguesia (2º parágrafo), por trabalhar no ramo da alimentação também com eles.
- (C) De acordo com os dados apresentados no texto, pode-se afirmar que André distribui alimentação aos moradores de rua há mais de dez anos.
- (D) O vocábulo ali (2º parágrafo) é um locativo que substitui, no texto, o lugar onde André fica quando distribui comida.
- (E) Ao trocar-se o vocábulo há (2º parágrafo) pelo vocábulo faz em “...há anos ele alimenta...”, além de sentir-se a necessidade do uso do conectivo que, altera-se, no fragmento, o tipo de variante linguística.

A única alternativa incorreta é a “C”, pois em nenhum momento afere-se do texto a quantidade de anos em que André distribui alimento aos moradores de rua. O texto menciona apenas “há anos”, não sendo possível medir a quantidade.

„C” Gabarito

(UNIFAP) Assinale a alternativa incorreta:

- (A) No 1º parágrafo do texto, a relação predominante entre as orações que o compõe é de equivalência.
- (B) No 1º parágrafo do texto, as ações indicadas pelos vocábulos cantar e prepara, em consequência do elemento articulador que há entre eles, são ações praticadas concomitantemente.
- (C) De acordo com o texto, pode-se inferir, com base ainda no 1º parágrafo, que a disposição e o bom humor de André Faria, advêm de sua vontade de praticar o bem.
- (D) A sopa ou o arroz, feijão e carne, dependendo do clima, são distribuídos sempre para as mesmas pessoas.

- (E) A preparação da sopa é feita por André e Mineiro, seu fiel escudeiro.

A: correta. Chama-se relação de equivalência a relação de interdependência entre duas orações quando elas possuem o mesmo valor semântico, não se podendo indicar uma dominante e outra dependente. É o que ocorre nos períodos compostos por coordenação, como no primeiro parágrafo do texto; **B:** correta. Sim, o elemento articulador “enquanto” dá a ideia de que ambas atividades são praticadas ao mesmo tempo; **C:** correta. Pela leitura do primeiro parágrafo é possível concluir que o bom humor dele advém da vontade de praticar o bem; **D:** incorreta (devendo ser assinalada). Tanto a sopa como o arroz, feijão e carne são distribuídos para as pessoas que passam por “ali”, ou seja, para as pessoas que passam pelo local onde ele distribui a comida, não especificando se são as mesmas; **E:** correta. André prepara a sopa com a ajuda de Mineiro.

„D” Gabarito

(UNIFAP) Dentre as alternativas abaixo, qual a que melhor resume a atitude de André no texto em estudo?

- (A) “O comerciante André Faria, 49 anos, dono de um bar em Campinas (SP), pulou da cama às 6 da manhã, trabalhou o dia inteiro...”
- (B) “O homem miúdo, de cabelos grisalhos e olhos azuis de um brilho intenso, aguarda sua outra freguesia...”
- (C) “André prepara uma grande panela de sopa para 10, 12 pessoas no inverno...”
- (D) “Basta conversar alguns minutos com André para perceber que ele não faz isso para ‘parecer bonzinho’.”
- (E) “‘Não dá pra gente, que trabalha com comida, negar um prato a quem tem fome’...”

A única alternativa que resume de forma perfeita a atitude de vida de André é a letra “E”, que mesmo após um dia de trabalho, sente-se feliz em distribuir comida a quem precisa. Resume também seu pensamento, de que, principalmente as pessoas que trabalham no ramo da alimentação, não têm como negar comida a quem não tem o que comer.

„E” Gabarito

(UNIFAP) Pelo que sabemos, vivemos ou ouvimos falar, além de vir de longas datas, a distribuição de rendas em nosso país é injusta, posto que, alguns têm muito, outros o suficiente para sobreviver e, a maioria, não têm nada ou quase nada.

Segundo o texto, que alternativa melhor se relaciona a esta afirmação, levando-se em consideração o foco principal do texto?

- (A) “...André Faria, 49 anos, dono de um bar em Campinas (SP),...”
- (B) “O homem miúdo, de cabelos grisalhos e olhos azuis de um brilho intenso, aguarda sua outra freguesia...”
- (C) “...há anos ele alimenta moradores de rua por sua conta própria.”
- (D) “...distribui arroz, feijão e carne para quem passa por ali...”

- (E) “Tem gente que faz isso, mas não é o meu caso, pois precisa ser muito frio.”

O foco principal do texto é o fato de André alimentar moradores de rua por conta própria, denotando que a distribuição de renda não é paritária, tal qual afirma o enunciado da questão.

„C„ Gabarito

Texto para as duas questões seguintes:

MULHERES MAIS FORTES QUE HOMENS?

Quando ficam doentes, os homens agem como bebês, dizem as mulheres. Mas talvez elas deveriam seguir o exemplo dos rapazes – isso poderia salvar-lhes a vida, explicam pesquisadores da Universidade de Michigan. Quando as mulheres sofrem um enfarte, têm mais probabilidade de adiar a busca por ajuda médica e, depois, dificilmente tomam providências para melhorar a saúde em geral. O motivo? As mulheres são fortes demais; elas acham que seus problemas simplesmente não têm muita importância. Quando Steven Erickson e colaboradores perguntaram a 348 homens e 142 mulheres, que haviam sido internados por causa de enfarte, sobre seus sintomas e a medicação, descobriram que, embora as mulheres tivessem tido mais sintomas e estivessem tomando mais remédios, classificaram sua doença como menos grave do que os homens.

J.R. O Globo, 2005.

(UNIFAP) Que argumento o autor utiliza para mostrar que o enfarte, na mulher, é mais difícil de ser tratado do que o enfarte no homem?

- (A) Maior probabilidade de adiar a busca por ajuda médica após o enfarte.
 (B) O reconhecimento de que a mulher é mais resistente que o homem, conseqüentemente, quando acometida de enfarte, este é mais violento.
 (C) A mulher, por ter mais desgaste físico com problemas domésticos, está mais sujeita a enfarte fulminante.
 (D) O enfarte na mulher se torna mais perigoso porque ela não pode tomar qualquer tipo de remédio.
 (E) Por se pensar forte, a mulher acredita-se isenta de enfarte.

Para o autor, o enfarte é mais difícil de ser tratado nas mulheres, pois estas, por serem fortes, têm maior probabilidade de adiar a busca pelo auxílio médico do que os homens, o que dificulta o tratamento.

„A„ Gabarito

(UNIFAP) De acordo com o texto, podemos inferir que o autor quer chamar a atenção para a

- (A) maneira de agir das mulheres que, por se acreditarem fortes, veem seus problemas de saúde sem importância.

- (B) maneira infantil de agir dos homens.
 (C) pesquisa de Steven Erickson e colaboradores.
 (D) superioridade, em termos de saúde, das mulheres sobre os homens.
 (E) doença das mulheres que é menos grave que a doença dos homens.

De acordo com o texto, o autor quer chamar a atenção para a diferença de reação frente às doenças por homens e mulheres, destacando que estas, por se acharem fortes, conseqüentemente não dão importância aos seus problemas de saúde. Por isso, não procuram ajuda médica quando necessário no caso de enfarte.

„A„ Gabarito

Texto para as quatro questões seguintes.

TEXTO – DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentam 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan. Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que se vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação.

Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas.

É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As

próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

(NCE-UFRJ) O título Diagnóstico se justifica porque o texto:

- (A) trata da insegurança como uma doença social;
- (B) mostra as causas históricas da insegurança na cidade do Rio;
- (C) indica o conhecimento das causas de determinado fenômeno;
- (D) aponta os remédios para uma doença observada;
- (E) faz uma análise científica de um problema atual.

“Diagnóstico” significa identificação da natureza de um problema pela interpretação de seus indícios ou sinais. O seu uso no título baseia-se na pretensão do autor de apresentar as causas do problema da violência contra turistas. Correta, portanto, a alternativa C.

„B” Gabarito

(NCE-UFRJ) “Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três”; essa relação mostra que:

- (A) a insegurança aumenta quando se reduz o número de turistas;
- (B) o nº de turistas cresce, apesar dos assaltos;
- (C) a redução do nº de turistas faz crescer a segurança;
- (D) quanto mais aumentam os turistas, menos assaltos ocorrem;
- (E) os turistas aumentam na mesma proporção que os assaltos.

A: incorreta. A insegurança aumenta conforme aumenta o número de turistas; **B:** correta. Mesmo com a curva crescente de assaltos, os turistas continuam vindo em maior número; **C:** incorreta. O número de turistas aumentou, o que fez aumentar o número de assaltos e os riscos à segurança; **D:** incorreta. A relação é inversa: quanto mais turistas, mais assaltos; **E:** incorreta. Os assaltos crescem mais rápido do que o aumento do número de turistas.

„B” Gabarito

(NCE-UFRJ) Entre os argumentos apresentados a favor do trabalho das autoridades competentes para a segurança policial do Rio de Janeiro, só NÃO está:

- (A) instalação de câmeras na orla;
- (B) falta de verbas;
- (C) investimentos em aparato tecnológico;
- (D) presença de policiais nas praias;
- (E) policiamento ostensivo.

A: correta (penúltimo parágrafo); **B:** incorreta, devendo ser assinalada. O autor conclui dizendo que este argumento não é válido, por se basear apenas no comodismo das autoridades; **C:** correta (último parágrafo); **D:** correta (terceiro parágrafo); **E:** correta (terceiro parágrafo).

„B” Gabarito

(NCE-UFRJ) “Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal...”; tal indignação, referida no primeiro parágrafo do texto, se dirige contra:

- (A) a Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro;
- (B) o Departamento de Estado americano;
- (C) o grande número de assaltos a turistas no Rio;
- (D) o despreparo da polícia carioca;
- (E) a redução do número de turistas que se dirigem ao Rio.

A indignação dirigiu-se contra o Departamento de Estado americano, que aumentou o alerta emitido para as agências de turismo daquele país para que informassem os clientes sobre os riscos de se viajar ao Brasil.

„B” Gabarito

Paz como equilíbrio do movimento

1	Como definir a paz? Desde a antiguidade encontramos muitas definições. Todas elas possuem suas
2	boas razões e também seus limites. Privilegiamos uma, por ser extremamente sugestiva: a paz é o equilíbrio
3	do movimento. A felicidade desta definição reside no fato de que se ajusta à lógica do universo e de todos
4	os processos biológicos. Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito uma vez por todas.
5	Viemos de uma primeira grande instabilidade e de um incomensurável caos. Tudo explodiu. E ao
6	expandir-se, o universo vai pondo ordem no caos. Por isso o movimento de expansão é criativo e
7	generativo. Tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Essa afirmação
8	constitui a tese básica de toda a cosmologia contemporânea, da física quântica e da biologia genética e
9	molecular.
10	Em razão da panrelacionalidade de tudo com tudo, o universo não deve mais ser entendido como o
11	conjunto de todos os seres existentes e por existir, mas como o jogo total, articulado e dinâmico, de todas as
12	relações que sustentam os seres e os mantém unidos e interdependentes entre si.
13	A vida, as sociedades humanas e as biografias das pessoas se caracterizam pelo movimento.
14	A vida nasceu do movimento da matéria que se auto-organiza; a matéria nunca é “material”, mas um jogo
15	altamente interativo de energias e de dinamismos que fazem surgir os mais diferentes seres. Não sem razão
16	asseveram alguns biólogos que, quando a matéria alcança determinado nível de auto-organização, em
17	qualquer parte do universo, emerge a vida como imperativo cósmico, fruto do movimento de relações
18	presentes em todo o cosmos.
19	As coisas mantêm-se em movimento, por isso evoluem; elas ainda não acabaram de nascer. Mas o
20	caos jamais teria chegado a cosmos e a desordem primordial jamais teria se transformado em ordem aberta
21	se não houvesse o equilíbrio. Este é tão importante quanto o movimento. Movimento desordenado é

22	destrutivo e produtor de entropia. Movimento com equilíbrio produz sintropia e faz emergir o universo como	49	paz dos túmulos. A manutenção sábia dos dois polos faz emergir a paz dinâmica, feita e sempre por fazer,
23	cosmos, vale dizer, como harmonia, ordem e beleza.	50	aberta a novas incorporações e a sínteses criativas.
24	Que significa equilíbrio? Equilíbrio é a justa medida entre o mais e o menos. O movimento possui	51	Consideradas sob a ótica da paz como equilíbrio do movimento, as sociedades atuais são
25	equilíbrio e assim expressa a situação de paz se ele se realizar dentro da justa medida, não for nem	52	profundamente destruidoras das condições da paz. Vivemos dilacerados por radicalismos, unilateralismos,
26	excessivo nem deficiente. Importa, então, sabermos o que significa a justa medida.	53	fundamentalismos e polarizações insensatas em quase todos os campos. A concorrência na economia e no
27	A justa medida consiste na capacidade de usar potencialidades naturais, sociais e pessoais de tal	53	mercado, feita princípio supremo, esmaga a cooperação necessária para que todos os seres possam viver e
28	forma que elas possam durar o mais possível e possam, sem perda, se reproduzir. Isso só é possível,	55	continuar a evoluir. O pensamento único da ideologia neoliberal, levado a todos os quadrantes da terra,
29	quando se estabelece moderação e equilíbrio entre o mais e o menos. A justa medida pressupõe realismo,	56	destrói a diversidade cultural e espiritual dos povos. A imposição de uma única forma de produção, com a
30	aceitação humilde dos limites e aproveitamento inteligente das possibilidades. É este equilíbrio que garante	57	utilização de um único tipo de técnica e de administração, maximizando os lucros, encurtando o tempo e
31	a sustentabilidade a todos os fenômenos e processos, à Terra, às sociedades e à vida das pessoas.	58	minimizando os investimentos, devasta os ecossistemas e coloca sob risco o sistema vivo de Gaia. As
32	O universo surgiu por causa de um equilíbrio extremamente sutil. Após a grande explosão originária,	59	relações profundamente desiguais entre ricos e pobres, entre Norte e Sul e entre religiões que se
33	se a força de expansão fosse fraca demais, o universo colapsaria sobre si mesmo. Se fosse forte demais, a	60	consideram portadoras de revelação divina e outras religiões da humanidade, reforçam a arrogância e
34	matéria cósmica não conseguiria adensar-se e formar assim gigantescas estrelas vermelhas,	61	aumentam os conflitos religiosos. Todos estes fenômenos são manifestações da destruição do equilíbrio do
35	posteriormente, as galáxias, as estrelas, os sistemas planetários e os seres singulares. Se não tivesse	62	movimento e, por isso, da paz tão ansiada por todos. Somente fundando uma nova aliança entre todos e
36	funcionado esse refinadíssimo equilíbrio, nós humanos não estaríamos aqui para falar disso tudo.	63	com a natureza, inspirada na paz-equilíbrio-do-movimento como método e como meta, conseguiremos
37	Como alcançar essa justa medida e esse equilíbrio dinâmico? A natureza do equilíbrio demanda	64	sociedades sem barbárie, onde a vida pode florescer e os seres humanos podem viver no cuidado de uns
38	uma arte combinatória de muitos fatores e de muitas dimensões, buscando a justa medida dentre todas	65	para com os outros, em justiça e, enfim, na paz perene, secularmente ansiada.
39	elas. Pretender derivar o equilíbrio de uma única instância é situar-se numa posição sem equilíbrio. Por isso		
40	não basta a razão crítica, não é suficiente a razão simbólica, presente na religião e na espiritualidade, nem a		
41	razão emocional, subjacente ao mundo dos valores e das significações, nem o recurso da tradição, do bom		
42	senso e da sabedoria dos povos.		
43	Todas estas instâncias são importantes, mas nenhuma delas é suficiente, por si só, para garantir o		
44	equilíbrio. Este exige uma articulação de todas as dimensões e todas as forças.		
45	A partir destas ideias, temos condições de apreciar a excelência da compreensão da paz como		
46	equilíbrio do movimento. Se houvesse somente movimento sem equilíbrio, movimento linear ou		
47	desordenado, em todas as direções, imperaria o caos e teríamos perdido a paz. Se houvesse apenas		
48	equilíbrio sem movimento, sem abertura a novas relações, reinaria a estagnação e nada evoluiria. Seria a		

BOFF, Leonardo. Paz como equilíbrio do movimento.
Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/pazcomo.htm>>.
Acesso em: 14 nov. 2012. (Adaptado).

(UEG) Defende-se no texto a ideia de que

- (A) a vida surgiu a partir de um momento de estagnação, de inércia da matéria.
- (B) o universo deve ser entendido como o agrupamento estático de todos os seres existentes.
- (C) as coisas não são estáticas, fato que condiciona sua evolução.
- (D) a razão simbólica é suficiente, por si só, para garantir o equilíbrio do universo.

A: incorreta. O autor deixa claro sua concordância com a teoria do "Big Bang" e de que a vida decorre do movimento gerado por essa grande explosão; B: incorreta. A ideia de movimento permeia todo o texto, inclusive nos argumentos de que ele que mantém o universo em equilíbrio evolutivo; C: correta. Como o próprio autor sugere, se não houvesse movimento, os destroços da grande explosão nunca teriam evoluído até as formas mais avançadas de vida; D: incorreta. O autor defende que, da mesma forma que as condições biológicas, as relações humanas também dependem do equilíbrio entre diversas ideologias, não podendo ele existir se albergado por uma só razão.

«C» Gabarito

(UEG) No sétimo parágrafo (linhas 27-31), tem-se a ideia de que a justa medida

- (A) consiste no uso consciente das potencialidades naturais e sociais, de maneira a não esgotá-las.
- (B) é uma possibilidade de rompimento entre o mais e o menos, a fim de que o menos possa ser mais.
- (C) deve ser entendida como a não aceitação e a superação dos limites que cerceiam a existência.
- (D) é insuficiente para instaurar o equilíbrio entre as coisas e para manter a sustentabilidade no planeta.

A: correta. O autor defende, com palavras diferentes, a ideia do desenvolvimento sustentável, ou seja, o poder de usarmos dos recursos naturais do planeta sem, contudo, extinguir suas fontes, para que elas possam sempre sustentar a vida na Terra; **B, C e D:** incorretas. Todo o texto circunda a ideia de equilíbrio como a medida necessária para impedir excessos. Essa medida seria encontrada no meio-termo de todas as coisas e opiniões, ideologias e posturas, sem radicalismos, sendo suficiente para, assim, fazer brotar a paz.

„D“ Gabarito

(UEG) No último parágrafo do texto (linhas 51-65), o autor defende a ideia de que a paz, considerada como equilíbrio do movimento,

- (A) é fortalecida pelo pensamento neoliberal que predomina em grande parte do mundo atual e que valoriza a diversidade cultural e espiritual dos povos.
- (B) é nutrida por ricos e pobres, sendo reforçada pelas diversas religiões do mundo, que buscam superar as desigualdades, as arrogâncias e os conflitos.
- (C) encontra-se realizada nas sociedades atuais, já que a concorrência na economia e no mercado propicia a cooperação necessária para a paz entre os povos.
- (D) encontra obstáculos nas sociedades atuais, que destroem as condições de paz, desvalorizam a cooperação e apresentam radicalismos e fundamentalismos em quase todos os campos.

A: incorreta. O autor é crítico da ideologia neoliberal, que considera imperialista, no sentido de que avança sobre todos os países impondo sua suposta superioridade econômica, extirpando as diferenças culturais; **B:** incorreta. O autor critica as religiões, porque fundadas em radicalismos de fé, não sendo um caminho para o equilíbrio como provam, segundo o autor, os conflitos religiosos ao redor do mundo; **C:** incorreta. A livre concorrência, para o autor, cria uma selvageria no mercado que promove o oposto ao equilíbrio, porque não permite a cooperação entre as pessoas; **D:** correta. Esse seria o grande problema social atual, gerador de todos os conflitos acompanhados ao redor do globo.

„D“ Gabarito

(UEG) No último parágrafo (linhas 51-65), o autor faz uma referência implícita à “hipótese Gaia” ou “teoria Gaia”, formulada por James Lovelock com o objetivo de defender que a Terra seria um organismo vivo, comportando-se como tal. Ao fazer isso, o autor estabelece entre seu texto e as ideias de Lovelock uma relação

- (A) paródica
- (B) sarcástica
- (C) metatextual
- (D) intertextual

A característica na qual dois textos se entrelaçam, um mencionando o outro, cujo conhecimento é obrigatório para a plena compreensão da mensagem, chama-se intertextualidade.

„D“ Gabarito

Um problema básico – descentralizar a Justiça

Hélio Bicudo, vice-prefeito de São Paulo, destacou-se pela sua participação, durante longos anos, como um dos membros da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, defendendo aqueles que eram perseguidos pelo regime militar. Nessa atividade, sua preocupação principal era a de encontrar soluções práticas e concretas para as questões que afligiam os brasileiros que enfrentavam dificuldades em recorrer à Justiça, a fim de postularem seus direitos. É bem conhecida, por exemplo, sua luta – como membro do Ministério Público e como jornalista – contra o Esquadrão da Morte.

O depoimento de Hélio Bicudo foi colhido por *estudos avançados* no dia 12 de maio. Cabe destacar ainda a participação, nesta entrevista, do advogado Luís Francisco Carvalho Filho, que milita na imprensa e se dedica especialmente a questões relacionadas à Justiça.

Luís Francisco Carvalho Filho – *Hélio Bicudo*, em sua opinião, como devem ser resolvidos os problemas do acesso à Justiça brasileira e de sua eficiência?

Hélio Bicudo – O problema do acesso à Justiça é uma questão fundamental quando se deseja promover uma reforma do Poder Judiciário. É importante salientar que essa é uma reforma que não necessita de alterações no texto constitucional. Acredito que os próprios Poderes Judiciários dos Estados poderiam adotar determinadas medidas, até mesmo administrativas, para diminuir a distância entre o cidadão e o juiz. Penso nisso há muito tempo. Quando trabalhei com o governador Carvalho Pinto, de 1959 a 1962, conseguimos sensibilizar o Tribunal de Justiça de São Paulo para a realização de uma reforma mais ou menos desse tipo. O que acontece hoje – e que acontecia naquela época – é que o Poder Judiciário está localizado na região central da cidade. É o caso, por exemplo, do Fórum Criminal, que tem cerca de sessenta Varas Criminais. Para se ouvir uma testemunha que, por exemplo, mora em Parelheiros, temos de trazê-la até o Centro, o que é um problema complicado.

Além disso, temos a maneira pela qual se desenvolve o processo. Por exemplo, o juiz que recebe a denúncia não é o mesmo que interroga, não é o mesmo que ouve as testemunhas, não é o que examina a prova.

No final, é um quarto ou um quinto juiz que decide, a partir de um documento inserido no papelório. Sempre acreditei que, para diminuir a distância entre o juiz e o cidadão, é preciso descentralizar o Poder Judiciário. Ora, se em São Paulo há cerca de cem delegacias policiais distritais, por que não se pode ter também 250 ou trezentos juizados?

(FGV) “Hélio Bicudo, em sua opinião, como devem ser resolvidos os problemas do acesso à Justiça brasileira e de sua eficiência?”.

Na pergunta do entrevistador há uma série de dados implícitos; assinale a afirmativa que não pode ser inferida da pergunta feita pelo jornalista.

- (A) a opinião do entrevistado é importante para o trabalho do jornalista.
- (B) a intenção do jornalista é mostrar certa formalidade na entrevista.
- (C) o entrevistador considera que há problemas no acesso à justiça no Brasil.
- (D) o jornalista acha que a justiça brasileira carece de mais eficiência.
- (E) o jornalista considera que ele e o entrevistado possuem opiniões semelhantes em alguns pontos.

A: correta. Mais do que inferido, esse ponto está expresso na pergunta elaborada. A opinião do entrevistado é o principal foco do jornalista; B: incorreta, devendo ser assinalada. Não há qualquer traço de formalidade na questão. Ao contrário, foram usadas palavras cotidianas e o entrevistado é chamado diretamente pelo nome, sem qualquer pronome de tratamento que o anteceda; C: correta. Ao perguntar quais seriam as soluções para os problemas mencionados, fica claro que o entrevistador entende que eles existem; D: correta, porque menciona que há problemas de eficiência no Poder Judiciário que podem ser resolvidos; E: correta. A pergunta denota que o entrevistador acredita que o entrevistado também vê problemas no acesso à Justiça e na eficiência do Poder Judiciário e pode sugerir soluções para a melhora nesse serviço.

„B“ Gabarito

(FGV) A entrevista é precedida de um pequeno texto cuja finalidade é

- (A) apresentar o entrevistado aos leitores que não o conhecem.
- (B) dar autoridade às opiniões emitidas pelo entrevistado.
- (C) acrescentar credibilidade às respostas do entrevistado.
- (D) adicionar qualidade ao trabalho realizado pelo jornalista.
- (E) demonstrar o valor político da atuação do entrevistado.

O texto inicial tem como mote a atuação política do entrevistado durante sua carreira pública, dando ênfase às necessidades das classes menos favorecidas da população.

„E“ Gabarito

(FGV) Observe a charge abaixo com atenção:



Em relação à mensagem da charge, assinale a afirmativa que não é coerente.

- (A) A circunstância de a charge trazer na parte superior o termo “Insegurança nacional...” já indica o conteúdo crítico em relação às políticas de segurança.
- (B) Na fala do cidadão, a presença de reticências indica as pausas características de vacilação da língua falada.
- (C) O fato de a polícia auxiliar o cidadão com uma oração representa a ausência absoluta de as autoridades lhe providenciarem segurança.
- (D) Na verdade, entre as duas falas atribuídas à polícia há uma contradição evidente.
- (E) Estar o cidadão a pé e apelar para um orelhão em lugar de utilizar um celular são marcas de já ter sido ele vítima de um assalto anterior.

A: correta. O próprio título da charge já demonstra a crítica que nela está contida; B: correta. Realmente essa é a função exercida pelas reticências no texto; C: correta. A crítica exposta na charge é a falta de aparelhamento da polícia, que nada pode fazer de concreto para auxiliar o cidadão amedrontado; D: correta. O cidadão pede uma providência da polícia, que afirma que poderá tomá-la, ao que interlocutor é surpreendido com a total impossibilidade de a polícia ajudá-lo – dado que o policial simplesmente começa a rezar; E: incorreta, devendo ser assinalada. Não há qualquer dado no texto que autoriza essa ilação.

„E“ Gabarito

Sofrimento psíquico em policiais civis: uma questão de gênero

Apesar de concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro admite também mulheres entre seus servidores. Em suas atividades

diárias, elas relatam enfrentar dificuldades, frustrações e cobranças. Um estudo realizado pelo Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde (Claves), vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), uma unidade da Fiocruz, questionou 2.746 policiais, dos quais cerca de 19% eram mulheres, e descobriu que elas apresentam mais sofrimento psíquico que seus colegas de trabalho.

“Sofrimento psíquico é um conjunto de condições psicológicas que, apesar de não caracterizar uma doença, gera determinados sinais e sintomas que indicam sofrimento” explica a psicóloga Edinilsa Ramos de Souza, coordenadora do projeto. O problema pode ser causado por diversos fatores, inclusive as condições de trabalho, como falta de instalações adequadas, estresse e falta de preparo para a função. “No dia a dia, o policial precisa continuar com o seu trabalho e não pode demonstrar fragilidade”, acrescenta. “Isso aumenta o sofrimento e, muitas vezes, faz com que o profissional somatize as questões psicológicas em problemas de saúde, como pressão alta, insônia e dores de cabeça”.

(Catarina Chagas)

(FGV) “Apesar de concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro admite também mulheres entre seus servidores”.

A maneira de reescrever-se essa frase do texto que altera o seu sentido original é:

- (A) Embora concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro admite também mulheres entre seus servidores.
- (B) A Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro admite também mulheres entre seus servidores, ainda que seja concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina.
- (C) Conquanto concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro admite também mulheres entre seus servidores.
- (D) Apesar de admitir mulheres entre seus servidores, também a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro é concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina.
- (E) Mesmo que admita também mulheres entre seus servidores, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro é concebida pelo senso comum como uma instituição predominantemente masculina.

A única redação que altera o sentido original do texto é a exposta na alternativa “D”, consistente no deslocamento do advérbio também. No trecho original, ele transmite a ideia de que há mulheres ao lado dos homens na Polícia Civil. Ao ser deslocado, passou a referir-se não só à Polícia Civil, ou seja, dá a entender que há outras instituições de segurança pública que são concebidas pelo senso comum como predominantemente masculinas.

«D», Gabarito

(FGV) O título e o texto informam ao leitor que o sofrimento psíquico entre policiais é uma questão de gênero, ou seja,

- (A) atinge os policiais em geral de diferentes formas.
- (B) está mais presente entre as mulheres que entre os homens.
- (C) trata-se mais de uma questão psicológica do que física.
- (D) apresenta relações com a maior fragilidade das mulheres.
- (E) mostra relações com o despreparo das mulheres para a função policial.

“Gênero”, no texto, é utilizado no sentido de “diferença de sexo»: gênero masculino e gênero feminino. Logo, «ser uma questão de gênero» refere-se a algo que é diferente para os homens e para as mulheres. No caso, o sofrimento psíquico, que é mais comum no universo feminino. Gabarito «B»

«B», Gabarito

(FGV) “Um estudo realizado pelo Centro Latino-americano de Estudos de Violência e Saúde (Claves), vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), uma unidade da Fiocruz, questionou 2.746 policiais, dos quais cerca de 19% eram mulheres, e descobriu que elas apresentam mais sofrimento psíquico que seus colegas de trabalho”.

Com relação aos constituintes desse segmento do texto, assinale a alternativa que mostra um comentário inadequado.

- (A) Os adjetivos “realizado” e “vinculado” se prendem ao substantivo “estudo”.
- (B) A expressão “cerca de” se refere a uma quantidade aproximada.
- (C) As duas palavras colocadas entre parênteses são siglas dos nomes anteriores.
- (D) A informação de o estudo citado estar ligado à Fiocruz dá autoridade ao texto.
- (E) Para evitar polissemia, a forma “questionou” poderia ser substituída por “entrevistou”.

A: incorreta, devendo ser assinalada. O adjetivo “vinculado” refere-se ao Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde; B: correta. Esse é justamente o significado da expressão, sinônima de «aproximadamente»; C: correta. Note que as palavras entre parênteses são formadas com as iniciais dos institutos que as precedem; D: correta. A Fiocruz é uma importante instituição nacional voltada à saúde pública; E: correta. «Questionar» pode significar «perguntar», como no texto, ou “duvidar”, o que poderia causar confusão no leitor.

«A», Gabarito

(FGV) “Isso aumenta o sofrimento e, muitas vezes, faz com que o profissional somatize as questões psicológicas em problemas de saúde, como pressão alta, insônia e dores de cabeça”. O termo sublinhado significa que o profissional

- (A) prioriza as questões psicológicas em relação às de saúde física.
- (B) transforma algo em doenças do corpo.

- (C) considera as questões psicológicas como problemas de saúde.
 (D) identifica as questões de saúde como problemas psicológicos.
 (E) acrescenta problemas psicológicos aos de saúde.

“Somatizar” significa transformar um problema emocional ou psicológico em um mal físico, corporal.

„B”
Cabrito

(FGV) A manchete do jornal, trazia a seguinte frase:

Rocinha ganha UPP de 700 PMs e 100 câmeras

(O Globo, de 21/09/2012)

Com relação à frase da manchete, assinale a afirmativa que traz uma observação inadequada.

- (A) Como nas manchetes em geral, mesmo se tratando de um fato passado, a forma verbal empregada está no presente.
 (B) As referências presentes na manchete contam com o conhecimento de mundo dos leitores para que a comunicação se realize.
 (C) Por tratar-se de um tipo de texto em que a brevidade é essencial, há a presença de algumas siglas na manchete.
 (D) As quantificações informadas atuam como marcas de grandiosidade do projeto de segurança.
 (E) A mesma forma de indicação de plural em PMs deveria ter sido empregada em UPP.

A: correta. Esse é um recurso muito comum do texto jornalístico; **B:** correta. É necessário conhecer previamente a política das Unidades de Polícia Pacificadora do Governo do Estado do Rio de Janeiro para interpretar corretamente a manchete; **C:** correta. A manchete jornalística deve transmitir sua mensagem em pouco espaço, daí porque o uso de siglas; **D:** correta. Essa é a ideia que o jornalista quer transmitir com sua manchete; **E:** incorreta, devendo ser assinalada. No texto, UPP está no singular, portanto não deve receber qualquer «s» indicativo de plural.

„E”
Cabrito

(FGV) Observe o material fotográfico a seguir, pertencente a uma campanha sobre a violência contra as mulheres.

Homens pelo fim da violência contra as mulheres



Sobre os elementos presentes na mensagem e na foto acima, assinale a afirmativa adequada.

- (A) A mão à esquerda do cartaz representa um pedido de ajuda à polícia.
 (B) O fato de o homem representado ser um negro mostra que a violência é predominante entre esse segmento de nossa população.

- (C) O ato de o homem representado estar com o olhar voltado para o observador da foto mostra a tentativa de condenação da indiferença diante dessa violência.
 (D) O homem presente no cartaz funciona como representante do mote da campanha expresso nas palavras na parte superior da foto.
 (E) A mensagem na parte superior da foto faz supor que os homens só condenam a violência contra as mulheres.

A única afirmação que pode ser extraída da campanha é a constante da alternativa “D”. O homem ilustra a mensagem transmitida, de que eles mesmos estão reconhecendo a necessidade e pedindo o fim da violência contra as mulheres.

„D”
Cabrito

É voz corrente que a humanidade está vivendo um momento de crise. A excessiva exaltação dos objetivos econômicos, com a eleição dos índices de crescimento como o padrão de sucesso ou fracasso dos governos, estimulou a valorização exagerada da busca de bens materiais.

Isso foi agravado pela utilização dos avanços tecnológicos para estimular o consumismo e apresentar maliciosamente a posse de bens materiais supérfluos como padrão de sucesso individual. A consequência última desse processo foi a implantação do materialismo e do egoísmo na convivência humana, sufocando-se os valores espirituais, a ética e a solidariedade.

Dalmo Dallari. Internet: <dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/preconceito/policiais.html>.

(CESPE) Assinale a opção que não está de acordo com as ideias do texto acima.

- (A) A crise que a humanidade está vivendo envolve o abafamento de valores espirituais, da ética e da solidariedade.
 (B) A busca de bens materiais provém da excessiva valorização dos índices de crescimento como padrão de sucesso das nações.
 (C) O consumismo foi estimulado por meio dos avanços tecnológicos que apresentam os bens materiais como forma de sucesso individual.
 (D) O processo de valorização exagerada dos bens materiais atenua a manifestação do egoísmo na convivência entre as pessoas.

A única alternativa que não está de acordo com o disposto no texto é a letra “D”, que deve ser assinalada. Com efeito, o texto exalta justamente o contrário: que a valorização da posse de bens materiais é responsável pelo surgimento do egoísmo na sociedade.

„D”
Cabrito

(CESPE) A dimensão social da democracia marcou o primeiro grande salto na conceituação dos direitos humanos. A afirmação dos direitos sociais surgiu da

constatação da fragilidade dos direitos liberais, no sentido de que o homem, a favor do qual se proclamavam liberdades políticas, não satisfaz ainda necessidades primárias: alimentar-se, vestir-se, morar, ter condições de saúde, ter segurança diante da doença, da velhice, do desemprego e de outros percalços da vida.

Idem, ibidem (com adaptações).

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto acima.

- (A) Do primeiro salto na definição dos direitos humanos decorre o caráter social da democracia.
- (B) A fragilidade dos direitos liberais constitui a dimensão social da democracia.
- (C) A afirmação dos direitos sociais proveio da constatação de que o homem, para o qual se propunha o direito à liberdade, ainda não havia conquistado suas necessidades primárias.
- (D) Alimentar-se, vestir-se, morar, ter saúde, ter segurança diante dos percalços da vida foram os primeiros direitos humanos a serem requeridos na história.

A: incorreta. O caráter social da democracia não é a causa do primeiro salto na definição dos direitos humanos, mas sua principal característica; **B:** incorreta, pois, segundo o autor do texto, a fragilidade dos direitos liberais foi a causa da afirmação dos direitos sociais, não sendo sinônimos; **C:** correta, uma vez que o autor expõe a contraposição dos direitos liberais e dos direitos sociais, pois este nasceram da insuficiência daqueles; **D:** incorreta. O autor define os direitos sociais como o “primeiro grande salto na conceituação dos direitos humanos”, deixando claro que estes já eram reconhecidos, mas não ainda em sua completa extensão. “Salto”, no texto, tem o sentido de “avanço”.

„C” „Gabarito”

Texto para a questão seguinte.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que o passado que as identidades atuais reconstruam seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem.

Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Stuart Hall e Kathryn Woodward. *Identidade e diferença — A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 24-5 (com adaptações).

(CESPE) A argumentação textual se apoia na ideia de que

- (A) as transformações globais decorrem de conflitos de identidades nacionais e étnicas.
- (B) as lutas pela afirmação e manutenção das estruturas globais são necessárias.

- (C) as identidades atuais padecem de incerteza porque são apenas imaginadas.
- (D) as identidades não são fixas e integram as mudanças sociais e políticas.
- (E) as lutas pelas transformações sociais são o conflito de identidades.

A: incorreta. Segundo o autor do texto, aumenta-se a atenção sobre as identidades nacionais e étnicas por conta das transformações, não o contrário; **B:** incorreta, pois o autor em momento algum destaca a necessidade de conflitos; **C:** incorreta. O argumento esposado é de que o passado no qual se fundam as identidades atuais é imaginado, mas mesmo assim é um horizonte fixo em tempos de incerteza; **D:** correta, sendo um resumo da ideia geral proposta no texto. As identidades nacionais mudam com o tempo, visto que o passado é sempre imaginado, e contribuem para as mudanças sociais e políticas; **E:** incorreta. O autor não coloca os eventos como sinônimos, mas sim como complementares.

„D” „Gabarito”

1	As mudanças na economia global têm produzido uma dispersão das demandas ao redor do mundo. Isso ocorre não apenas em termos de bens e serviços, mas também de
4	mercados de trabalho. A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. E a migração produz
7	identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes
	desigualdades em termos de desenvolvimento. Nesse
10	processo, o fator de expulsão dos países pobres é mais forte que o fator de atração das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas.

Idem, ibidem, p. 21 (com adaptações).

(CESPE) Assinale a opção correspondente a relação de causa e efeito que se depreende da argumentação do texto acima.

- (A) A migração dos trabalhadores tem como causa a aceleração dos movimentos de globalização.
- (B) A formação de identidades plurais provoca mais resistência dos trabalhadores às mudanças na economia global.
- (C) A migração gera desigualdade de desenvolvimento e confronto entre países pobres e ricos.
- (D) A dispersão das demandas ao redor do mundo acelera a migração e a constituição de identidades plurais.
- (E) A atração que sociedades tecnologicamente avançadas exercem sobre os migrantes acarreta a expulsão de trabalhadores dos países pobres.

O autor do texto argumenta que as mudanças na economia são um fator de aceleração na migração de mão de obra. Atesta que ela (a migração) aconteceria de qualquer maneira, mas não na velocidade permitida pela globalização. Aduz, ainda, que a miscigenação de culturas cria identidades plurais e, ao mesmo tempo, desequilíbrio de desenvolvimento, porque os países pobres tendem a exportar mais trabalhadores do que os países ricos conseguem absorver. A única alternativa que resume perfeitamente a ideia é a “D”.

„D” „Gabarito”

TEXTO 1

Uma língua, múltiplos falares

No Brasil, convivemos não somente com várias línguas que resistem, mas também com vários jeitos de falar. Os mais desavisados podem pensar que os mineiros, por exemplo, preferem abandonar algumas palavras no meio do caminho quando perguntam “ôndôtô?” ao invés de “onde eu estou?”. Igualmente famosos são os “s” dos cariocas ou o “oxente” dos baianos. Esses sotaques ou modos de falar resultam da interação da língua com uma realidade específica, com outras línguas e seus falantes.

Todas as línguas são em si um discurso sobre o indivíduo que fala, elas o identificam. A língua que eu uso para dizer quem eu sou já fala sobre mim; é, portanto, um instrumento de afirmação da identidade.

Desde suas origens, o Brasil tem uma língua dividida em falares diversos. Mesmo antes da chegada dos portugueses, o território brasileiro já era multilíngue. Estimativas de especialistas indicam a presença de cerca de mil e duzentas línguas faladas pelos povos indígenas. O português trazido pelo colonizador tampouco era uma língua homogênea. Havia variações, dependendo da região de Portugal de onde ele vinha.

Há de se considerar também que a chegada de falantes de português acontece em diferentes etapas, em momentos históricos específicos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, temos primeiramente o encontro linguístico de portugueses com índios e, além dos negros da África, vieram italianos, japoneses, alemães, árabes, todos com suas línguas. Daí que na mesma São Paulo podem-se encontrar modos de falar distintos, como o de Adoniram Barbosa, que eternizou em suas composições o sotaque típico de um filho de imigrantes italianos, ou o chamado erre retroflexo, aquele erre dobrado que, junto com a letra i, resulta naquele jeito de falar “cairne” e “poirta” característico do interior de São Paulo.

Independentemente dessas peculiaridades no uso da língua, o português, no imaginário, une. Na verdade, a construção das identidades nacionais modernas se baseou num imaginário de unidade linguística. É daí que surge o conceito de língua nacional, língua da nação, que pretensamente une a todos sob uma mesma cultura. Esta unidade se constitui a partir de instrumentos muito particulares, como gramáticas e dicionários, e de instituições como a escola. No Brasil, hoje, o português é a língua oficial e também a língua materna da maioria dos brasileiros. Entretanto, nem sempre foi assim.

Patrícia Mariuzzo. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=219>. Acesso em 09/05/2012. Excerto adaptado.

(PIAUÍ) Desde o título, o leitor do Texto 1 tem elementos para antecipar que ele trata:

- (A) da importância da língua portuguesa como instrumento de afirmação da identidade.
- (B) da herança linguística deixada por diferentes povos na cidade de São Paulo.
- (C) de como a língua portuguesa, como qualquer outra língua, apresenta variedades.
- (D) do forte sotaque que caracteriza falantes de algumas regiões, como o do mineiro.
- (E) da diversidade de povos indígenas que habitavam o Brasil antes da colonização.

O texto trabalha a ideia central de que, mesmo sendo um único idioma, os regionalismos transformam a Língua Portuguesa em uma grande diversidade de sons, como todas as demais línguas vivas. O candidato deve ter cuidado com questões desse tipo, porque todas as alternativas apresentam ideias que, umas mais, outras menos diretamente, estão expostas no texto, mas não representam o tema, a ideia central discutida.

„C” Gabarito

(PIAUÍ) O conteúdo global do Texto 1 pode ser sintetizado pelas seguintes palavras-chave:

- (A) Brasil; sotaques; índios.
- (B) língua portuguesa; falares; variedades.
- (C) colonização; sotaques; portugueses.
- (D) português; índios; negros.
- (E) língua portuguesa; Brasil; São Paulo.

Palavras-chave são aquelas que têm o condão de resumir as principais ideias do texto. Nesse caso, poderíamos elencá-las como “língua portuguesa”, “falares” e “variedades”. Mais uma vez, atente para o fato de que todas as palavras sugeridas relacionam-se com o texto, porém devemos procurar aqueles que se ligam ao seu núcleo.

„B” Gabarito

(PIAUÍ) Analise as informações apresentadas a seguir.

- 1) Foi a partir da chegada dos portugueses ao Brasil que o nosso país passou a caracterizar-se como um país multilíngue.
- 2) Um dos fatores que contribuíram para a multiplicidade de falares no Brasil foi a vinda de falantes de português em diferentes momentos históricos.
- 3) A heterogeneidade de falares é uma característica do português brasileiro, uma vez que os portugueses falavam uma língua bastante homogênea quando aqui chegaram.
- 4) Além da escola, alguns instrumentos, como gramáticas e dicionários, contribuem para que nós, brasileiros, imaginemos que temos unidade linguística.

Estão em consonância com o Texto 1 as informações:

- (A) 2 e 4, apenas.
- (B) 1 e 3, apenas.
- (C) 2, 3 e 4, apenas.
- (D) 1 e 4, apenas.
- (E) 1, 2, 3 e 4.

1: incorreta. A autora destaca no terceiro parágrafo que o Brasil já era multilíngue antes da chegada dos portugueses; **2:** correta, conforme exposto no começo do quarto parágrafo; **3:** incorreta. A autora afirma que o português de Portugal também já não era homogêneo no fim do terceiro parágrafo; **4:** correta. Esse argumento é apresentado no último parágrafo.

„A“ Gabarito

(PIAUÍ) “No Brasil, hoje, o português é a língua oficial e também a língua materna da maioria dos brasileiros.” Sobre esse trecho, analise as proposições a seguir.

- 1) Claramente, a afirmação que nele se faz está localizada espacialmente.
- 2) As expressões “língua oficial” e “língua materna” são dadas como sinônimas.
- 3) Ele autoriza o leitor a concluir que, no Brasil, nem todos os habitantes falam português.
- 4) Há marcas explícitas de localização temporal.

Estão corretas:

- (A) 2, 3 e 4, apenas.
- (B) 1, 2 e 4, apenas.
- (C) 1, 3 e 4, apenas.
- (D) 2 e 3, apenas.
- (E) 1, 2, 3 e 4.

1: correta. A localização da informação no espaço está expressa pelo adjunto adverbial de lugar “No Brasil”; **2:** incorreta. Ao mencionar ambas as expressões vinculadas pela conjunção “e”, a autora denota que cada uma tem seu significado próprio; **3:** correta, porque o português é atribuído como língua materna “da maioria dos brasileiros”, ou seja, não todos; **4:** correta. A localização da informação no tempo está expressa pelo adjunto adverbial de tempo “hoje”.

„C“ Gabarito

(PIAUÍ) “Estimativas de especialistas indicam a presença de cerca de mil e duzentas línguas faladas pelos povos indígenas.” O sentido global desse trecho está mantido em:

- (A) Especialistas têm a expectativa de que os povos de origem indígena sejam perto de mil e duzentos.
- (B) A previsão de especialistas é estimada em mais de mil e duzentas línguas indígenas faladas.
- (C) As mil e duzentas línguas faladas pelos povos indígenas foram contadas por especialistas.
- (D) Havia aproximadamente mil e duzentas línguas faladas pelos índios, calculam os especialistas.
- (E) A presença de especialistas entre os povos indígenas indica que estes falavam perto de mil e duzentas línguas.

A: incorreta. A alternativa confunde a informação da quantidade de línguas indígenas com a quantidade de povos indígenas. Pode haver povos com mais de uma língua ou mais de um povo que fale a mesma língua; **B:** incorreta. “Línguas faladas pelos povos indígenas” não é a mesma coisa que “línguas indígenas faladas”, porque essas últimas transmitem a ideia de que podem não ser faladas pelos povos indígenas; **C:** incorreta. Trata-se de uma estimativa, portanto não

houve uma contagem precisa das línguas; **D:** correta. A alternativa parafraseia o enunciado com perfeição; **E:** incorreta. O substantivo “presença” foi deslocado de forma a alterar o sentido da oração. O enunciado não diz que os especialistas estavam presentes, mas sim que existiam cerca de mil e duzentas línguas indígenas.

„D“ Gabarito

TEXTO 2

O GAÚCHO E O MINEIRO



Imagem disponível em: descomplicandoared.blogspot.com. Acesso em 09/05/2012.

(PIAUÍ) O Texto 2 pode ser utilizado para ilustrar a seguinte informação do Texto 1:

- (A) “Igualmente famosos são os “s” dos cariocas ou o “oxente” dos baianos.”
- (B) “Esses modos de falar resultam da interação da língua com uma realidade específica.”
- (C) “Daí que na mesma São Paulo podem-se encontrar modos de falar distintos”.
- (D) “O português é a língua oficial e também a língua materna da maioria dos brasileiros. Entretanto, nem sempre foi assim.”
- (E) “A construção das identidades nacionais modernas se baseou num imaginário de unidade linguística.”

A: incorreta. As personagens da charge são um gaúcho e um mineiro, portanto não ilustram o carioca e o baiano mencionados na alternativa; **B:** correta. O texto 2 demonstra, de forma lúdica, a diversidade linguística das diferentes regiões do país, baseada nas características culturais peculiares de cada uma; **C:** incorreta. Não há qualquer referência no texto 2 de que as personagens estejam em São Paulo; **D:** incorreta. O texto 2 não se refere às línguas diferentes do português; **E:** incorreta. A charge é mais superficial que o texto 1, não avançando sobre a questão da suposta unidade linguística nacional.

„B“ Gabarito

Texto para as duas questões seguintes.

Triste Europa

1	Um Estado pode prender e expulsar um menor desacompanhado só porque ele é estrangeiro e não possui os documentos que o próprio Estado não quis lhe conceder? E, na mesma situação, os idosos, as grávidas e os portadores de
5	deficiência? E os que, no país de origem, foram vítimas de tortura, estupro ou outras formas graves de violência? Pois a nova norma sobre “o regresso de nacionais de
10	terceiros países em situação irregular”, recentemente aprovada pelo Parlamento Europeu, não apenas permite que um país o faça como estende uma tenebrosa concepção
15	jurídica da imigração aos Estados-membros da União Europeia. Tanto essa diretiva como as leis de certos países que a
20	inspiraram são incompatíveis com as Constituições nacionais dos Estados-membros. São ilegais em relação ao direito
25	internacional dos direitos humanos, arduamente tecidos após a Segunda Guerra Mundial. E colidem com o próprio direito
30	regional – especialmente a Carta dos Direitos Fundamentais da UE (Nice, 2000) e a Convenção Europeia dos Direitos
35	Humanos (Roma, 1950). De ardilosa redação, a norma, a um só tempo, refere os
40	direitos humanos e institucionaliza sua violação sistemática. Uma alínea assegura um direito, enquanto outra mais adiante
45	o condiciona ou lhe rouba o sentido. Sob o pretexto de organizar a expulsão, batizada de
50	“afastamento”, o estrangeiro pode ser detido por até 18 meses. As condições de detenção e expulsão são
	inaceitáveis: em princípio, há espaços isolados denominados “centros de retenção” (os que já existem lembram campos de
	concentração). Porém, havendo um número “excepcionalmente elevado” de estrangeiros, estes podem ser
	mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas. Acompanha a expulsão uma “interdição de entrada” em
	todo o território coberto pela diretiva, que pode durar cinco
	anos ou até se prolongar indefinidamente. Num processo apto a resultar em tão graves consequências, o Estado pode
	considerar desnecessária a tradução dos documentos, desde que “se possa razoavelmente supor” que o estrangeiro os
	compreenda. Ademais, as informações sobre as razões de fato da
	expulsão podem ser limitadas, para salvaguardar, entre outros, a segurança nacional. Infelizmente, a comunidade internacional não exagerou ao
	apelidá-la de “Diretiva da Vergonha”. Ela constitui uma derrota
	mais grave do que o fracasso da Constituição Europeia ou do Tratado de Lisboa, recentemente recusados por referendos
	populares. Concluída a fusão dos mercados, em vez de rumar para a
	integração política e consolidar seu protagonismo na cena
	mundial, a Europa faz da integração um utensílio da exclusão.

	Claro está que Bruxelas não pode evitar a deriva à direita de certos Estados, mas tampouco necessita servir à
	regionalização da xenofobia.
55	Por outro lado, a diretiva complica ainda mais as já difíceis negociações inter-regionais com o Mercado Comum do Sul,
	Mercosul, cujos chefes de Estado se uniram para emitir um
	veemente protesto na recente Cúpula de Tucumán (Argentina). Com efeito, além da ilegalidade, aqui há ingratidão. Os
60	fluxos migratórios oriundos da Europa se espalharam por todos os continentes. Mais do que ninguém, os europeus
	sabem que não há emigração em massa sem fortes motivações, essencialmente de natureza socioeconômica.
	Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas
65	com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da
	miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar.
	Estima-se que possam ser expulsos da Europa 8 milhões
70	de estrangeiros considerados em situação irregular, embora, em sua ampla maioria, não tenham praticado nenhum crime,
	trabalhem e recolham impostos. Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do
	governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido
75	desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos.
	Paradoxos da globalização: jamais a humanidade dispôs
	de tantas facilidades para se mover, mas nunca antes ela foi
	tão fortemente cerceada em sua liberdade.
80	A Europa crava tristes trópicos em si mesma. Estamos, ainda, distantes do fim do território nacional e do Estado como
	inospitaleiras construções do homem contra si mesmo. Razão a mais para acreditar que cabe ao Sul, e particularmente ao
	plural Brasil, a invenção de novos modelos, talvez menos
85	opulentos, mas seguramente mais solidários, de convívio respeitoso entre os homens.

(Ricardo Seitenfus e Deisy Ventura. *Folha de São Paulo*, 24 de julho de 2008)

(FGV) Para compor suas ideias no texto, os autores só não se valeram de:

- (A) apresentação de elementos de base estatística.
- (B) comparações.
- (C) questionamentos.
- (D) citações.
- (E) argumentos referendados por órgãos de credibilidade.

A: incorreta. Os autores se valem da estatística na linha 69, como base para ilustrar o alcance das normas editadas pelo Parlamento Europeu; **B:** incorreta. Há exemplo de comparação nas linhas 45 a 49, quando os autores traçam um paralelo entre a “diretiva da vergonha” e os fracassos da Constituição Europeia e do Tratado de Lisboa; **C:** incorreta. Os questionamentos, como recurso de retórica, que demandam um raciocínio do leitor durante a leitura, foram usados na introdução (linhas 1 a 6); **D:** incorreta. Entre as linhas 25 e 40, os autores citam diversas passagens da diretiva, com o

intuito de, mais uma vez, ilustrar as razões de sua indignação; E: correta. Com efeito, argumentos referendados por órgãos de credibilidade, também conhecidos como “argumentos de autoridade”, manifestados por pessoas ou entidades de renome sobre o tema, não aparecem no texto.

„E,“ Gabarito

(FGV) A respeito do texto, analise as afirmativas a seguir:

- I. O texto aponta uma contradição entre a ideia de “união” da Europa e sua real política de exclusão.
- II. O texto representa um desabafo em tom emotivo por parte dos autores.
- III. O texto aponta para uma inferência dos Estados europeus como não solidários.

Assinale:

- (A) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (B) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (C) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (D) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (E) se nenhuma afirmativa estiver correta.

I: correta. O principal fundamento usado pelos autores é a aparente contradição nas decisões tomadas pela União Europeia, pioneira na integração regional de diferentes países e redução de barreiras fronteiriças, mas pródiga na criação de normas que afastam a entrada de estrangeiros nos países do bloco; II: incorreta. O texto nada tem de emotivo. Os autores lançam mão de argumentos históricos, estatísticos e políticos de índole marcadamente objetiva para basear suas opiniões; III: correta, sendo possível extrair do texto a conclusão de que os países da Europa não se mostram solidários ao recusar asilo a estrangeiros em qualquer situação que não lhes pareça proveitosa para o próprio Estado.

„D,“ Gabarito

Texto para as seis questões seguintes:

1	Quanto mais nos vemos no espelho, mais dificuldade temos, como brasileiros, de achar um foco para nossa imagem. Pelo menos, nossa imagem como povo. (...)
5	Nossa identidade é assunto polêmico desde tempos remotos. Quando o escritor Mário de Andrade deu vida ao espevitado e contraditório personagem Macunaíma, em 1928, nosso herói sem nenhum caráter já andava desesperadamente à procura dela. Ele sabia
10	que havia algo de brasileiro no ar e foi buscar indícios desses traços na riqueza da cultura popular. (...) No final dos anos 80, o antropólogo Darcy Ribeiro continuava indagando: “E não seria esta alegria – além da mestiçagem alvoroçada, da espantosa uniformidade cultural e do brutal
15	desgarramento classista – uma das características distintas dos brasileiros? Seria a compensação dialética à que o povo se dá da vida azarosa, famélica e triste que lhe impõem?” Ninguém ainda respondeu a contento à questão.
20	O historiador Sérgio Buarque de Holanda, em <i>Raízes do</i>

<i>Brasil</i> (1936), foi buscar na origem portuguesa os traços que fazem do brasileiro um brasileiro: o estilo cordial, hospitaleiro, pacato e resignado, em um povo que herdou a bagunça lusa. Mas será que todo brasileiro vê essa
25 imagem no espelho? Ser apenas o povo do futebol, do samba e das mais belas mulheres do mundo basta?
Aliás, será que somos isso mesmo? (...)

SCAVONE, Míriam. In: *Porto Seguro Brasil*.
Conteúdo fornecido e produzido
pela Editora Abril S.A. (SP).

(CESGRANRIO) A respeito da temática do Texto, é correto afirmar que se trata da:

- (A) alienação do brasileiro quanto à busca de sua identidade.
- (B) perseverança do povo para construir sua identidade.
- (C) tentativa de se caracterizar a identidade do povo brasileiro.
- (D) caracterização do brasileiro segundo teorias estrangeiras.
- (E) oposição entre duas teorias sobre a identidade do brasileiro.

O texto busca, através das opiniões de autores consagrados, demonstrar a dificuldade de se definir as características determinantes do povo brasileiro.

„C,“ Gabarito

(CESGRANRIO) O período “Quanto mais nos vemos no espelho, mais dificuldade temos, como brasileiros, de achar um foco para nossa imagem.”(l.1-3), no Texto acima, caracteriza-se pela ideia de:

- (A) distanciamento.
- (B) comparação.
- (C) concessão.
- (D) temporalidade.
- (E) proporcionalidade.

O período transmite a ideia de proporcionalidade por conta da presença dos advérbios “quanto mais” e “mais”, que estabelecem uma relação direta do número de vezes em que nos vemos no espelho com a crescente dificuldade de achar um foco para a imagem.

„E,“ Gabarito

(CESGRANRIO) Para Sérgio Buarque de Holanda, o que faz do brasileiro um brasileiro é a(o):

- (A) tendência acolhedora, pacífica e afável.
- (B) repulsa à “bagunça lusa”.
- (C) resignação diante do domínio lusitano.
- (D) distanciamento das características dos colonizadores.
- (E) espanto diante de sua imagem no espelho.

A: correta. A expressão é sinônima àquela que, no texto, tem a função de aposto da teoria de Sérgio Buarque de Holanda: “o estilo cordial, hospitaleiro, pacato e resignado”; **B:** incorreta. Sérgio Buarque de Holanda afirma, segundo o texto, que herdamos a bagunça lusa; **C:** incorreta. A resignação mencionada na linha 23 não se refere à herança lusitana, mas sim ao modo de viver do povo brasileiro;

D: incorreta, conforme comentário à alternativa “B”; **E:** incorreta. A imagem no espelho é usada em sentido conotativo, figurado. É uma metáfora sobre a identidade do povo brasileiro.

„A” Gabarito

(CESGRANRIO) Na frase do texto “Aliás, será que somos isso mesmo?” (l. 27), o termo destacado introduz um(a):

- (A) argumento que comprova a falta de identidade do brasileiro.
- (B) indagação que leva à reflexão sobre o tema abordado.
- (C) pergunta que levanta dúvidas sobre o papel do historiador.
- (D) pergunta feita por um repórter a Sérgio Buarque de Holanda.
- (E) justificativa para a opinião de Mário de Andrade.

“Aliás” é palavra denotativa que exprime retificação, exercendo função sintática semelhante a advérbio. Seu uso remete ao questionamento daquilo que acabou de ser dito: no caso do texto, que somos “o povo do futebol, do samba e das mais belas mulheres do mundo”. Ao questionar esse fato, a autora busca conduzir o leitor para o próprio problema debatido, que é a dificuldade de se definir as características determinantes do povo brasileiro.

„B” Gabarito

(CESGRANRIO) De acordo com o Texto, no final dos anos 80, o antropólogo Darcy Ribeiro:

- (A) afirmava que a alegria era uma característica marcante do brasileiro.
- (B) priorizava a influência da mestiçagem como elemento definidor da identidade.
- (C) demonstrava a recusa do povo em contrapor sua alegria instintiva às dificuldades enfrentadas.
- (D) refletia sobre as razões da alegria do brasileiro, apesar dos fatores que oprimiam o povo.
- (E) dissipava as dúvidas sobre quais seriam as características de nossa identidade.

O antropólogo sugeria que a alegria, ao lado da “mestiçagem alvorçada”, da “espantosa uniformidade cultural” e do “brutal desgarramento classista”, seria uma compensação, ou consolo, para a “vida azarosa, famélica e triste”, ou seja, cheia de dificuldades (má sorte, fome e tristeza).

„D” Gabarito

(CESGRANRIO) No Texto, o trecho atribuído a Darcy Ribeiro (l. 11-18) se caracteriza por:

- (A) ser inteiramente afirmativo.
- (B) estruturar-se numa circunstância de lugar.
- (C) apoiar-se no uso de adjetivos.
- (D) basear-se numa gradação de verbos irregulares.
- (E) optar pela ausência de conectivos.

A: incorreta. O trecho é majoritariamente composto por períodos interrogativos; **B:** incorreta. O trecho apoia-se nas características das pessoas, não se referindo a critérios geográficos; **C:** correta. Há, realmente, grande número de adjetivos: “alvorçada”, “espantosa”, “brutal”, “classista”, “azarosa”, “famélica” e “triste”; **D:** incorreta. Não foi usada a gradação verbal, figura de linguagem na qual as

palavras são usadas em ordem crescente em direção a um clímax; **E:** incorreta. O autor não evitou o uso de conectivos, usando “e” e “além” (linha 13).

„C” Gabarito

Texto para as duas questões seguintes.

A morte da porta-estandarte

1	Que adianta ao negro ficar olhando para as bandas do Manguê ou para os lados da Central? Madureira é longe e a amada só pela madrugada entrará na praça, à frente do seu cordão.
5	O que o está torturando é a ideia de que a presença dela deixará a todos de cabeça virada, e será a hora culminante da noite. Se o negro soubesse que luz sinistra estão destilando seus olhos e deixando escapar como as primeiras
10	fumaças pelas frestas de uma casa onde o incêndio apenas começou! ... Todos percebem que ele está desassossegado, que uma paixão o está queimando por dentro. Mas só pelo olhar se pode ler na alma dele, porque, em tudo
15	mais, o preto se conserva misterioso, fechado em sua própria pele, como numa caixa de ébano. (...) Sua agonia vem da certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha sem se apaixonar. E nem de longe admite que ela queira repartir o amor(...)
20	No fundo da Praça, uma correria e começo de pânico. Ouvem-se apitos. As portas de aço descem com fragor. As canções das Escolas de Samba prosseguem mais vivas, sinfonizando o espaço poeirento. — Mataram uma moça! (...)
25	A mulata tinha uma rosa no pixaim da cabeça. Um mascarado tirou a mantilha da companheira, dobrou-a, e fez um travesseiro para a morta. Mas o policial disse que não tocassem nela. Os olhos não estavam bem fechados. Pediram silêncio, como se fosse possível impor silêncio
30	àquela Praça barulhenta. (...) — Só se você visse, Bentinha, quanto mais a faca enterrava, mais a mulher sorria ... Morrer assim nunca se viu ... O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no
35	meio do povo. Ficaram todos estarelecidos de espanto vendo Rosinha fechar os olhos. O preto ajoelhado bebia-lhe mudamente o último sorriso, e inclinava a cabeça de um lado para outro como se estivesse contemplando uma criança. (...)
40	Ele dobra os joelhos para beijá-la. Os que não queriam se comover foram-se retirando. O assassino já não sabe bem onde está. Vai sendo levado agora para um destino que lhe é indiferente. É ainda a voz da mesma canção que lhe fala alguma coisa ao desespero:

45	Quem fez do meu coração seu barracão? Foi ela ...
----	--

MACHADO, Aníbal M. *In: Antologia escolar de contos brasileiros*. Herberto Sales (Org.) Rio de Janeiro, Ed. Ouro, s/d.

(CESGRANRIO) Relativamente às características textuais, é correto afirmar que, no Texto acima, há uma:

- (A) cobertura jornalística de um incidente no Carnaval.
- (B) série de definições sobre o amor, exemplificadas com uma história.
- (C) narrativa da agonia de um amante que é trocado por outro, no Carnaval.
- (D) narrativa sobre amor e ciúme, com segmentos descritivos.
- (E) descrição minuciosa de um assassinato, num baile carnavalesco.

Trata-se de um texto narrativo que conta uma história sobre amor e ciúme. O negro é apaixonado por Rosinha e, por conta de um ciúme doentio, “tem certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha e não se apaixonar”. Por isso, conclui que a melhor solução é matar a moça, ainda que a ame muito. A narração é permeada de trechos eminentemente descritivos, como nas linhas 08-11 e 14-16.

„D“ Gabarito

(CESGRANRIO) O par opositivo que NÃO corresponde aos elementos constitutivos da descrição do estado do personagem, no 5º parágrafo do Texto, é:

- (A) corpo e alma.
- (B) agonia e calma.
- (C) paixão e entorpecimento.
- (D) interior e exterior.
- (E) pele e olhar.

A descrição do personagem contempla aspectos exteriores, como pele, olhar, corpo, e interiores, como alma, paixão e entorpecimento. A única coisa que não podemos extrair da descrição é que o negro está “calmo”, diante de seu “desassossego”, com a paixão “queimando” por dentro. Portanto, incorreta a alternativa “B”, que deve ser assinalada.

„B“ Gabarito

Texto para as duas questões seguintes.

Ainda é cedo amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora da partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

5	Preste atenção querida Embora eu saiba que estás resolvida Em cada esquina cai um pouco a sua vida Em pouco tempo não serás mais o que és
---	--

Ouçá-me bem, amor

10	Preste atenção o mundo é um moinho
----	------------------------------------

Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó

15	Preste atenção querida De cada amor tu herdarás só o cinismo Quando notares estás à beira do abismo Abismo que cavaste com teus pés
----	--

Cartola

(CESGRANRIO) Assinale a opção que tem correspondência de sentido com a frase “Mal começaste a conhecer a vida” (v. 2), no Texto.

- (A) Começaste há pouco a conhecer a vida.
- (B) Não percebes o mal no mundo.
- (C) Já estás farta de conhecer a vida.
- (D) Começaste erradamente a conhecer a vida.
- (E) Só conheces as maldades da vida.

O advérbio “mal”, no texto, não tem conotação negativa. É, na verdade, um indicativo de tempo, com o sentido de “recentemente”, “há pouco tempo”. Com isso, estão incorretas as letras B, C, D e E e correta a alternativa A.

„A“ Gabarito

(CESGRANRIO) Da leitura do texto de Cartola, depreende-se:

- I. o sentimento de rejeição que o poeta tem pela juventude;
- II. os obstáculos que os sonhadores podem encontrar;
- III. o desalento de quem desistiu de lutar;
- IV. o sinal de alerta para quem começa a viver;
- V. a ternura que o autor dedica à destinatária da canção.

É(São) correta(s) apenas a(s) afirmação(ões):

- (A) I e II
- (B) II, IV e V
- (C) III
- (D) III e IV
- (E) III e V

I: incorreta. Ao contrário, o poeta preocupa-se com a juventude de sua interlocutora e cuida de informá-la das dificuldades da vida; II: correta. O texto descreve uma série de conflitos comuns no dia a dia, os quais muitas vezes acabam por trazer tristezas e decepções; III: incorreta. O poeta não desistiu de viver ou lutar pela felicidade. Ele apenas busca, por meio de conselhos, tornar mais fácil a vida de sua interlocutora; IV: correta. Este é, inclusive, o tema principal passado pela mensagem do poeta; V: correta. O carinho que o poeta sente por sua interlocutora é demonstrada pelo tratamento adotado (“amor” e “querida”).

„B“ Gabarito

Texto para as três questões seguintes.

(...) Nossa identidade surgiu com a chegada dos portugueses. O País foi crescendo e se transformando,

	como uma pessoa. Hoje não é mais aquele de 400 anos
	atrás, porque identidade é uma coisa dinâmica. O brasileiro
5	se vê como um povo com pouca informação, baixa
	autoestima, por isso acha graça de ser visto como meio
	malandro, simpático. Essa autoestima anda mais em
	baixa ainda, pois um povo que pouco ou nada faz para
	transformar a atual situação (...) não demonstra apreço
10	por si próprio(...) Essa coisa de futebol, mulata, samba,
	caipirinha, Carnaval ainda está na nossa identidade, é o
	nosso lado folclórico, mas a gente precisa sair dessa e
	se ver também como um povo com cultura, educação,
	tecnologia. Não somos mais tão folclóricos, mas nos
15	portamos como se o fôssemos. O fato é que a grande e
	difusa identidade brasileira está multifacetada em
	subidentidades: do norte, do centro, do sul. (...)

LUFT, Lya. In: Porto Seguro Brasil. Conteúdo fornecido e produzido pela Editora Abril S.A. (SP). (adaptado).

(CESGRANRIO) No texto, acima quando a autora afirma que a identidade brasileira está “multifacetada em subidentidades”, a expressão em destaque refere-se à:

- (A) densidade demográfica do país.
- (B) ambiguidade do caráter do brasileiro.
- (C) diversidade de aspectos culturais.
- (D) fragmentação do sentimento nacional.
- (E) reduzida diferenciação sociopolítica.

“Faceta” pode ser usada, em sentido conotativo, com o significado de “aspecto”, “característica”. A autora quer destacar que o povo brasileiro apresenta inúmeras manifestações culturais diferentes entre si, por isso o prefixo “multi”.

„C” Gabarito

(CESGRANRIO) De acordo com o desenvolvimento da temática, no Texto IV, é correto afirmar que Lya Luft:

- (A) incita os brasileiros a abandonarem uma visão limitada de si mesmos.
- (B) repousa a identidade do povo brasileiro apenas nos portugueses.
- (C) dissocia a falta de apreço por si próprio da atual situação.
- (D) coloca no cultivo do folclore a razão da baixa autoestima do brasileiro.
- (E) condena a falta de cultura e de investimentos na tecnologia.

A: correta. Este é o objetivo do texto: demonstrar que o povo brasileiro se acomodou com a imagem do “país do futebol, do samba e do Carnaval” e não se porta como um país cultural e tecnológico; **B:** incorreta. A autora deixa claro que nossa identidade não é a mesma da época da chegada dos portugueses, ainda que tenha surgido com ela, por conta de sua dinâmica; **C:** incorreta. A autora manifesta sua indignação com o fato da autoestima do brasileiro estar cada vez mais em baixa; **D:** incorreta. O folclore é uma das características marcantes do povo, mas não a razão de sua baixa autoestima, que nasce da imagem que o brasileiro tem de si mesmo como um povo com pouca informação; **E:** incorreta.

Ao contrário, a autora conclama os brasileiros a olhar a sua volta e perceber que já somos um país rico em cultura e em tecnologia.

„A” Gabarito

(CESGRANRIO) No Texto IV, para a autora, a identidade de um povo é algo que:

- (A) precisa de coerência e conservadorismo para ser válida.
- (B) necessita de uma colonização estrangeira para se firmar.
- (C) determina a sua baixa autoestima.
- (D) muda de acordo com as circunstâncias pelas quais passa.
- (E) independe dos valores morais existentes na sociedade.

Dentre todas as conclusões apresentadas, a única que pode ser inferida corretamente do texto é a alternativa “D”, sendo que a autora chega a dizer, diretamente, que a “identidade é uma coisa dinâmica”, sendo a identidade atual do brasileiro diferente daquela de 400 anos atrás, nascida da chegada dos portugueses.

„D” Gabarito

Texto para as três questões seguintes.

Brinkmanship

1	Em 1964, o cineasta Stanley Kubrick lançava o filme Dr. Strangelove. Nele, um oficial norte-americano ordena um bombardeio nuclear à União Soviética e comete suicídio em seguida, levando consigo o código para cancelar o bombardeio.
	O presidente norte-americano busca o governo soviético na esperança de convencê-lo de que o evento foi um acidente e, por isso,
4	não deveria haver retaliação. É, então, informado de que os soviéticos implementaram uma arma de fim do mundo (uma rede de bombas nucleares subterrâneas), que funcionaria automaticamente quando o país fosse atacado ou quando alguém tentasse desacioná-la. O Dr. Strangelove, estrategista do presidente, aponta uma falha: se os soviéticos dispunham de tal arma, por que
7	a guardavam em segredo? Por que não contar ao mundo? A resposta do inimigo: a máquina seria anunciada na reunião do partido na segunda-feira seguinte.
	Pode-se analisar a situação criada no filme sob a ótica da Teoria dos Jogos: uma bomba nuclear é lançada pelo país
10	A ao país B. A política de B consiste em revidar qualquer ataque com todo o seu arsenal, o qual pode destruir a vida no planeta, caso o país seja atacado. O raciocínio que leva B a adotar tal política é bastante simples: até o país mais fraco do mundo está
	seguro se criar uma máquina de destruição do mundo, ou seja, ao ter sua sobrevivência seriamente ameaçada, o país destrói o
13	mundo inteiro (ou, em seu modo menos drástico, apenas os invasores). Ao elevar os custos para o país invasor, o detentor dessa arma garante sua segurança. O problema é que de nada adianta um país possuir tal arma em segredo. Seus inimigos devem saber
	de sua existência e acreditar na sua disposição de usá-la. O poder da máquina do fim do mundo está mais na intimidação do que
16	em seu uso.

	O conflito nuclear fornece um exemplo de uma das conclusões mais surpreendentes a que se chega com a Teoria dos
	Jogos. O economista Thomas Schelling percebeu que, apesar de o sucesso geralmente ser atribuído a maior inteligência,
19	planejamento, racionalidade, entre outras características que retratam o vencedor como superior ao vencido, o que ocorre, muitas vezes, é justamente o oposto. Até mesmo o poder de um jogador, considerado, no senso comum, como uma vantagem, pode atuar contra seu detentor.
22	Schelling denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia de deliberadamente levar uma situação às suas consequências extremas.
	Um exemplo usado por Schelling é o bem conhecido jogo do frango, que consiste em dois indivíduos acelerarem seus
25	carros na direção um do outro em rota de colisão; o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor.
	Se ambos forem reto, os dois jogadores pagam o preço mais alto com sua vida. No caso de os dois desviarem, o jogo
	termina em empate. Se um desviar e o outro for reto, o primeiro será o frango, e o segundo, o vencedor. Schelling propôs que um
28	participante desse jogo retire o volante de seu carro e o atire para fora, fazendo questão de mostrá-lo a todas as pessoas presentes.
	Ao outro jogador caberia a decisão de desistir ou causar uma catástrofe. Um jogador racional optaria pelo que lhe causasse menos perdas, sempre perdendo o jogo.

Fabio Zugman. Teoria dos jogos.

Internet: <www.iced.org.br> (com adaptações).

(CESPE) Assinale a opção correta com relação às ideias do texto e às palavras e expressões nele empregadas.

- (A) Se o trecho “não deveria haver retaliação” (l.4) estivesse flexionado no plural, a forma verbal “deveria” teria de ser substituída por deveriam.
- (B) O período “É então (...) desacioná-la” (l.4-6) esclarece que a informação dada ao presidente norte-americano era falsa.
- (C) Nas linhas 5 e 6, as orações introduzidas por “quando” permitem uma leitura em que são interpretadas como condição para que a “arma de fim do mundo” (l.4) funcione automaticamente.
- (D) No texto, não há como se identificar o sujeito da oração “Por que não contar ao mundo?” (l.7).
- (E) O complemento da palavra “inimigo” (l.7) está subentendido, artifício que evidencia que o autor do texto assumiu a perspectiva norte-americana segunda a qual a União Soviética é inimiga.

A: incorreta. O verbo “dever”, no caso, é usado como auxiliar do verbo “haver” que, por estar empregado no sentido de “existir”, é impessoal e não deve ser flexionado. Conseqüentemente, o seu auxiliar também permanece como está; **B:** incorreta. O trecho relata a forma de funcionamento da arma; **C:** correta. O pronome “quando” foi utilizado no mesmo sentido de “se”; **D:** incorreta. O sujeito está implícito e pode ser inferido do texto: os soviéticos; **E:** incorreta. O autor do texto não assumiu qualquer posição. Ao relatar o filme de Stanley Kubrick, ele o faz da mesma perspectiva que o personagem principal, um estrategista americano.

Gabartio "A"

(CESPE) Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto, assinale a opção correta.

- (A) No trecho “lançada pelo país A ao país B” (l.9-10), a substituição de “ao” por “no” altera o significado do texto, mas não a sua correção gramatical.
- (B) O trecho “adotar tal política” (l.11) tem, no texto, o sentido de “destruir a vida no planeta” (l.10).
- (C) Os “custos” a que o narrador se refere na linha 13 são os de se construir “uma arma de fim do mundo” (l.4).
- (D) No trecho “denominou brinkmanship (de brink, extremo) a estratégia” (l.22), o “a” deveria levar a marca gráfica de crase.
- (E) A pontuação do texto permaneceria correta se, no trecho “o primeiro a virar o volante e sair da pista é o perdedor” (l.25), fosse inserida uma vírgula logo após a palavra “pista”.

A: correta. O verbo lançar pode reger tanto a preposição “a”, indicando o lançamento em determinada direção (ex.: “lancei o papel ao lixo”), como a preposição “em”, hipótese em que indica um lançamento sobre algo ou alguém (ex.: “lancei a bola nele”); **B:** incorreta. A “política” adotada é a de “revidar qualquer ataque com todo seu arsenal”; **C:** incorreta, pois os “custos” são as perdas de vidas humanas; **D:** incorreta. “Denominar” é verbo transitivo direto, cujo complemento, portanto, não deve ser preposicionado. Se não há preposição, não há crase; **E:** incorreta. A oração “O primeiro a virar o volante e sair da pista” é sujeito da oração “é o perdedor” e não se separa com vírgula o sujeito do verbo.

Gabartio "A"

(CESPE) Com base no texto, assinale a opção correta.

- (A) Infere-se da leitura do texto que os soviéticos estavam a ponto de disparar a “arma de fim do mundo”.
- (B) As expressões “o primeiro a virar o volante e sair da pista perde” e “quem virar o volante e sair da pista perde” estabeleceriam a mesma regra descrita no penúltimo parágrafo do texto para determinar o resultado do jogo do frango.
- (C) Conclui-se da leitura do texto que, em 1964, a capacidade nuclear da União Soviética era menor do que a norte-americana.
- (D) De acordo com a teoria de Schelling, a situação narrada no filme terminaria com a derrota soviética, se o governo daquele país se comportasse como um ser racional.
- (E) Segundo o texto, um oficial norte-americano propôs o emprego da estratégia denominada brinkmanship para desmoralizar politicamente o governo da União Soviética.

A: incorreta. Não se pode inferir tal conclusão. O texto narra que os soviéticos alegavam possuir uma “arma de fim do mundo”, mas que sua existência chegava mesmo a ser questionada pelos americanos; **B:** incorreta, porque a segunda expressão não estabelece uma ordem para que o evento aconteça, possibilitando a interpretação de que qualquer dos competidores que sair da pista perde, independentemente se o fez em primeiro ou segundo lugar; **C:** incorreta. Os soviéticos tentavam, justamente, provar o contrário: que tinham poder nuclear

suficiente para deflagrar o fim do mundo; **D:** correta. Uma vez determinado o bombardeio americano e sem chances de abortá-lo (por conta da morte do oficial), racionalmente caberia à União Soviética não revidar, porque seu contra-ataque mataria todos, inclusive eles mesmos; **E:** incorreta. Não houve essa proposição dentro do evento hipotético narrado. A teoria do “brinkmanship” aparece como explicação dos possíveis resultados dentro da situação-limite apresentada.

„C“ „Objetiva“

Texto para as duas questões seguintes.

O jargão

1	Nenhuma figura é tão fascinante quanto o Falso Entendido. É o cara que não sabe nada de nada, mas sabe o jargão. E passa por autoridade no assunto. Um refinamento ainda maior da espécie é o tipo que não sabe nem o jargão. Mas inventa.
4	— Ó Matias, você, que entende de mercado de capitais...
7	— Nem tanto, nem tanto... (Uma das características do Falso Entendido é a falsa modéstia.)
10	— Você, no momento, aconselharia que tipo de aplicação?
13	— Bom. Depende do yield pretendido, do throwback e do ciclo refratário. Na faixa de papéis top market — ou o que nós chamamos de topi-marque —, o throwback recai sobre o repasse e não sobre o release, entende?
16	— Francamente, não.
18	Aí o Falso Entendido sorri com tristeza e abre os braços como quem diz: “É difícil conversar com leigos...”
21	Uma variação do Falso Entendido é o sujeito que sempre parece saber mais do que ele pode dizer. A conversa é sobre política, os boatos cruzam os ares, mas ele mantém um discreto silêncio. Até que alguém pede a sua opinião e ele pensa muito antes de se decidir a responder:
27	— Há muito mais coisa por trás disso do que vocês pensam... Ou então, e esta é mortal:
30	— Não é tão simples assim... Faz-se aquele silêncio que precede as grandes revelações, mas o falso informado não diz nada. Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília.
32	E há o Falso que interpreta. Para ele, tudo o que acontece deve ser posto na perspectiva de vastas transformações históricas que só ele está sacando.
35	— O avanço do socialismo na Europa ocorre em proporção direta ao declínio no uso de gordura animal nos países do Mercado Comum. Só não vê quem não quer.
41	E, se alguém quer mais detalhes sobre a sua

	insólita teoria, ele vê a pergunta como manifestação de uma hostilidade bastante significativa a interpretações
44	não ortodoxas, e passa a interpretar os motivos de quem o questiona, invocando a Igreja medieval, os grandes hereges da história, e vocês sabiam que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero?

Luis Fernando Verissimo. As mentiras que os homens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (com adaptações).

(CESPE) Com base no texto, julgue os itens a seguir.

- I. A substituição de “nem” (l.5) por “sequer” não altera essencialmente o significado do texto nem prejudica a sua correção gramatical.
- II. A oração “que entende de mercado de capitais...” (l.6-7) é uma oração restritiva e restringe a referência de “Matias” (l.6).
- III. No texto, o sentido de “Francamente, não” (l.18) é o mesmo de “Não entendo de maneira franca”.
- IV. A expressão “ciclo refratário” (l.14) é um exemplo de nonsense usado pelo “Falso Entendido”.
- V. Pela leitura de “É difícil conversar com leigos” (l.20-21), conclui-se que o “Falso Entendido” (l.9) não se considera um leigo.

A quantidade de itens certos é igual a

- (A) 1.
- (B) 2.
- (C) 3.
- (D) 4.
- (E) 5.

I: correta. Ambas as expressões são sinônimas; II: incorreta. Trata-se de oração subordinada adjetiva explicativa, pois dá mais detalhes em relação aos conhecimentos de Matias; III: incorreta. “Francamente” pode ser substituído por “sendo franco”, “sendo honesto”. “Não entendo de maneira franca” significa que a pessoa não conhece abertamente o assunto, mas apenas parte dele; IV: correta. “Nonsense” é estrangeirismo que significa “palavra ou raciocínio sem sentido”; V: correta, exatamente por isso que ele é chamado pelo autor de falso entendido.

„C“ „Objetiva“

(CESPE) Com base no texto, julgue os itens abaixo.

- I. Com base no período “Fica subentendido que ele está protegendo as suas fontes em Brasília” (l.33-35), conclui-se que o “falso informado” (l.33) em questão foi instado a emitir uma opinião sobre a política brasileira.
- II. Não há elementos no texto, para além daqueles apresentados pelo “Falso que interpreta” (l.36), que corroborem a ideia de que o socialismo avança na Europa.
- III. Segundo o que defende o “Falso que interpreta” (l.36), se o uso de gordura animal nos países do Mercado Comum Europeu diminui, o socialismo avança na Europa.

- IV. A palavra “insólita” (l.44) tem o sentido de normal ou comum.
- V. A pergunta expressa nas linhas 48 e 49 pressupõe que o narrador do texto acredita que toda a Reforma se explica a partir da prisão de ventre de Lutero.

A quantidade de itens certos é igual a

- (A) 1.
(B) 2.
(C) 3.
(D) 4.
(E) 5.

I: incorreta. A menção a Brasília é feita para indicar a elevada percepção que os interlocutores têm sobre o alcance das informações do Falso Entendido, não que a conversa se refira expressamente a Brasília; II: correta. Salvo o absurdo argumento invocado, não há qualquer outra indicação no texto sobre o avanço do socialismo; III: correta. Se considerarmos que o argumento do Falso Entendido é verdade, a alternativa expressa corretamente o seu sentido; IV: incorreta. “Insólita” significa “extraordinário”, “incrível”, “incomum”; V: incorreta. A pergunta é lançada para causar surpresa ao leitor, dando ares humorísticos ao texto, porque o autor passa a se comportar como um falso entendido após criticar a conduta deste.

“B” Gabarito

Texto para as três questões seguintes.

1	O poema nasce do espanto, e o espanto decorre do incompreensível. Vou contar uma história: um dia, estava vendo televisão e o telefone tocou. Mal me ergui
4	para atendê-lo, o fêmur de uma das minhas pernas roçou o osso da bacia. Algo do tipo já acontecera antes? Com certeza. Entretanto, naquela ocasião, o atrito dos ossos me espantou. Uma ocorrência explicável, de súbito, ganhou contornos inexplicáveis. Quer dizer que sou osso? — refleti, surpreso. Eu sou osso? Osso pergunta?
10	A parte que em mim pergunta é igualmente osso? Na tentativa de elucidar os questionamentos despertados pelo espanto, eclode um poema. Entende agora por que
13	demoro 10, 12 anos para lançar um novo livro de poesia? Porque preciso do espanto. Não determino o instante de escrever: hoje vou sentar e redigir um poema. A poesia
16	está além de minha vontade. Por isso, quando me indagam se sou Ferreira Gullar, respondo: às vezes.

Ferreira Gullar. Bravo, mar./2009 (com adaptações).

(CESPE) Assinale a opção correta a respeito do texto.

- (A) Pelo desenvolvimento do texto, depreende-se que, segundo Ferreira Gullar, o poema tem origem no desconhecido.
- (B) Infere-se do texto que um atrito de ossos como o descrito nas linhas de 3 a 7 já havia causado espanto a Ferreira Gullar antes.
- (C) Infere-se do texto que, para Ferreira Gullar, aquilo que, usualmente, é denominado espiritual se reduz ao plano material.

(D) Segundo o texto, Ferreira Gullar só experimenta o espanto poético a cada 10 ou 12 anos.

(E) Está explícito no texto que Ferreira Gullar é um nome fictício.

A: correta. É exatamente a mensagem passada por Ferreira Gullar ao relatar sua experiência poética; B: incorreta. Ao contrário, o próprio autor comenta que tal situação é corriqueira, mas naquele momento especial causou-lhe espanto; C: incorreta. Ferreira Gullar não explica a experiência poética através dos planos espiritual e material, mas entre o corriqueiro e o espantoso, entre o explicável e o incompreensível; D: incorreta. A menção ao intervalo de tempo é feita para justificar a demora de se ter tantos “espantos poéticos” para compor um livro de poesias; E: incorreta. O texto não autoriza essa interpretação. Ao dizer que é Ferreira Gullar somente às vezes, significa que expressa seu lado poético apenas quando o lirismo exsurge, independentemente de sua vontade.

“A” Gabarito

(CESPE) Com relação às estruturas linguísticas e às ideias do texto, assinale a opção correta.

(A) No trecho “Mal me ergui para atendê-lo,” (l.3-4), o autor informa que se ergueu incorretamente.

(B) Em “Uma ocorrência explicável, de súbito, ganhou contornos inexplicáveis” (l.7-8), a expressão “de súbito” modifica o adjetivo “explicável”.

(C) De acordo com o texto, são afirmativas as respostas para todas as perguntas contidas em “Quer dizer que sou osso? (...). Eu sou osso? Osso pergunta? A parte que em mim pergunta é igualmente osso?” (l.8-10).

(D) Infere-se do texto que o episódio do atrito dos ossos (l.3-5) tornou-se deflagrador de um processo poético.

(E) O trecho “Não determino o instante de escrever: hoje vou sentar e redigir um poema” (l.14-15) contradiz o argumento de Ferreira Gullar de que a poesia está além de sua vontade (l.15-16).

A: incorreta. O advérbio “mal” não se refere ao verbo “erguer”, mas traz a ideia de tempo, equivalente a: “havia acabado de me erguer (...); B: incorreta. “De súbito” é locução adverbial de tempo, equivalente a “de repente”, não se ligando ao adjetivo “inexplicável”; C: incorreta. As perguntas são ilações filosóficas que acabarão culminando em um poema, não havendo respostas corretas para elas, quer positivas, quer negativas; D: correta. A história é usada como um exemplo da necessidade de Ferreira Gullar de passar por algo espantoso ou inexplicável para escrever; E: incorreta. O trecho após os dois-pontos tem função de aposto, explicando o que seria “o instante de escrever”, que, segundo o autor, não acontece com ele.

“D” Gabarito

(CESPE) Assinale a opção que apresenta um título que melhor resume o tópico desenvolvido no texto.

(A) Como extrair do cotidiano um episódio surpreendente

(B) O óbvio nunca é óbvio

(C) O indivíduo são indivíduos

(D) Poesia não é inspiração

(E) A poesia surge do espanto

O título deve relacionar-se com a ideia desenvolvida no texto. O único que o faz com perfeição é “A poesia surge do espanto”, fato que Ferreira Gullar explica com exemplos e experiências vividas como poeta. Os demais fogem a esse argumento principal, não se relacionando com os tópicos abordados.

„E” Gabarito

1	É essencial que as autoridades revejam as providências referentes ao tratamento e à custódia de todos os presos, a fim de assegurar que os mesmos sejam tratados com humanidade
4	e em conformidade com a legislação brasileira e o conjunto de princípios da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre proteção de todo indivíduo sob qualquer forma de detenção ou
7	reclusão, as regras mínimas da ONU sobre o tratamento de prisioneiros e o artigo 10 do Acordo Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos (ICCPR), que reza que todo
10	indivíduo privado de liberdade deve ser tratado com humanidade e respeito pela dignidade inerente à pessoa humana.

Anistia Internacional. *Tortura e maus-tratos no Brasil*, 2001, p. 72 (com adaptações).

(CESPE) Tendo o texto acima por referência e considerando o tema por ele tratado, julgue os itens seguintes.

- (1) A expressão “dignidade inerente à pessoa humana” (L.11-12) pode ser interpretada como: qualquer pessoa, pelo simples fato de se tratar de um ser humano, possui valor essencial e intrínseco que exige e merece respeito.
- (2) A lei brasileira, como a de quase todos os países, não aplica o conceito de direitos humanos a prisioneiros que tenham cometido crimes violentos.
- (3) Na tentativa de reverter os crescentes níveis de violência dos dias de hoje, o sistema penitenciário brasileiro está sendo modernizado e já é considerado modelo, uma vez que oferece altos níveis de segurança e conforto para os detentos.

1: correta. “Dignidade” é sinônimo de “respeito”, “decência”. Logo, a dignidade da pessoa decorre de sua natureza humana e, como tal, merecedora de respeito pelos demais; 2: incorreta. O Brasil é signatário de diversos tratados internacionais sobre direitos humanos e nenhum deles, dada o absurdo sugerido, determina a exclusão de qualquer pessoa, sob qualquer razão, de sua proteção; 3: incorreta. Infelizmente, falta muito para que as unidades prisionais brasileiras possam servir de modelo. O que vemos, na verdade, são locais insalubres, superlotados e sem qualquer segurança para os presos ou para os servidores públicos e cidadãos que por eles transitam.

„E” Gabarito

1	Falar em direitos humanos no Brasil é falar de lutas sociais que se desenrolam em uma sociedade que carrega marcas históricas de desmandos, violências, arbitrariedades,
4	desigualdades e injustiças. Os resultados não poderiam ser

7	outros, senão o quadro de violações aos direitos humanos que permeiam as relações sociais em praticamente toda a sociedade brasileira e que atingem com maior brutalidade as populações empobrecidas e socialmente excluídas.
10	O importante avanço institucional que conquistamos com o fim do ciclo totalitário, a redemocratização do país e a volta das instituições democráticas, não foi acompanhado de correspondente avanço no que se refere aos direitos econômicos, sociais e culturais. Perpetuam-se no Brasil os modelos econômicos que aprofundam o escandaloso quadro de concentração de renda e contrastes sociais. O agravamento da situação de desesperança de nosso povo, atingido duramente pela exclusão social, pela falência dos serviços públicos e pela violência crescente, seja no campo seja nas grandes cidades,
13	exige da sociedade civil brasileira uma atuação consciente, transformadora e efetiva.

Internet: <<http://www.mndh.org/br/asp>> (com adaptações).

(CESPE) Considerando o texto acima como referência e tendo em vista o que ele aborda, julgue os itens que se seguem.

- (1) A Constituição de 1988, claramente identificada com a defesa dos direitos sociais e individuais, é exemplo significativo daquilo que o texto chama de “importante avanço institucional que conquistamos com o fim do ciclo totalitário” (L.9-10).
- (2) De acordo com o texto, as flagrantes desigualdades existentes no Brasil são recentes, frutos do processo de urbanização e industrialização que o país veio a conhecer no século XX.
- (3) O Plano Real, embora tenha obtido importante vitória sobre uma inflação descontrolada, não conseguiu promover o fim da concentração de renda e dos elevados contrastes sociais.

1: correta. A Constituição de 1988, apelidada de “Constituição-cidadã”, é um marco importante na evolução dos direitos humanos no Brasil, principalmente se considerarmos que ela representa a ruptura com o sistema político anterior, pautado no totalitarismo e no desrespeito sumário aos direitos humanos; 2: incorreta. O texto expõe que o desrespeito aos direitos humanos no Brasil data do início de sua história, toda ela marcada por “desmandos, violências, arbitrariedades, desigualdades e injustiças”; 3: correta. A má distribuição de renda ainda é uma mácula na crescente economia brasileira, situação que nem mesmo o Plano Real, bem sucedido em sua proposta de conter a inflação, pôde resolver.

„E” Gabarito

1	A adoção, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, constituiu o principal marco no desenvolvimento
4	da ideia contemporânea de direitos humanos. Os direitos inscritos nessa Declaração constituem um conjunto indissociável e interdependente de direitos individuais e
7	coletivos, civis, políticos, econômicos, sociais e culturais,

	sem os quais a dignidade da pessoa humana não se realiza por completo. A Declaração transformou-se, nesta última
10	metade de século, em uma fonte de inspiração para a elaboração de diversas cartas constitucionais e tratados internacionais voltados à proteção dos direitos humanos.
13	Esse documento, chave do nosso tempo, tornou-se um autêntico paradigma ético a partir do qual se pode medir e contestar a legitimidade de regimes e governos.
16	Os direitos ali inscritos constituem hoje um dos mais importantes instrumentos de nossa civilização, visando assegurar um convívio social digno, justo e pacífico.

Internet: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/dhbrasil/pndh>> (com adaptações).

(CESPE) Com base no texto acima e considerando o tema por ele focalizado, julgue os itens subsequentes.

- (1) O termo “Esse documento” (L.13) refere-se a “tratados internacionais” (L.11-12).
- (2) A palavra “paradigma” (L.14) está sendo utilizada com o sentido de conjunto dos termos substituíveis entre si em uma mesma posição dentro da estrutura a que pertencem.
- (3) Entre outros fatores, as atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial levaram governos e sociedades a se preocuparem com a adoção de princípios considerados fundamentais à dignidade humana, entre os quais os chamados direitos humanos.
- (4) Com a chancela da ONU, os direitos humanos foram incorporados pela legislação de todos os países do mundo, cujos governos a eles foram obrigados a se submeter.

1: incorreta. “Esse documento” refere-se a “A Declaração”; **2:** incorreta. “Paradigma”, no trecho, é utilizada no sentido de “padrão”, “exemplo”; **3:** correta. A Segunda Guerra Mundial foi um dos fatores preponderantes para o avanço do reconhecimento dos direitos humanos pelo mundo; **4:** incorreta. Ainda há países que não respeitam integralmente os direitos humanos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isso porque o Direito Internacional não tem poder de coagir os Estados a adotar, em suas legislações, os princípios adotados nos tratados. Basta que um país não queira assiná-lo que nenhum outro país, nem mesmo a ONU, possa suplantá-la sua soberania e obrigá-lo a aplicar as diretrizes estabelecidas.

Gabário 1E, 2E, 3C, 4E

Vovó cortesã

RIO DE JANEIRO – Parece uma queda travada pelos dois braços de uma só pessoa. De um lado da mesa, a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação. Do outro, o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade. Dito assim, parece perfeito – mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.

A Constituição provê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu

passado ou presente em narrativas urdidas ao redor de protagonistas e coadjuvantes. Já o Código Civil, em seu artigo 20, faz com que não apenas o protagonista tenha amparo na lei para se insurgir contra um livro e exigir sua retirada do mercado, como estende essa possibilidade a coadjuvantes de quarta grandeza ou a seus herdeiros.

Significa que um livro sobre D. Pedro 1.º pode ser embargado por algum contraparente da família real que discorde de um possível tratamento menos nobre do imperador. Ou que uma tetra-tetra-tetraneta de qualquer amante secundária de D. Pedro não goste de ver sua remota avó sendo chamada de cortesã – mesmo que, na época, isso fosse de domínio público –, e parta para tentar proibir o livro.

Quando se comenta com estrangeiros sobre essa permanente ameaça às biografias no Brasil, a reação é: “Sério? Que ridículo!”. E somos obrigados a ouvir. Nos EUA e na Europa, se alguém se sente ofendido por uma biografia, processa o autor se quiser, mas o livro segue em frente, à espera de outro que o desminta. A liberdade de expressão é soberana.

É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

(Folha de S. Paulo, 17.08.2012. Adaptado)

(VUNESP) As informações textuais mostram que, em determinados contextos, os preceitos da Constituição e do Código Civil

- (A) são deixados de lado, quando há o interesse em preservar personalidades políticas.
- (B) resguardam as biografias de contestações judiciais para preservar o direito de imprensa.
- (C) preservam o direito à liberdade de expressão para os historiadores e os biógrafos.
- (D) impedem que personalidades sejam destruídas publicamente por seus atos pretéritos.
- (E) entram em choque, opondo diferentes posicionamentos, como no caso das biografias.

A ideia central do texto é transmitir o aparente conflito entre as normas da Constituição, que garantem a liberdade de expressão e o direito à informação, e do Código Civil, que limitam essas garantias por meio do direito à intimidade, honra e imagem das pessoas, situação que fica patente no caso das biografias.

Gabário “E”

(VUNESP) O título, em harmonia e coerência com as informações textuais, reporta à

- (A) liberdade de expressão nos EUA e na Europa.
- (B) falta de publicização da vida das figuras públicas no Brasil.
- (C) divulgação de fatos conhecidos, mas constrangedores.

- (D) arcaica liberdade de expressão prevista na Constituição.
- (E) soberania da liberdade de expressão no mundo.

O título é uma defesa do direito dos historiadores e biógrafos de divulgar fatos verídicos e conhecidos do público, ainda que sejam constrangedores para as personagens históricas ou seus herdeiros.

„C” Gabarito

(VUNESP) Emprega-se a linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

- (A) ... o Código Civil, que garante ao cidadão o direito à privacidade e o protege de agressões à sua honra e intimidade.
- (B) ... mas os copos e garrafas afastados para os lados, abrindo espaço para a luta, não param em cima da mesa.
- (C) A Constituição prevê que os historiadores e biógrafos se voltem para a história do país e reconstituam seu passado ou presente...
- (D) ... a Constituição, que garante a liberdade de expressão, de imprensa e de acesso à informação.
- (E) É a que se propõe a Associação Nacional dos Editores de Livros: arguir no Supremo Tribunal Federal a inconstitucionalidade do artigo 20 do Código Civil.

Linguagem figurada, ou de sentido conotativo é aquela que se vale de palavras normalmente usadas com um determinado sentido, mas querendo dizer outra coisa. É o que se vê na metáfora reproduzida na alternativa «B», que deve ser assinalada. Não há qualquer copo ou mesa de verdade na discussão: trata-se de uma imagem, uma figura (por isso linguagem figurada), para representar as consequências do conflito entre as normas legais. Dizer que «os copos não param em cima da mesa» significa que, no Brasil, a solução adotada é prejudicial à liberdade de expressão, porque ela não consegue conviver (e «perde a luta») com o direito à intimidade, à honra e à imagem das pessoas. As demais alternativas usam a linguagem no sentido denotativo, ou seja, com o significado literal das palavras.

„B” Gabarito

(VUNESP) A frase dos estrangeiros – “Sério? Que ridículo!” – indica que eles

- (A) discordam da proposta da Associação Nacional dos Editores de Livros.
- (B) discordam do artigo 20 do Código Civil.
- (C) concordam com a garantia ao cidadão do direito à privacidade.
- (D) discordam das garantias constitucionais brasileiras.
- (E) concordam com os embargos às publicações.

A frase está inserida no contexto da crítica do autor à prevalência do art. 20 do Código Civil que permite a qualquer pessoa que se sentir prejudicada com uma biografia ou publicação de retirá-la do mercado, limitando a liberdade de expressão e o direito à informação.

„B” Gabarito

Madrugada

Duas horas da manhã. Às sete, devia estar no aeroporto. Foi quando me lembrei de que, na pressa daquela

manhã, ao sair do hotel, deixara no banheiro o meu creme dental. Examinei a rua. Nenhuma farmácia aberta. Dei meia volta, rumei por uma avenida qualquer, o passo mole e sem pressa, no silêncio da noite. Alguma farmácia haveria de plantão... Rua deserta. Dois ou três quarteirões mais além, um guarda. Ele me daria indicação. Deu. Farmácia Metrópole, em rua cujo nome não guardei.

– O senhor vai por aqui, quebra ali, segue em frente.

Dez ou doze quarteirões. A noite era minha. Lá fui. Pouco além, dois tipos cambaleavam. Palavras vazias no espaço cansado. Atravessei, cauteloso, para a calçada fronteira. E já me esquecera dos companheiros eventuais da noite sem importância, quando estremei, ao perceber, pelas pisadinhas leves, um cachorro atrás de mim. Tenho velho horror a cães desconhecidos. Quase igual ao horror pelos cães conhecidos, ou de conhecidos, cuja lambida fria, na intimidade que lhes tenho sido obrigado a conceder, tantas vezes, me provoca uma incontrolável repugnância.

Senti um frio no estômago. Confesso que me bambeou a perna. Que desejava de mim aquele cão ainda não visto, evidentemente à minha procura? Os meus bêbados haviam dobrado uma esquina. Estávamos na rua apenas eu e aqueles passos cada vez mais próximos. Minha primeira reação foi apressar a marcha. Mas desde criança me ensinaram que correr é pior. Cachorro é como gente: cresce para quem se revela o mais fraco. Dominei-me, portanto, só eu sei com que medo. O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, na cidade estranha? Como me arranjaria? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana?

Nunca me senti tão pequeno. Eu estava só, na rua e no mundo. Ou melhor, a rua e o mundo estavam cheios, cheios daqueles passos cada vez mais vizinhos. Sim, vinham chegando. Não fui atacado, porém. O animal já estava ao meu lado, teque-teque, os passinhos sutis. Bem... Era um desconhecido inofensivo. Nada queria comigo. Era um cão notívago, alma boêmia como tantos homens, cão sem teto que despertara numa soleira de porta e sentira fome. Com certeza, saindo em busca de latas de lixo e comida ao relento.

Um doce alívio me tomou. Logo ele estaria dois, três, dez, muitos passinhos miúdos e leves cada vez mais à frente, cada vez mais longe... Não se prolongou, porém, a repousante sensação.

O animal continuava a meu lado, acertando o passo com o meu – teque-teque, nós dois sozinhos, cada vez mais sós... Apressei a marcha.

Lá foi ele comigo. Diminuí. O bichinho também. Não o olhara ainda. Sabia que ele estava a meu lado. Os passos o diziam. O vulto. Pelo canto do olho senti que

ele não me olhava também, o focinho para a frente, o caminhar tranquilo, muito suave, na calçada larga.

(Orígenes Lessa. *Balbino, Homem do Mar*.
Fragmento adaptado)

(VUNESP) O texto é uma narrativa em primeira pessoa na qual o narrador-personagem relata uma situação de

- (A) comicidade, ao encontrar um cachorro realmente perigoso, mas que por sorte não o atacou.
- (B) saudosismo, ao pensar nos cachorros assemelhados aos seres humanos.
- (C) delírio, ao relemburar os perigos vividos ao ser atacado por cachorros conhecidos e desconhecidos.
- (D) temor, ao sair de madrugada pelas ruas e ser acompanhado de um cachorro.
- (E) pavor, ao deparar-se com um cachorro violento que o persegue na madrugada.

A: incorreta. O texto não é cômico, não quer transmitir humor. Além disso, o cão não era realmente perigoso; **B:** incorreta. O autor não revela qualquer saudade do evento, que não lhe foi nada agradável; **C:** incorreta. O autor nunca foi atacado por cães, apenas tinha medo de sê-lo; **D:** correta. O texto relata o temor sentido pelo autor ao ver-se acompanhado por um cachorro, espécie animal de que tinha medo; **E:** incorreta. A personagem não foi perseguida por nenhum cachorro violento.

„D“ „Gabarito“

(VUNESP) O sentimento do narrador, ao pressentir a companhia do cachorro, decorre de

- (A) sua ojeriza em relação a esse tipo de animal.
- (B) seu estado de leve embriaguez e cansaço.
- (C) seu mau humor por causa do creme dental que acabara.
- (D) sua sensação de insegurança com a presença dos bêbados.
- (E) sua saudade dos tempos de infância e de juventude.

Especificamente em relação ao cachorro, a personagem sente ojeriza, que é sinônimo de “nojo”, – “repugnância” que ele confessa sentir pelos animais.

„A“ „Gabarito“

(VUNESP) No trecho – O bicho estava perto. Ia atacar-me a barriga da perna? Passou-me pela cabeça o grave da situação. Que seria de mim, atacado por um cão feroz numa via deserta, em plena madrugada, na cidade estranha? Como me arranjará? Como reagiria? Como lutar contra o monstro, sem pedra nem pau, duas coisas tão úteis banidas pela vida urbana? –, as orações interrogativas indicam as

- (A) evocações do passado do narrador.
- (B) hipóteses levantadas pelo narrador.
- (C) possibilidades de o narrador atacar o bicho.
- (D) brincadeiras do narrador com a situação.
- (E) sugestões dos transeuntes ao narrador.

Tomado pelo temor de ser atacado pelo cachorro, a personagem começa a levantar hipótese, a prever os cenários possíveis para aquela situação. Não se trata de brincadeiras (apesar do notável exagero em algumas hipóteses), porque o autor estava realmente com medo do animal.

„B“ „Gabarito“

Texto

Autobiografia desautorizada

1	Olá! Meu nome não é Fidalgo. Fidalgo é meu sobrenome. O nome é Luiz Antonio Alves. Minhas atividades como cidadão comum... não sei se isso interessa,
4	mas... vai lá: sou funcionário público. Trabalho (e como trabalho) com análise de impressões digitais, ou seja, sou um papiloscopista (nesse momento o computador
7	fez aquele serrilhadinho vermelho embaixo da palavra “papiloscopista”). Tudo bem, a palavra ainda não consta no dicionário interno do mané.
10	Bom, com base nas minhas atividades artísticas, pode-se dizer que eu sou um poeta curitibano. Não fui eu quem disse isso. Vejam bem, existe um livro intitulado
13	Antologia de Poetas Contemporâneos do Paraná, II Concurso Helena Kolody. Pois eu estou nesse livro, juntamente com três poemas que, por causa do tamanho
16	diminuto, lembram um <i>hai-kai</i> . Pois é, fechada essa questão de eu já poder ser tratado como um poeta curitibano, quero dizer que agora
19	estou estreado como contista, digo microcontista, uma vez que se trata de um livro com miniestórias chamadas por mim (talvez exageradamente) de microcontos.

Luiz Antonio A. Fidalgo. Autobiografia desautorizada.
Internet: <www.curitiba.pr.gov.br> (com adaptações).

(CESPE) Julgue os itens a seguir, referentes ao texto acima.

- (1) As expressões “Olá!” (l.1) e “Vejam bem” (l.12) indicam que o autor está se dirigindo ao leitor.
- (2) A palavra “Autobiografia”, no título do texto, indica que o autor está falando a respeito da vida de uma terceira pessoa.
- (3) A palavra “Fidalgo” (l.1) é formada a partir da expressão filho de algo e costuma ser usada no português como sinônima de nobre.
- (4) O termo “mané” (l.9) faz referência aos cidadãos comuns de que trata o texto.
- (5) Em vez de “Não fui eu quem disse isso” (l.11-12), estaria igualmente correto escrever “Não fui eu aquele que disse isso.”
- (6) A partir da leitura do texto, é possível concluir que um “hai-kai” (l.16) é um tipo de poema que se caracteriza pelo tamanho pequeno.
- (7) A palavra “microcontista” (l.19) também poderia ter sido grafada corretamente com hífen (micro-contista).

1: correta. Trata-se da função fática da linguagem; 2: incorreta. O prefixo “auto” indica que o termo seguinte refere-se a própria pessoa, como em “autorretrato”; 3: correta; 4: incorreta. “Mané”, no trecho, foi usado em tom pejorativo, com o sentido de “tolo”, “burro”; 5: correta. Na oração, “quem” tem valor de prenome demonstrativo, sendo perfeitamente possível sua substituição por “aquele”; 6: correta. O autor compara seus poemas a um “hai-kai”, colocando como semelhança o tamanho diminuto, pequeno; 7: incorreta. Quando prefixo termina com vogal e o termo principal começa com consoante, não se admite o uso do hífen.

Cabrito 1C, 2E, 3C, 4E, 5C, 6C, 7E

Texto

Papiloscopista quer esclarecer profissão

1	O Sindicato dos Profissionais da Ciência da Papiloscopia realiza amanhã palestras de conscientização sobre o trabalho desses profissionais, que comemoram em
4	cinco de fevereiro o seu dia. De acordo com a presidente do sindicato, Lucicleide do Espírito Santo Moraes, apesar de desenvolver atividades
7	essenciais nas áreas civil e criminal, o papiloscopista não é um profissional reconhecido pela população. A maioria das pessoas não sabe, diz ela, que o
10	profissional da papiloscopia realiza desde a expedição da carteira de identidade e atestado de antecedentes, até perícias para a identificação da autoria de delitos e também dos
13	cadáveres que são levados ao Instituto Médico Legal. É o papiloscopista que busca e pesquisa as impressões digitais que são fundamentais para desvendar crimes. “A população
16	necessita diariamente desse serviço, mas em geral ela desconhece o profissional que o realiza”, observa Lucicleide Moraes.

Internet: <www.diariodecuiaba.com.br> (com adaptações).

(CESPE) Com referência aos aspectos semânticos e gramaticais do texto acima, julgue o item que se segue.

- (1) Segundo o texto, o fato de a população desconhecer o profissional que presta serviços de papiloscopia justifica a realização de palestra de conscientização.

1: correta, pois tal fato pode ser inferido do texto.

Cabrito 1C

7	Todo o lixo eletrônico produzido no Brasil será inventariado para que as empresas firmem um pacto de recolhimento e reciclagem. Acordo nesse sentido foi assinado
4	no dia 10 de maio, em São Paulo, pela ministra do Meio Ambiente e pelo presidente do Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE). “Saiu um relatório da Organização
7	das Nações Unidas (ONU) dizendo que o Brasil é o quarto ou quinto país no mundo em número de lixo eletrônico, e nós vamos fazer agora um inventário para saber qual é o

10	comportamento do nosso país diante do problema”, afirmou a ministra. De acordo com dados apresentados no documento do
13	Programa Nacional das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), divulgado no começo deste ano, o mundo produz, a cada ano, cerca de 40 milhões de toneladas de lixo eletrônico
16	a mais que no ano anterior, estando o Brasil entre os maiores produtores. Segundo a ministra, a ideia é fazer um inventário, dimensionar o tamanho do lixo eletroeletrônico brasileiro e
19	conhecer o destino que é dado atualmente a esse tipo de material. Na opinião do presidente do CEMPRE, é importante que a maioria das empresas do setor participe da elaboração do
22	inventário. “A previsão é de que possamos fazê-lo em quatro meses, sob a coordenação do Ministério do Meio Ambiente”, explicou.
25	Outra novidade é a inauguração de um sítio de informações sobre o modo de descarte de aparelhos como computadores, impressoras, telefones celulares, câmeras e até
28	geladeira. O consumidor poderá consultar, nos sítios do CEMPRE e do Ministério do Meio Ambiente (MIMA), os locais de coleta e de reciclagem dos materiais.
31	A ministra informou que o MIMA está estudando a adoção de medidas de estímulo ao consumidor, como a redução de impostos ou a distribuição de cupons de troca por outros
34	produtos. “Com isso a gente espera permitir uma mudança no comportamento do consumidor para que ele passe a entender o que significa comprar, às vezes de maneira desenfreada, sem
37	entender onde vai ficar o resultado dessa compra. “Atualmente, tramita no Senado Federal o projeto da
40	Política Nacional de Resíduos Sólidos. “Estamos nos antecipando a uma lei que está sendo votada para assegurar que o empreendedor ou aquele que gera um produto, que vai dar no
43	lixo, tenha a responsabilidade de recolhê-lo, dando a esse produto a destinação adequada”, concluiu a ministra.

Internet: <www.ecodesenvolvimento.org.br> (com adaptações).

(CESPE) Com relação às ideias expressas no texto, assinale a opção correta.

- (A) O documento a que se refere o texto fixou o dia 10 de maio de 2010 como a data de início da catalogação de todo o lixo eletrônico produzido no Brasil.
- (B) A execução do inventário a que se refere o texto possibilitará que se obtenha informação sobre o montante de lixo eletrônico existente no Brasil e a sua destinação.
- (C) Conforme se depreende do texto, para que o inventário referente à produção de lixo eletrônico fique pronto em quatro meses, é necessária a adesão da maioria das empresas ao acordo firmado entre o MMA e o CEMPRE.
- (D) O incentivo à participação do consumidor na entrega de materiais eletrônicos para reciclagem faz parte do acordo estabelecido entre o MIMA e o CEMPRE.

- (E) De acordo com o texto, o consumidor não se importa com a destinação do produto eletrônico encaminhado para reciclagem.

Dentre as alternativas, a única que pode ser corretamente depreendida da leitura do texto é a letra "B", cuja informação é retirada das linhas 17 a 20 do texto.

„B” Gabarito

	Questões como a necessidade de aprimorar a
	eficiência no uso, no tratamento e na distribuição da água são
4	discutidas diariamente ao redor do mundo, porém o fato é que
	um bilhão de pessoas não têm acesso à água potável segundo
	dados oficiais da ONU. Atualmente, existe um movimento de
7	especialistas para que a cobrança sobre o uso da água aumente
	como uma forma de arrecadar dinheiro para lidar com o
	problema. Em Washington, por exemplo, há um plano de
	dobrar o preço da água ao longo dos próximos cinco anos para
10	ajudar a cidade a restaurar os encanamentos, que já têm
	76 anos de idade.
	De acordo com a Organização para a Cooperação e
13	Desenvolvimento Econômico (OCDE), que acaba de publicar
	três relatórios sobre a questão, colocar o preço certo na água
	incentivará as pessoas a investir mais em infraestrutura e a
16	desperdiçar e poluir menos. Em muitos países, tarifas já são
	aplicadas sobre o uso da água, tendo aumentado principalmente
	em conjunto com os investimentos em sistemas de tratamento
19	de efluentes mais adequados ambientalmente. Os preços variam
	bastante, de forma que uma banheira cheia pode custar dez
	vezes mais na Dinamarca e na Escócia do que no México.
22	O desafio, segundo a OCDE, é equilibrar objetivos
	financeiros, ambientais e sociais nas políticas de precificação
	da água. Atualmente, a agricultura utiliza mais água do que
25	residências e indústrias juntas, cerca de 70% do consumo
	global de água potável. Um dos relatórios demonstra que,
	apesar de este uso ter diminuído em alguns países,
28	principalmente no leste europeu, outros países, como Grécia,
	Coreia, Nova Zelândia e Turquia, registraram grandes
	aumentos desde a década passada.
31	As projeções indicam que, em 2050, o consumo de
	água direcionado à produção agrícola para alimentar a
	crescente população mundial deve dobrar. Um dos relatórios
34	da OCDE sugere que os agricultores paguem não apenas os
	custos operacionais e de manutenção da água, mas também
	parte dos custos da infraestrutura. É citado o exemplo da
37	Austrália, que conseguiu cortar a água para irrigação
	pela metade sem perdas na produção.
	Outro relatório examina maneiras de atrair novos
40	recursos financeiros para fortalecer investimentos nos serviços
	de água e saneamento. Por exemplo, o estado indiano de Tamil
	Nadu melhorou o acesso ao mercado de pequenas usinas de
43	resíduos ao juntar os projetos de água e saneamento em pacotes
	de investimento e combinar diferentes fontes de capital para
	financiar os pacotes. Isto reduz o risco de inadimplência,

46	aumenta o volume financeiro e corta custos transacionais.
	Outros mecanismos financeiros inovadores que têm
	sido implantados com sucesso incluem a mescla de subvenções
49	e financiamentos reembolsáveis e microfinanciamentos.

Fernanda B. Muller. Cobrar mais pelo uso pode ser a solução para a água. Internet: <www.envolverde.org.br> (com adaptações).

(CESPE) Assinale a opção correta de acordo com as ideias do texto.

- (A) Especialistas estão mobilizados em todos os países do mundo para que se aumente a cobrança relativa ao uso da água.
- (B) Infere-se da leitura do texto que, idealmente, o preço cobrado pelo uso da água deveria ser o mesmo em qualquer localidade do planeta.
- (C) Para que objetivos financeiros, ambientais e sociais estejam equilibrados, o consumo de água nas atividades agrícolas deve ser menor do que nas residências e nas indústrias.
- (D) Como o consumo de água pelos agricultores deve aumentar, deveria aumentar também o capital investido pelo setor agrícola nos gastos relativos a esse aumento.
- (E) De acordo com o relatório da OCDE, as medidas adotadas na Austrália e na Índia com relação à água devem ser adotadas em diversos países, dada a necessidade de uso racional desse recurso natural.

Com exceção da alternativa "D", todas as demais não representam as ideias contidas do texto.

„D” Gabarito

NADA MUDOU

	“Em outros declives semelhantes, vimos, com
	prazer, progressivos indícios de desbravamento, isto é,
	matas em fogo ou já destruídas, de cujas cinzas
	começavam a brotar o milho, a mandioca e o feijão”.(...)
5	“Pode-se prever que em breve haverá falta até de madeira
	necessária para construções se, por meio de uma
	sensata economia florestal, não se der fim à livre
	utilização e devastação das matas desta zona”.
	“As ervas desse campo, para serem removidas e
10	fertilizar o solo com carbono e extirpar a multidão de insetos
	nocivos, são queimadas anualmente pouco antes de
	começar a estação chuvosa. Assistimos, com espanto, à
	surpreendente visão da torrente de fogo ondulando poderosamente
	sobre a planície sem fim.” (...) Há a atividade
15	dos homens que esburacam o solo (...) para a extração
	de metais. (...)” “Infelizmente (...), ávidos da carne do tatu
	galinha, não ponderam sobre essas sábias disposições.
	Perseguem-no com tanta violência, como se a espécie